



# WAVEKRURÊ DISTINTOS OLHARES

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

213

SENADO FEDERAL







.....

WAWEKRURÊ  
DISTINTOS OLHARES

## *Mesa Diretora*

Biênio 2019–2020

Senador Davi Alcolumbre  
*Presidente*

Senador Antonio Anastasia  
*1º Vice-Presidente*

Senador Lasier Martins  
*2º Vice-Presidente*

Senador Sérgio Petecão  
*1º Secretário*

Senador Eduardo Gomes  
*2º Secretário*

Senador Flávio Bolsonaro  
*3º Secretário*

Senador Luis Carlos Heinze  
*4ª Secretária*

### *Suplentes de Secretário*

Senador Marcos do Val  
Senador Weverton

Senador Jaques Wagner  
Senadora Leila Barros

## *Conselho Editorial*

Senador Randolfe Rodrigues  
*Presidente*

Esther Bemerguy de Albuquerque  
*Vice-Presidente*

### *Conselheiros*

Alcinéa Cavalcante  
Aldrin Moura de Figueiredo  
Ana Luísa Escorel de Moraes  
Ana Maria Martins Machado  
Carlos Ricardo Cachiollo  
Cid de Queiroz Benjamin  
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque  
Eduardo Rômulo Bueno  
Elisa Lucinda dos Campos Gomes  
Fabrício Ferrão Araújo

Heloísa Maria Murgel Starling  
Ilana Feldman Marzochi  
Ilana Trombka  
João Batista Gomes Filho  
Ladislau Dowbor  
Márcia Abrahão de Moura  
Rita Gomes do Nascimento  
Vanderlei dos Santos Catalão  
Toni Carlos Pereira

.....  
*EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL – VOL. 213*

# WAWEKRURÊ DISTINTOS OLHARES

*Rodolfo Ward*

*(Organizador; fotografias; diagramação; capa e editoração;  
projeto gráfico; paginação e arte final)*



*BRASÍLIA – 2019*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
Vol. 213

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país, e também obras da história mundial.

Organização e Revisão: Joaquim Campelo Marques, Cristiano Ferreira, Renata Gomes Chilano Decaro e SEGRAF  
Editoração eletrônica: Cintia Barbosa dos Santos e Cinthia Mendes Batista de Sousa

Projeto gráfico: Serviço de Multimídia do Senado Federal (Semid)  
© Senado Federal, 2019  
Congresso Nacional  
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF  
cedit@senado.gov.br  
<http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho>  
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-528-0066-8

.....  
Wawekrurê : distintos olhares / Rodolfo Ward, organização, fotografias.  
– Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.

202 p. : il., fotos. – (Edições do Senado Federal ; v. 213)

Textos em português, inglês e francês.

1. Desenvolvimento social, Tocantins. 2. Desenvolvimento cultural, Tocantins. 3. Comunidade indígena, fotografias, Tocantins. 4. Quilombola, fotografias, Tocantins. 5. Seminário Internacional Crise Civilizacional: distintos olhares (2009 : Palmas, TO), fotografias. I. Título. II. Série.

CDD 303.44098117  
.....

.....

## *Sumário*

Agradecimentos especiais

*pág. 9*

Dedicatória

*pág. 9*

Palavra do autor

*pág. 11*

A crise civilizacional: olhares do Sul

*pág. 20*

Saídas da crise civilizacional

*pág. 26*

Interdisciplinaridade e meio ambiente

*pág. 34*

Marco para um Estado da Região Norte

*pág. 39*

Um acontecimento extraordinário;

um fotógrafo sensível

*pág. 45*

Quilombo

*pág. 51*

Econologia: o progresso do progresso

*pág. 58*

Seminário

*pág. 81*

Para um pensamento do Sul

*pág. 102*

Aldeias

*pág. 123*

O “outro” é desnativizado

*pág. 137*



Memória, cultura e arte

*pág. 148*

Imagens de um encontro

*pág. 157*

Os direitos das primeiras nações –

Jogos dos povos indígenas

*pág. 171*

Posfácio

*pág. 176*

Manifesto Tocantins,

24 de junho de 2009

*pág. 191*

## *Agradecimentos especiais*

Agradeço aos autores que disponibilizaram seu tempo e acreditaram nesta obra.

Em Especial, ao Directeur scientifique Institut International de Recherche Politique de Civilisation - Poitiers - France, Alfredo Pena Vega; ao Professor, Jornalista e Membro da Academia Palmense de Letras, Wolfgang Teske, ao Professor e coordenador do Laboratório de Estudos sobre o Turismo Sustentável do CDS/UNB, Elimar Nascimento e ao Vicente Alves de Oliveira, Senador pelo Tocantins, que apoiaram, acreditaram no projeto e proporcionaram meios para a confecção deste fotolivro que tem objetivo de difusão do conhecimento científico e tradicional do povo e cultura brasileira.

Ao Cacique Xerente, Ribamar Xerente, representando a Associação Indígena Xerente.

Ao Presidente da Associação do Quilombo Malhadinha, Pastor José Rodrigues.

E também, a Edgar Morin, por me proporcionar estes momentos únicos retratados nesta obra.

## *Dedicatória*

Dedico esse Fotolivro a Hertz Ward de Oliveira, Meu Pai, Orgulho, Herói, Meu Maior Exemplo, Primeiro Médico de Palmas-TO, In Memoriam.

À Rosemary de Araújo Melo Ward de Oliveira, Minha Mãe, Sempre Olhando Por Mim, Orgulho, Heroína, Primeira Enfermeira de Palmas-TO.

Frederico Oliveira e Rafael Oliveira, Meus Irmãos, Pessoas de Grande Coração, Grandes Potenciais, Que Amo muito!

Para Meu Filho que no Brilho dos Seus Olhos Reflete as Novidades; o Sorriso em Seu Rosto Ilumina Meus Caminhos e me dá Forças para Continuar Todos os Dias Seguindo em Frente, Quebrando Barreiras e Vencendo Obstáculos.

E ao Meu Criador, pela Oportunidade de Estar Neste Mundo e por ter me dado a capacidade criativa de correr atrás dos meus sonhos.



## PALAVRA DO AUTOR

Este Fotolivro é uma obra contemporânea, interdisciplinar, diferente dos padrões de publicações com caráter unicamente disciplinar e/ou científico. É uma obra autoral, cultural, histórica, que visa uma estética potencializada e produzida a partir da opinião pessoal dos diversos autores convidados. Uma obra trilingue: português, inglês e francês, fruto do Seminário Internacional “Crises Civilizacionais – Distintos Olhares”, que ocorreu em 2009, realizado na Universidade Federal do Tocantins. Na ocasião, o filósofo e pensador Edgar Morin realizou um sonho que ainda não havia conseguido concretizar em suas várias passagens pelo Brasil: visitou duas aldeias indígenas e um quilombo e foi acompanhado de perto pelas lentes do artista contemporâneo Rodolfo Ward.

As fotografias apresentadas retratam este fragmento histórico sobre personagens visíveis e IN-visíveis que compuseram e compõem a história do Tocantins. São, além da figura de Morin, e dos outros pesquisadores de renome internacional, moradores das Aldeias Xerente, Porteira e Salto, localizadas no município de Tocantínia e moradores do Quilombo Malhadinha, localizado em Brejinho do Nazaré.

Personagens que fazem parte da cultura local e, no entanto, ficam IN-visíveis por não estarem inseridos no contexto social das grandes cidades ou do ciberespaço. As fotografias tematizam RASTROS DE MEMÓRIA FUTURA, visto que os registros foram feitos no passado, criando uma discussão no presente e servirão de referência, no futuro, aos interessados no assunto.

Os textos do livro foram escritos, a convite do autor, por Alan Barbiero (Secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Tocantins), Alfredo Pena Vega (Pesquisador e Diretor do Centro do Edgar Morin), Cristovam Buarque (Senador e Professor da UNB), Donald Sawyer (Pesquisador do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UNB), Elimar Pinheiro do Nascimento (Pesquisador do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UNB), Marina Silva (Professora, Ex-Senadora e Ex-Ministra do Meio Ambiente), Massimo Canevacci (Pesquisador da Universidade de Roma e do IEA-USP), Francisco Perna Filho (Poeta e Membro da Academia Tocantinense de Letras), Marcos Terena (Escritor, Comunicador e Articulador Internacional dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas), Rose Vidal (Jornalista, Diretora de Cultura do Politicom e membro da

Unesco) e Wolfgang Teske (Jornalista e Membro da Academia Palmaresense de Letras).

Após alguns anos com essas fotografias adormecidas, o autor resolveu que era hora de trazê-las ao público. Morin foi um dos grandes pesquisadores, dentre os quais este fotógrafo teve oportunidade de estudar quando cursou Comunicação Social – Publicidade e Propaganda durante sua passagem pela Universidade Católica de Brasília – UCB, há pouco tempo, e agora tem a oportunidade de lançar este fotolivro sobre sua vinda à capital mais nova do Brasil. Cidade calorosa, na qual teve a oportunidade de crescer em meio aos canteiros de obras, barro vermelho, “florestas de girassóis”, seriemas, besouros “gigantes”, escorpiões, cobras. Na época, não era difícil, ao nascer do sol, ver um lobo-guará se aproximar das “5 casas”<sup>1</sup>. Neste ambiente incrível, o artista se desenvolveu e pode desfrutar uma infância próxima à natureza sem tantas intervenções humanas.

As fotografias foram divididas em três blocos, cada parte contém tanto teor fotodocumental como artístico e podem ser inter-

pretadas a partir da visão particular de cada leitor, baseado em sua cultura e experiência de vida.

A primeira parte da obra registra a passagem de Morin pelo Quilombo Malhadinha, em Brejinho do Nazaré, o primeiro encontro de Morin com os Quilombolas Brasileiros. Foi recebido com festa e apresentações sobre a cultura local, encenada por atores da comunidade que representaram a história do Quilombo e a importância do contato com a natureza. Aprendeu sobre o preparo da farinha de mandioca e da rapadura. Experimentou a culinária típica da região, as frutas, bolos, paçoca, licor de Murici, a garapa e seu processo artesanal. Foi benzido por uma moça da comunidade e conheceu os instrumentos utilizados no cotidiano das famílias quilombolas do Malhadinha, além de conversar com o líder da comunidade, pastor José de Souza Neto, sobre a organização política e social do local.

A segunda parte do livro mostra o Seminário em si, a participação de Morin e das grandes personalidades nacionais e internacionais, os momentos de apresentações, palestras, debates, relações interpessoais surgidas durante o evento. Foi onde ocorreu o momento mais marcante e simbólico presenciado pelo autor no meio acadêmico, o título *hono-*

---

<sup>1</sup> As casas dos pioneiros de Palmas, Tocantins, que foram construir a cidade. A casa do médico, do engenheiro, do arquiteto, a Casa Civil e a Casa Militar.

*ris causa* dado pela UFT ao filósofo contemporâneo, Edgar Morin, e à quebradeira de coco, Dona Raimunda, possuidora do saber vivido. Houve uma Quadrilha, dança típica que tomou conta do último dia de Seminário da qual fez parte Morin.

Ao final do Seminário, foi elaborado um documento intitulado “O Manifesto Tocantins”, criado em conjunto e assinado por todos que participaram do Evento Internacional.

A terceira parte da obra mostra a visita às aldeias indígenas Salto e Porteira, localizadas no município de Tocantínia, que foram as primeiras Aldeias Indígenas, visitadas por Morin no Brasil. Lá, Morin assinou um acordo com a comunidade indígena, no qual ofereceu algumas bolsas de estudos a alunos indígenas, e foi recebido com honras e uma belíssima festa pelas duas Aldeias. Houve a tradicional corrida de toras, pinturas corporais, mostra de artesanato, troca de experiências. Morin experimentou o Paparuto, comida típica de carne de gado e mandioca assada em folhas de bananeira e enterrada nas brasas. Foi batizado integrante do clã Krozakê, com o nome Wawekrurê – “Ancião Respeitado”, em idioma Xerente. Conversou com os líderes da tribo, como o decano Severiano, de 93 anos de idade, e o cacique Ribamar,

que falaram principalmente sobre a preocupação em educar formalmente os jovens do local.

A diagramação dos textos é intercalada com as fotos, com objetivo de tornar o livro dinâmico. Cada texto é uma opinião pessoal de responsabilidade de cada autor sobre o evento, as fotografias, as causas socioambientais, culturais, políticas, econômicas e a condição humana no mundo contemporâneo. Cada fala, juntamente com as fotografias, compõe a obra como um todo.

Essa é a essência deste livro, foi o pedido do organizador para os autores e um pedido aos leitores. Quebrem barreiras, divirtam-se, apreciem a vista.

Rodolfo Ward  
Organizador

## **A NOTE FROM THE AUTOR**

This photobook is a contemporary, interdisciplinary work different of standards with only disciplinary and/or scientific character publications. It is an authorial, cultural, historical work that aims an aesthetic enhanced and produced from the personal opinion of the various guest authors. A trilingual Portuguese, English and French work fruit of civilizational International Crisis Seminar – Distinctive looks, which occurred in 2009 held at the Federal University of Tocantins. On the occasion the philosopher and thinker Edgar Morin fulfilled a dream that had not yet succeeded achieving in its various passages by Brazil visited two indigenous villages and Quilombo, and was closely followed by the lens of the contemporary artist Rodolfo Ward.

The photos depict this historical fragment about visible and invisible characters that composed and compose the history of Tocantins. Are beyond the figure of Morin and other researchers of international renown, the villages residents of Porteira Xerentes and Salto located in the municipality of Tocantínia and residents located in the Quilombo Malhadinha in Brejinho do Nazaré. Characters that are part of

the local culture, and yet, they are invisible because they are not included in the social context of large cities or in cyberspace. The photos thematize TRACES OF FUTURE MEMORY, since the records were made in the past, creating a discussion in the present and will serve as reference in the future, to those interested in the subject.

The texts of the book were written by invitation of the author, by Alan Barbiero (Secretary of Environment and Sustainable Development of Tocantins), Alfredo Pena Vega (Researcher and Director of the Edgar Morin Center), Cristovam Buarque (Senator and Professor of UNB), Donald Sawyer (Researcher at UNB Sustainable Development Center), Elimar Pinheiro do Nascimento (Researcher at UNB Sustainable Development Center), Marina Silva (Professor, Former Senator and Former Minister of the Environment), Massimo Canevacchi (Researcher at the University of Rome and IEA-USP), Francisco Perna Filho (Poet and member of the Tocantinense Letters Academy), Marcos Terena (Writer, Communicator and International Articulator of the World Indigenous Peoples Games), Rose Vidal (Journalist, Director of Culture of Politicom and member of UNESCO) and Wolfgang Teske (Journalist and

Member of the Palmense Academy of Letters).

After a few years with those dormant photographs, the author decided it was time to bring them to the public. Morin was one of the great researchers of which photographer took this opportunity to study when he attended the Social Communication – Advertising college during his passage at the Catholic University of Brasília – UCB, a little while ago and now has the opportunity to release this picture book about his coming to the newest capital in Brazil. Warm city, which he had the opportunity to grow amidst the construction sites, red clay, “forests of sunflowers”, seriemas, “giant” beetles, scorpions and snakes. At the time, it was not difficult at sunrise to see a maned wolf approaching “5<sup>1</sup> houses”. In this amazing setting the artist was raised and could enjoy a childhood close to nature without so many human intervention.

The photographs were divided into three blocks, each part contains both photodocumentary and art content and can be interpreted from the view of each parti-

cular reader, based on their culture and life experience.

The first part records the passage of Morn at the Quilombo Malhadinha in Brejinho de Nazaré, the first meeting of with Brazilian quilombolas. He was received with celebrations and presentations about the local culture of the community staged by actors representing the story of quilombo and the importance of contact with nature. Learned about preparing manioc flour and brown sugar. Experienced the typical cuisine of the region, fruits, cakes, peanut candy, Murici’s liquor, garapa and their handmade process. Was blessed by a young woman from the community and met the instruments used in the daily lives of quilombolas families from Malhadinha, and also talked to the community leader, Pastor José de Souza Neto, about the political and social organization of the site.

The second part of the book shows the Seminar itself, the participation of Morin and the great national and international personalities, moments of presentations, lectures, debates, interpersonal relationships that arose during the event. Was where the most striking and symbolic moment occurred witnessed by the author in the academic environment, the honorary degree given by UFT to the con-

---

1 The houses of the pioneers of Palmas, Tocantins, who went to build the city. The house of the doctor, the engineer, the architect, the Civil House and the Military House.



temporary philosopher, Edgar Morin, and crash coconut, Dona Raimunda, possessor of experienced knowledge. There was a quadrilha, a typical dance that has engulfed the last day of the seminar which Morin took place.

At the end of the seminar was prepared a document entitled, The Manifesto Tocantins, jointly developed and signed by all who participated in the international event.

The third part of the book shows the visit to Indigenous Village Porteira e Salto, located in the city of Tocantínia and the first Indigenous Villages visited by Morin in Brazil. There Morin signed an agreement with the Indian community in which offered some scholarships to indigenous students and was received with honors and a gorgeous feast by the two villages. There was the traditional race with trunk, body painting, craft shows, exchange of experiences. Morin tried out Paparuto, the typical food of beef from cattle and manioc baked in banana leaves and buried in the coals. Was baptized as a member of the clan Krozakê, and named Wawekrurê meaning "Respected Elder" in the Xerente language. He also talked with the leaders of the tribe, as dean Severiano, 93 years old, and chief-tain Ribamar, who spoke mostly

about the concern to formally educate the local youth.

The layout of the texts is interspersed with photos in order to make the book dynamic. Each text is a personal opinion of responsibility of each author about the event, photographs, the layout of the texts are interspersed with photos in order to make the book dynamic. Each text is a personal opinion of responsibility of each author about the event, photographs, social environmental causes, cultural, political, economic and human condition in the contemporary world.

This is the essence of this book, was the request from the organizer to the authors and a request to the readers. Break barriers, have fun, enjoy the view.

Rodolfo Ward  
Organizer Author

## QUELQUES MOTS DE L'AUTEUR

Ce livre-photo est une oeuvre contemporaine, interdisciplinaire différente des publications standards avec un caractère uniquement disciplinaire et/ou scientifique. C'est une oeuvre d'auteur, culturelle, historique qui se veut d'une esthétique potentialisée et produite à partir de l'opinion personnelle des différents auteurs invités. Une oeuvre trilingue, portugaise, anglaise et française, fruit du Séminaire International, "Crises Civilisationnelles – Regards Distinctifs", qui s'est déroulé en 2009, réalisé à l'Université Fédérale Tocantins. À cette occasion, le philosophe et penseur Edgar Morin a réalisé un rêve qu'il n'avait pas encore réussi à concrétiser lors de ses nombreux passages au Brésil, il a visité deux villages indigènes et un village quilombo et a été accompagné de près par l'objectif de l'appareil photo de l'artiste contemporain, Rodolfo Ward.

Les photographies présentées représentent ce fragment historique sur les personnages visibles et INvisibles qui ont composé et composent encore l'histoire du Tocantins. IN- plus du visage de Morin, et des autres chercheurs renommé internationalement, les habitants des villages Xerentes, Porteira et

Salto, localisés dans la région de Tocantinia et les habitants du Quilombo Malhadinha localisés à Brejinho do Nazaré. Des personnages qui font partie de la culture locale et, pourtant, demeurent INvisibles à cause du fait qu'ils ne sont pas insérés dans le contexte social des grandes villes ou du cyberspace. Les photographies ont comme thème TRACES D'UNE MÉMOIRE FUTURE, étant donné que les enregistrements ont été effectués dans le passé, créant une discussion au présent et serviront de référence, dans le futur, pour les personnes intéressées par le sujet.

Les textes du livre ont été écrits sur invitation de l'auteur, par Alan Barbiero (Secrétaire à l'environnement et au développement durable de Tocantins), Alfredo Pena Vega (Chercheur et directeur du Centre Edgar Morin), Cristovam Buarque (Sénateur et professeur à l'UNB), Donald Sawyer (Chercheur au Centre de développement durable de l'UNB), Elimar Pinheiro do Nascimento (Chercheur au Centre de développement durable de l'UNB), Marina Silva (Professeur, ancienne sénatrice et ancienne ministre de l'Environnement), Massimo Canevacci (Chercheur à l'Université de Rome et IEA-USP), Francisco Perna Filho (Poet et membre de

L'Académie de Lettres Tocantiniennes), Marcos Terena (Écrivain, Communicatrice et organisateur des Jeux Mondiaux des Peuples Autochtones), Rose Vidal (Journaliste, directrice de la Culture de Politicom et membre de l'UNESCO) et Wolfgang Teske (Journaliste et Membre de l'Académie des Lettres Palmense).

Avec ces photographies endormies depuis quelques années, l'auteur s'est décidé qu'il était temps de les dévoiler au grand public. Morin a été l'un des grands chercheurs, ce photographe à eu l'occasion d'étudier durant ses études de communication sociale – publicité et propagande pendant son passage à l'université catholique de Brasilia – UCB, récemment et maintenant, il a l'occasion de lancer ce livre-photo en parlant de son séjour dans la plus jeune capitale du Brésil. Ville chaleureuse, dans laquelle il a eu l'occasion de grandir à travers les différents endroits encore en travaux, sur la terre rouge, “des forêts de tournesols”, des coléoptères “géants”, des scorpions, des serpents. À cette époque, il était fréquent de découvrir un loup à crinière dans cet environnement incroyable, l'artiste s'est développé et a pu profiter d'une enfance proche de la nature

encore libre d'interventions humaines.

Les photographies ont été divisées en trois blocs, chaque partie possède un contenu tant documentaire qu'artistique et peut être interprétée à partir de la vision particulière de chaque lecteur, basée sur sa culture et son expérience de vie.

La première partie montre le passage de Morin au Quilombo Malhadinha, à Brejinho do Nazaré, la première rencontre de Morin avec les Quilombolas Brésiliens. Il fut accueilli avec une grande fête et des présentations sur la culture locale mises en scène par des acteurs de la communauté qui ont représenté l'histoire du Quilombo et l'importance du contact avec la nature. Il a découvert la préparation de la farine de manioc et de la rapadura (friandise ndlt). Il a goûté la cuisine typique de la région, les fruits, les gâteaux, la paçoca, la liqueur de Murici, la garapa et son processus artisanal. Il a été béni par une fille de la communauté et a connu les instruments utilisés dans le quotidien des familles quilombolas du Malhadinha, en plus de discuter avec le leader de la communauté, le pasteur José de Souza Neto, à propos de l'organisation politique et sociale de l'endroit.

La seconde partie du livre montre le Séminaire en soi, la participation de Morin et des grandes personnalités nationales et internationales, les moments des présentations, conférences, débats, des relations interpersonnelles qui sont apparues pendant l'événement. Ce fut alors le moment le plus marquant et le plus symbolique vu par l'auteur dans le milieu universitaire, le doctorat honoris causa donné par l' UFT au philosophe contemporain, Edgar Morin, et la casseuse de noix de coco, Dona Raimunda, possesseur du savoir vécu. Il y a eu des danses folkloriques, danses typiques qui ont envahi le dernier jour de Séminaire auquel a participé Morin.

Au terme du Séminaire, on a élaboré un document intitulé, "Le Manifeste Tocantins", créé en collaboration et signé par tous ceux qui ont participé à L'Événement International.

La troisième partie du livre montre la visite des villages indigènes Salto et Porteira, situés dans la région de Tocantínia et les premiers villages indigènes visités par Morin au Brésil. Là, Morin a signé un accord avec la communauté indigène dans lequel il a offert quelques bourses d'études à des élèves indigènes et a été reçu avec les honneurs et une superbe fête

organisée par les deux villages. On a assisté à la course traditionnelle du tronc, à des peintures corporelles, des pièces d'artisanat, des échanges d'expériences. Morin a goûté le Paparuto, nourriture typique de viande de boeuf et manioc grillée dans des feuilles de bananes et enterrée dans les braises. Il a été baptisé intégrant du clan Krozakê, avec le nom Wawekrurê – « L'Ancien Respecté », en langue Xerente. Il a discuté avec les leaders de la tribu, comme le doyen Severiano, âgé de 93 ans, et le chef indigène Ribamar, qui ont parlé principalement de leurs préoccupations envers l'éducation formelle de la jeunesse locale.

Le diagramme des textes est intercalé avec les photos dans l'objectif de rendre le livre dynamique. Chaque texte est une opinion personnelle de responsabilité de chaque auteur sur l'événement, les photographies, les causes socioenvironnementales, culturelles, économiques et la condition humaine dans le monde contemporain. Chaque texte relatif aux photos compose l'oeuvre dans sa globalité.

Ceci est l'essence de ce livre, ce fut le souhait de l'organisation pour les auteurs et une demande des lecteurs. Franchissez les barrières

res, amusez-vous bien, appréciez la vue.

Rodolfo Ward  
Organisateur Auteur

## **A CRISE CIVILIZACIONAL: OLHARES DO SUL**

Vivemos mais um momento em que a situação do mundo nos revela que o modelo de civilização hegemônico, baseado no crescimento econômico, está esgotado. Após duzentos anos, os resultados deste modelo revelam limites físicos e éticos. Físicos, pela degradação ambiental que ameaça a vida em função da desarticulação da cadeia ecológica; éticos, pela ameaça da desigualdade social se transformar em apartação e em dessemelhança. Tanto o capitalismo de mercado quanto o capitalismo de estado se esgotaram.

A sociedade se mostra inábil em lidar com a crise ambiental. Nossos antepassados legaram às gerações presentes um grande ônus ambiental, crentes de que nós, com nossa tecnologia e evolução, pudéssemos acabar com a fome, a apartação social e a finitude dos recursos naturais. A geração presente, orientada para o consumo e reforçada pelos meios de comunicação, apenas agravou a situação.

Estes foram os argumentos que justificaram o Seminário Internacional: “Crise Civilizacional: “Distintos Olhares”, transição de paradigma de desenvolvimento

nos países do Sul”. A iniciativa do Instituto Internacional de Pesquisa Política de Civilização, França e as parcerias do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e Universidade Federal do Tocantins permitiu que este seminário tivesse uma ressonância ao mesmo tempo internacional, nacional e territorial.

O objetivo principal desta experiência foi o de contribuir para a compreensão e enfrentamento da complexidade das causas da crise global que vivemos, utilizando a transversalidade entre distintos saberes e olhares, de forma a permitir que surja uma rede entre os países para viabilizar este diálogo, assim como ações conjuntas em prol de um novo mundo.

Na véspera da conferência mundial da Rio+20, este evento permitiu colocar na agenda o debate do desenvolvimento sustentável que há décadas é tema de inúmeras discussões acadêmicas e governamentais nacionais e internacionais. Dessas discussões surgiu a necessidade de se buscar uma alternativa de desenvolvimento, que venha suprir as lacunas do desenvolvimento, com relação, principalmente, ao esgotamento do modelo econômico atual, à preservação ambiental e à igualdade social.

Visando realizar uma verdadeira ruptura paradigmática, foi proposto, em eventos anteriores, realizados principalmente na França e no Chile, Equador pelo Instituto Internacional de Pesquisa Política de Civilização, com a participação do CDS/UnB, que a ideia de uma política de desenvolvimento fosse substituída por uma política civilizacional.

A política civilizacional visa colocar o homem no centro da política, como objetivo e como meio, e promover um “Vive Bien” (“bem viver”), oposto ao “bem estar”. Esta política se respalda em dois eixos principais, que são válidos para diferentes países: tornar as cidades mais humanas e lutar contra a desertificação do solo.

Até o presente momento, as discussões referentes a uma nova política civilizacional ocorreram, predominantemente, na Europa – no marco das atividades do Instituto Internacional Política de Civilização. Dentro desse contexto, o fato de organizar um seminário internacional no Estado de Tocantins tinha um duplo sentido: propiciar a discussão dos pressupostos civilizacionais vigentes, suas carências e suas possibilidades de desenvolvimento diferenciado, com uma visão mais local, num país do Sul.

Outro intuito era o de permitir à uma Universidade inovadora como a Federal do Tocantins de poder participar das grandes discussões científicas do momento, visando também sua participação na elaboração de novos paradigmas, políticas e intervenções governamentais.

Com esse intuito, trata-se de estabelecer um espaço de valorização da diversidade de opiniões, realidades e propiciar valiosas contribuições aos temas. Foi considerada a importância de convidar acadêmicos de reconhecimento internacional e nacional, representantes da sociedade civil e do meio empresarial, além de governos de diferentes países, para fomentar um debate que contemple a complexidade que o tema abarca.

Cabe destacar a publicação do “Manifesto do Tocantins”, fruto de uma colaboração coletiva dos participantes.

Alfredo Pena-Vega  
Professor-pesquisador  
Centro Edgar Morin  
IIAC-EHESS/CNRS

## **LA CRISE CIVILISATIONNELLE: REGARDS DU SUD**

Nous vivons encore un moment dans lequel la situation du monde nous révèle que le modèle de civilisation hégémonique, basé sur la croissance économique, est épuisé. Après deux cents ans, les résultats de ce modèle révèlent des limites physiques et éthiques. Physiques, par la dégradation environnementale qui menace la vie en fonction de la désarticulation de la chaîne écologique; éthiques, par la menace de l'inégalité sociale se transformant en apartheid et en dissemblance. Tout comme le capitalisme de marché comme, le capitalisme d'état s'est épuisé.

La société se montre incompétente pour traiter la crise de l'environnement. Nos ancêtres ont légué aux générations présentes un grand poids environnemental, croyant que nous, avec notre technologie et évolution, pourrions en finir avec la faim, la différence sociale et l'extinction des recours naturels. La génération présente, orientée vers la consommation et renforcée par les moyens de communication, a seulement aggravé la situation.

Voici ce qu'ont été les arguments qui ont justifié le séminaire international: “Crise Civilisatio-

nelle: “regards différents”, transition de paradigme de développement dans les pays du Sud”. L’initiative de l’Institut International de Recherche Politique de la civilisation, la France et les partenariats du Centre de Développement Durable de l’Université de Brasilia et l’Université Fédérale du Tocantins ont permis que ce séminaire ait une résonance tant internationale que nationale et territoriale.

L’objectif principal de cette expérience a été de contribuer à la compréhension et à la prise en charge de la complexité des causes de la crise globale dans laquelle nous vivons, utilisant la transversalité entre différents savoirs et regards de manière à permettre que surgisse un réseau entre les pays pour viabiliser ce dialogue, ainsi que des actions conjointes en vue d’un nouveau monde.

À la veille de la conférence mondiale Rio+20, cet événement a permis de mettre dans l’agenda le débat du développement durable, qui depuis des décennies, est le thème d’innombrables discussions académiques et gouvernementales nationales et internationales. De ces discussions a surgi la nécessité de trouver une alternative de développement afin de combler les lacunes du développement, en relation, principalement, avec l’épuisement

du modèle économique actuel, et la préservation environnementale et avec l’égalité sociale.

Dans le but de réaliser une véritable rupture paradigmatique, il a été proposé, lors d’événements antérieurs réalisés principalement en France et au Chili, en Equateur par l’Institut International de Recherche Politique de Civilisation, avec la participation du CDS/Unb, que l’idée d’une politique de développement soit remplacée par une politique civilisationnelle.

La politique civilisationnelle veut mettre l’homme au centre de la politique, comme objectif et comme moyen, et promouvoir un “Vivre bien”, opposé à un “Bien être”. Cette politique se nivelle en deux axes principaux, qui sont valides pour différents pays : rendre les villes plus humaines et lutter contre la désertification du sol.

Jusqu’au moment présent, les discussions sur une nouvelle politique civilisationnelle se sont déroulées principalement en France – au cours des activités de l’Institut International Politique de Civilisation. Dans ce contexte, le fait d’organiser un séminaire international dans l’Etat du Tocantins avait un double sens: permettre la discussion des présences civilisationnelles supposées, leurs carences et



leurs possibilités de développement différentiel, avec une vision plus locale, dans un pays du Sud. Dans une autre intention, c'était de permettre à une université innovante comme l'Université Fédérale du Tocantins de pouvoir participer à de grandes discussions scientifiques du moment, visant aussi à participer à l'élaboration de nouveaux paradigmes, politiques et interventions gouvernementales.

Avec cette intention d'établir un espace de valorisation à la diversité d'opinions, de réalités et de permettre de précieuses contributions aux thèmes, a été considérée l'importance d'inviter des personnes académiques de renommée internationale et nationale, des représentants de la société civile et du milieu de l'entreprise, en plus de gouvernants de différents pays pour fomentier un débat qui contemple la complexité que le thème couvre.

Il faut remarquer la publication du Manifeste du Tocantins brut d'une collaboration collective de l'ensemble des participants... (voir annexe).

Alfredo Pena-Vega  
Enseignant-chercheur  
Edgar-Morin Centre  
IIAC-EHESS/CNRS

## THE CIVILIZATIONAL CRISIS: SOUTH VIEWS

We live a moment in which the world situation reveals that the hegemonic civilization model, based on economic growth, is obsolete. After two hundred years, the results of this model reveals the physical and ethical limits. Physical, by environmental degradation that threatens life because of the disarticulation of the ecological chain; ethical, by the threat of social inequality turn into separation and dissimilarity. Both market capitalism and state capitalism are exhausted.

Society shows itself unable to deal with the environmental crisis. Our ancestry bequeathed to the current generations a big environmental onus, believing that we, with our technology and evolution, could cease hungry, social apartheid and natural resources. The current generations, oriented to the consumption and enhanced through the media, only aggravated the situation.

These were arguments that are going to justify the International Seminar on Civilizational crisis – different views, transition of paradigm of development in the Southern Countries". The initiative from the International Institute

of Policy Research of Civilization, France and in association with the Sustainable Development Centre (SDC) of Brasilia University and Federal University of Tocantins, permitted that the seminar had an international, national and territorial significance.

The mainly goal of this experience was to contribute for the comprehension and face-off the complexity of the causes of the global crisis that we live, using the mainstreaming among distinct knowledges and views in a way to allow a network among the countries to enable this dialogue and joint actions towards a new world.

The day before the Rio+20 global conference this event allowed to include in the agenda the sustainable development debate, which for decades, is theme of numerous academic and government discussions, national and international. From these discussions emerged the necessity to search for an alternative for development which supply the development gaps, mainly, in relation to the exhaustion of the current economic model, from environmental preservation to social equality.

Aiming to achieve a real paradigmatic rupture, it was proposed, in previous events, held mainly in

France and Chile, Ecuador by the International Institute of Policy Research of Civilization, with participation of the SDC/UNB, that the idea of development policy was replaced for a civilizational policy one.

The civilizational policy looks for set the men in the policy centre, as goal and instrument, and promote a “Buen vivir” (“live well”), in opposition to the “welfare”. This policy is based on two mainly axes, which are valid for different countries: making cities more human and fight against the soil desertification.

Until this moment the discussions related to a new civilizational policy occurred predominantly in Europe – in the mark of the International Institute of Policy Research of Civilization activities. Within this context, the organization of a international seminar in Tocantins state had a double meaning: propitiate a debate about the actual civilizational assumptions, its needs and possibilities of differentiating development, with a specific view in a Southern country. Another purpose was to allow an innovative university like Federal University of Tocantins participate of the major scientific discussions of the moment, aiming to be part of the elaboration of new paradigms, policies and governmental interventions.

Aiming to establish an appreciation space to the diversity of opinions, realities and propitiate valuable contributions to the themes, it was considered the importance of inviting international and national recognition academics from civil and business society, beyond the governments from different countries to foment a discussion that contemplates the complexity of the theme. It is worth to emphasize the Manifest Tocantins' publication as a result of the participants cooperation. (check the attachment)

Alfredo Pena Vega  
Professor-Researcher  
Edgar Morin Centre  
IIAC-EHESS/CNRS

*Versão resumida e revista da apresentação na sessão “O Desenvolvimento em Questão” do Seminário Internacional “Crise Civilizacional, Distintos Olhares: Transição de Paradigma de Desenvolvimento nos Países do Sul”, Palmas, Tocantins, 22 a 25 de junho de 2009.*

## **SAÍDAS DA CRISE CIVILIZACIONAL**

Este encontro feliz nos trópicos tocantinenses entre o grande filósofo francês Edgar Morin, a quebradeira de coco babaçu Dona Raimunda e dezenas de professores e alunos de diversas disciplinas, além de outros atores, nos instiga a pensar em formas de recombinar desenvolvimento e sustentabilidade. Isto implica o desafio de recombinar tradição e modernidade bem como sociedade e natureza em geral.

De fato, a atual crise civilizacional pode constituir uma oportunidade. Para identificar possíveis saídas, convém analisar criticamente a evolução histórica e atual para encontrar respostas teóricas e práticas que possam ao menos mitigar a crise e apoiar nossa adaptação às novas realidades. A presente análise heterodoxa leva em conta diferenças entre países e regiões, como também entre momentos históricos. Não se trata apenas de variações conjuntu-

rais, mas de mudanças estruturais não lineares que correm abaixo da superfície de forma espacialmente diferenciada.

Na realidade, as linhas da história podem formar curvas complexas. Na revolução francesa as palavras de ordem foram liberdade, igualdade e fraternidade, enquanto no positivismo foram ordem, progresso e amor. Em seguida, fraternidade e amor simplesmente sumiram. O conceito de desenvolvimento surgiu no pós-guerra, como parte da descolonização, da ocidentalização e da guerra fria. Em seguida, surgiu o conceito de modernização, tendência linear cujos elementos essenciais seriam desempenho, secularização e mudança institucionalizada. Surgiram algumas sugestões de inflexões, tais como *“small is beautiful”*, *“greening of America”*, *“ponto de mutação”*, *“sociedade pós-industrial”* e *“sociedade da informação”*, mas ainda numa perspectiva evolucionista de constante melhora.

O desenvolvimento sustentável, um marco na história da humanidade inspirado no ecodesenvolvimento, foi uma nova síntese consagrada na Rio-92 como tentativa de consertar o desenvolvimento, reconhecendo limites, ao menos parcialmente. Os padrões de produção e consumo foram definidos como

alvo, mas nenhuma ação foi prevista. O desenvolvimento humano correu paralelamente, sem incorporar nada de meio ambiente. O ambientalismo oscila entre conservação pontual e radicalismo sistêmico, rejeitando o desenvolvimento. Poucos percebem que a erradicação de pobreza e a redistribuição de renda aumentam a depleção de recursos e a poluição por resíduos e que as soluções tem custo.

O desenvolvimento sustentável é polissêmico, admitindo usos e abusos, mas isso também vale para qualquer conceito importante, como democracia, liberdade e amor. Cabe examinar as contradições e problemas concretos do conceito e das alternativas.

Para alguns economistas, a curva ambiental de Kuznets em forma de U invertido resolveria a sustentabilidade ambiental, ao prever que maior riqueza viabiliza o controle da poluição e a proteção ambiental. No entanto, esta abordagem ignora a pegada ecológica dos centros ricos na periferia.

Três outros Ds tampouco resolvem. Não se pode defender o decrescimento em lugares como Tocantins. A descarbonização confunde-se com a redução de emissões. A desmaterialização limita-se a alguns poucos setores, especialmente da

informação, não cabendo na alimentação, habitação ou transporte. A eficiência setorial pode aumentar o consumo global. A tecnologia gera efeitos positivos mas também perversos de envelhecimento demográfico e desemprego estrutural. Caberia crescimento limpo, qualitativo e justo, espacialmente diferenciado.

Além disso, direitos em excesso geram crises econômicas e degradação ambiental. Um patamar mínimo de direitos humanos universais poderia ser combinado com patamares diferenciados de direitos de cidadania nacionais e subnacionais por meio de escolhas democráticas em contextos específicos. Em vez de uniformidade e igualdade, seria fundamental assumir a heterogeneidade estrutural, combinando diversidade, informalidade e multiculturalismo, dentro dos limites da sustentabilidade e da equidade.

Para enfrentar a crise civilizacional, precisamos de menos retórica e mais realidade. O impasse é muito maior do que se imagina. As divergências atuais são mais sutis que durante a guerra fria. O problema principal é nossa maneira simplista de pensar. “Penso logo existo” não quer dizer que “Penso logo existe”. O pensamento ficou reificado em modelos matemáticos supondo linearidade em vez de cur-

vas complexas. A causalidade confunde-se com coincidência entre as linhas. O binarismo desconhece gradações. Falta dialética, contradição, complexidade.

O pensamento sistêmico foi um avanço para entender inter-relações entre elementos da natureza, da sociedade e entre natureza e sociedade. Não deve ser usado para recortar ou para escalas micro. Uma visão sócio-ecossistêmica ampla pode contribuir para qualidade de vida e sustentabilidade para todos.

Gesellschaft (sociedade) não pode eliminar Gemeinschaft (comunidade). Cabe retomar valores tais como amor e fraternidade, desde que não impliquem exclusão, autoritarismo, violência, racismo, machismo ou analfabetismo. Não se pode esquecer que comunidade e compromisso com futuras gerações significam família, nossos filhos, netos, bisnetos e trinetos, o que implica pessoalidade e afetividade. Enfim, ainda que a relação seja complexa, razão e emoção podem ser compatíveis.

Donald Sawyer<sup>1</sup>

---

1 Professor aposentado do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB) e Assessor Sênior do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). A coleta e análise do material em que este texto está baseado receberam apoio da Cordaid e da União Européia, mas os pontos de vista expressos são de responsabilidade exclusiva do autor.

*Version résumée et revue de la présentation faite à la séance “Le Développement en Question” du Séminaire International “Crise Civilisationnelle, Regards Distincts: Transition du Paradigme du Développement dans les Pays du Sud”, Palmas, Tocantins, du 22 au 25 juin 2009.*

## **SORTIE DE LA CRISE DE CIVILISATION**

Cette heureuse rencontre sous les tropiques de l'État du Tocantins entre le grand philosophe français Edgar Morin, la briseuse de noix de coco babaçu Madame Raimunda et des dizaines de professeurs et d'étudiants de diverses disciplines, ainsi que d'autres acteurs, nous invite à penser à des manières de recombinaison le développement et la durabilité. Ceci implique le défi de recombinaison tradition et modernité ainsi que société et nature en général.

De fait, l'actuelle crise de civilisation peut constituer une opportunité. Pour identifier des solutions possibles, il convient d'analyser de façon critique l'évolution historique et actuelle afin de trouver des réponses théoriques et pratiques qui puissent tout au moins atténuer la crise et soutenir notre adaptation à de nouvelles réalités. La présente analyse hétérodoxe prend en compte les différences entre pays et

régions, ainsi qu'entre monuments historiques. Il ne s'agit pas seulement de variations conjoncturelles, mais de changements structurels non linéaires qui ont lieu de manières non superficielles et spatialement distinctes.

En réalité, les lignes de l'histoire peuvent constituer des courbes complexes. Pendant la Révolution Française les mots d'ordres furent Liberté, Égalité et Fraternité, alors qu'avec le positivisme ce furent ceux de l'Ordre, du Progrès et de l'Amour qui vinrent à l'ordre du jour. Ensuite Fraternité et Amour ont tout simplement disparu. Le concept de développement surgit lors de l'Après-guerre, comme faisant partie des processus de la décolonisation, de l'occidentalisation et de la Guerre froide. Plus tard, le concept de modernisation apparaît, tendance linéaire droite dont les éléments essentiels seraient Performance, Sécularisation et Changement Institutionnalisé. D'autres suggestions d'inflexion ont fait leur apparition telles que “small is beautiful”, “greening of America”, “point de mutation”, “société post-industrielle” et “société de l'information”, mais toujours dans une perspective évolutionniste de constante amélioration.

Le développement durable, une marque dans l'histoire

de l'humanité, inspiré par l'éco-développement, fut une nouvelles synthèse couronnée pendant la rencontre Rio-92 comme une tentative de corriger le développement, en reconnaissant au moins partiellement ses limites. Des modèles de production et de consommation ont été définis comme cibles, mais aucune action n'a alors été prévue. Le développement humain a suivi son cours en parallèle, sans prendre en compte l'environnement. L'environnementalisme oscille entre la conservation ponctuelle et le radicalisme systémique, rejetant le développement. Peu sont ceux qui perçoivent que l'erradication de la pauvreté et la redistribution des rentes augmentent l'épuisement des ressources et la pollution par résidus et que les solutions ont un coût.

Le développement durable est polyssémique, sujet à différents abus, mais ceci est valable aussi pour tous les concepts importants tels que celui de la Démocratie, de la Liberté et de l'Amour. Il faut alors examiner les contradictions et problèmes concrets du concept et ses potentialités.

Pour certains économistes, la courbe environnementale de Kuznets en forme de U inversé résoudrait la durabilité environnementale, lorsqu'elle prévoit qu'une plus grande richesse permet un meilleur contrô-

le de la pollution et la protection de l'environnement. Pourtant, cette approche ignore l'aspect écologique des centres riches dans les périphéries.

Trois autres D ne résolvent pas non plus le problème. On ne peut pas soutenir le décroissement dans des endroits comme le Tocantins. La descarbonisation se confond avec la réduction de ses émissions. La dématérialisation se limite à quelques rares secteurs, spécialement celui de l'information, et n'a aucune place dans le secteur de l'alimentation, de l'habitation ou du transport. L'efficacité sectorielle peut augmenter la consommation globale. La technologie produit des effets positifs mais aussi des effets pervers de vieillissement démographique et de manque d'emploi structurel. Il faudrait alors un développement propre, qualitatif et juste, spatialement différencié.

En outre, trop de droits conduit à des crises économiques et à la dégradation de l'environnement. Un seuil minimum de droits universels pourrait être combiné avec des seuils distincts de droit de citoyenneté nationale et subnationale par le biais de choix démocratiques en contextes spécifiques. Au lieu d'uniformité et d'égalité, il serait fondamentale d'assumer l'hétérogénéité structurelle, en combinant diversité, informalité et

multiculturalisme, dans les limites de la durabilité et de l'équité.

Pour affronter la crise de civilisation, il nous faut moins de rhétorique et plus de réalité. L'impasse est bien plus grand qu'on ne l'imagine. Les divergences actuelles sont plus subtiles que pendant la guerre froide. Le problème principal est notre façon simpliste de penser. "Je pense donc je suis" ne signifie pas "je pense donc ça existe". La pensée a été réifiée en modèles mathématiques qui supposent une linéarité au lieu de courbes complexes. La causalité se confond avec la coïncidence entre les lignes. Le binarisme méconnaît les gradations. Il y a peu de dialectique, de contradiction, de complexité.

La pensée systémique a permis d'avancer dans la compréhension des inte-relations entre les éléments de la nature, de la société et entre nature et société. On ne doit pas l'utiliser pour découper la réalité ou la traiter à une échelle micro. Une vision socio-systémique ample peut contribuer à la qualité de la vie et à la durabilité pour tous.

*Gesellschaft* (la société) ne peut éliminer *Gemeinschaft* (la communauté). Il faut reprendre des valeurs telles que l'amour et la fraternité, dès lors qu'elles n'impliquent pas l'exclusion, l'autoritarisme, la

violence, le racisme, le machisme ou l'analphabétisme. Nous ne pouvons pas oublier que la communauté et le compromis avec les générations futures signifie aussi la famille, nos enfants, nos petits-enfants, arrière-petits-enfants et ainsi de suite, ce qui implique relations entre personnes et affects. Enfin, même si les rapports sont complexes, raison et émotion peuvent être compatibles.

Donald Sawyer<sup>1</sup>

---

1 Professeur retraité du Centee de Développement Durable (CDS) de l'Université de Brasilia (UnB) et Conseiller Sénior de l'Institut Société, Population et Nature (ISPN). La recueil et l'analyse du matériau qui sert de base à ce texte ont reçu le soutien de la Cordaid et de l'Union Européenne, mais les points de vue exprimés sont de la responsabilité exclusive de l'auteur.



## OUT OF CIVILIZATIONAL CRISIS

This happy meeting in the Tocantins' tropics between the great French philosopher Edgar Morin, the babaçu coconut breaker Dona Raimunda and dozens of teachers and students from different disciplines, as well as other actors, instigates us to think of ways to recombine development and sustainability. This implies the challenge of recombining tradition and modernity as well as society and nature in general.

In fact, the current civilizational crisis can be an opportunity. To identify possible ways out, it is important to critically analyze the historical and current evolution in order to find theoretical and practical answers that can at least mitigate the crisis and support our adaptation to new realities. The present heterodox analysis takes into account differences between countries and regions, as well as between historical moments. It is not just about conjunctural variations, but about non-linear structural changes that run beneath the surface in a spatially differentiated way.

In fact, story lines can form complex curves. In the French revolution the slogans were freedom,

equality and fraternity, while in positivism they were order, progress and love. Further on, fraternity and love are simply gone. The concept of development emerged in the post-war period as part of decolonization, Westernization, and the Cold War. Then the concept of modernization came, a linear trend whose essential elements would be performance, secularization and institutionalized change. Some suggestions of inflections such as 'small is beautiful', 'greening of America', 'point of mutation', 'post-industrial society' and 'information society' have emerged, but still in an evolutionary perspective of constant improvement.

Sustainable development, a milestone in the history of humanity inspired by ecodevelopment, was a new synthesis enshrined in Rio-92 as an attempt to repair development, recognizing limits, at least partially. Production and consumption patterns were defined as targets, but no action was envisaged. Human development happened in parallel, without incorporating anything of the environment. Environmentalism oscillates between point conservation and systemic radicalism, rejecting development. Few realize that poverty eradication and income redistribution increase resource depletion and waste pollu-

tion, as well as the fact that solutions have cost.

Sustainable development is polysemic, admitting uses and abuses, but this also holds true for any important concept, such as democracy, freedom and love. It is necessary to examine the contradictions and concrete problems of the concept and alternatives.

For some economists, the inverted U-shaped Kuznets environmental curve would solve environmental sustainability by predicting that greater wealth enables pollution control and environmental protection. However, this approach ignores the ecological track of the rich centers in the suburbs.

Three other Ds do not solve either. One cannot defend the decline in places like Tocantins. Decarbonization is confused with emission reductions. Dematerialization is limited to a few sectors, especially information, with no provision for food, housing or transportation. Sector efficiency can increase overall consumption. The technology generates positive but also perverse effects of demographic aging and structural unemployment. Clean, qualitative, fair, and spatially differentiated growth would fit.

In addition, rights in excess generate economic crises and envi-

ronmental degradation. A minimum level of universal human rights could be combined with differentiated levels of national and subnational citizenship rights through democratic choices in specific contexts. Instead of uniformity and equality, it would be fundamental to assume structural heterogeneity, combining diversity, informality and multiculturalism, within the limits of sustainability and equity.

In order to face the civilizational crisis, we need less rhetoric and more reality. The impasse is much greater than you can imagine. Current differences are more subtle than during the cold war. The main problem is our simplistic way of thinking. "I think therefore I am" does not mean that "I think it soon exists". The thinking was reified in mathematical models assuming linearity instead of complex curves. Causality is mistaken for coincidence between the lines. Binarism does not know gradations. Dialectic lack, contradiction, complexity.

Systemic thinking was an advance to understand interrelations between elements of nature, of society, and between nature and society. It should not be used for trimming or for micro scales. A broad sociopolitical vision can con-

tribute to quality of life and sustainability for all.

*Gesellschaft* (society) can not eliminate *Gemeinschaft* (community). It is appropriate to take up values such as love and fraternity, as long as they do not imply exclusion, authoritarianism, violence, racism, sexism or illiteracy. One cannot forget that community and commitment to future generations mean family, our children, grandchildren, great-grandchildren and their children, which implies personality and affectivity. Finally, although the relationship is complex, reason and emotion can be compatible.

Donald Sawyer<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Retired professor at the Center of Sustainable Development (CDS) of the University of Brasília (UnB) and Senior Advisor of the Society, Population and Nature Institute (ISPN). The collection and analysis of the material in which this text is based received support from Cordaid and the European Union, but the views expressed are the sole responsibility of the author.

## INTERDISCIPLINARIDADE E MEIO AMBIENTE

“Wawekrurê: Distintos olhares” é um registro documental fotográfico dos principais acontecimentos do “Seminário Internacional Crise Civilizacional: Distintos Olhares”, sediado na Universidade Federal do Tocantins (UFT), em 2009, e dos seus desdobramentos, para além dos muros da universidade. Com a presença ilustre do renomado filósofo e sociólogo francês Edgar Morin, o Seminário se concretizou como o maior evento científico realizado no Tocantins.

O fotógrafo Rodolfo Ward acompanhou de perto o evento que propôs um diálogo multidisciplinar sobre determinados gargalos ambientais, sociais e econômicos enfrentados pela sociedade contemporânea. A principal autoridade intelectual do Seminário, Edgar Morin, em sua palestra, abriu uma cortina de possíveis soluções baseadas na convivência entre os diferentes e na defesa das especificidades culturais de cada povo.

Este Livro tem o mérito de legar para a posteridade encontros históricos surgidos no Seminário, como o que aconteceu entre Edgar Morin e a quebradeira de coco e doutora *honoris causa* da UFT, Dona Raimunda Gomes da Silva.

O sociólogo francês também visitou a comunidade quilombola Malhadinha, localizada em Brejinho de Nazaré. Lá, ele assistiu a uma apresentação sobre a relação do povo quilombola com a natureza, viu o processo de feitura da farinha de mandioca e rapadura, e deixou-se benzer por uma das moradoras.

Em outra ocasião, ele se encontrou com o ancião Xerente da Aldeia Porteira, senhor Severiano, de 93 anos de idade, que deu as boas-vindas naquela que foi a primeira visita que o Morin fez a uma aldeia indígena brasileira. Ele ouviu histórias, conversou sobre as crenças Xerente, conheceu moradias, presenciou cantos e danças, comeu paparuto (comida típica a base de mandioca feita na folha de bananeira) e foi batizado com o nome de Wawekrurê, que significa ancião respeitado, em idioma Xerente.

Situações como essas, que foram muito bem retratadas pelo trabalho de Rodolfo Ward, mostram a parte prática de uma das principais lições deixadas por Morin no Seminário: a celebração e promoção da diversidade cultural. Em seu pensamento, Morin deixa claro que congregar culturas e combinar os seus melhores e distintos olhares, buscando modelos de vida sustentáveis, pode ser a receita para ven-

cer a crise civilizacional em que nos encontramos.

ALAN BARBIERO

Professor Dr. da Universidade  
Federal do Tocantins  
Secretário do Meio Ambiente e  
Desenvolvimento Sustentável  
do Tocantins

## INTERDISCIPLINARITY AND ENVIRONMENT

Wawekrurê: Different Views is a photographic documentary book of major events from the “International Seminar on Civilizational Crisis: Different views”, housed by the Federal University of Tocantins (UFT), in 2009, and its developments, to beyond the university walls. With the distinguished presence of the acclaimed French philosopher and sociologist Edgar Morin, the seminar materialized as the major scientific event achieved in Tocantins. The photographer Rodolfo Ward closely followed the event that proposed a multidisciplinary dialogue about certain environmental bottleneck, social and economics faced by contemporary society. The mainly intellectual authority of the seminar, Edgar Morin, in his lecture, opened a curtain of possible solutions based on the acquaintanceship among the different, and in defense of the cultural specificities of each nation.

This book has the merit of leaving to the posterity historical meetings arised at the seminar, such as what hapenned between Edgar Morin and the coconut shaller and PhD Honoris Causa of UFT, Mrs. Raimunda Gomes da Silva. The French sociologist also

visited the Quilombola community Malhadinha, located in Brejinho de Nazaré. There, he attended to a presentation about the relation between the Quilombola people and nature, he saw the productions of manioc flour and brown sugar, and let himself be blessed by one of the locals.

On another occasion, he met with the Xerent ancient of Aldeia Porteira, Mr. Severiano, 93 years old, who welcomed the first visit that Morin made to a Brazilian indigenous village. He heard stories, talked about Xerent beliefs, met some habitations, attended to dance and singing rituals, ate paparuto (a typical food made of manioc wrapped in banana leaf) and he was baptized with the name Wawekrurê, which means respected ancient, in Xerente language.

Situations like those, which were well portrayed by Rodolfo Ward’s work, shows the practical part of one of the mainly lessons left by Morin at the Seminar: the celebration and promotion of the cultural diversity. In his thinking, Morin makes clear that congregante cultures and match its best and distinct view, looking for models of sustainable life, can be the recipe to win the civilizational crisis in which we are in.

ALAN BARBIERO  
PhD of Federal University  
of Tocantins Secretary of  
Environment and Sustainable  
Development of Tocantins.

## L'INTERDISCIPLINARITÉ ET L'ENVIRONNEMENT

Le Wawekruré: Distintos olhares est un registre documentaire photographique des principaux événements du “Séminaire International Crise Civilisationnelle : Regards distincts”, qui a eu lieu à L'Université Fédérale de Tocantins (UFT), en 2009, et de ses développements, au-delà des murs de l'université. Avec la présence de l'illustre et renommé philosophe et sociologue français Edgar Morin, le séminaire s'est révélé comme le plus grand événement scientifique réalisé au Tocantins.

Le photographe Rodolpho Ward a accompagné de près l'événement qui proposait un dialogue multidisciplinaire sur certains aspects environnementaux, sociaux et économiques qu'affronte la société contemporaine. La principale autorité intellectuelle du Séminaire, Edgar Morin, lors de sa conférence, a ouvert un voile de solutions possibles basées sur la convivialité entre les différences et sur la défense des spécificités culturelles de chaque peuple.

Ce catalogue a le mérite de léguer à la postérité des rencontres historiques lors du Séminaire, comme celle entre Edgar Morin et la casseuse de noix de coco et doc-

teur de la cause honorable de l'UFT, Dona Raimunda Gomes da Silva. Le sociologue français a également visité la communauté quilombola Malhadinha, située à Brejinho de Nazaré. Là, il a assisté à une présentation sur la relation du peuple quilombola avec la nature, a vu le processus de fabrication de la farine de manioc et de la rapadura, et s'est laissé bénir par une des habitantes.

Dans une autre occasion, il a rencontré l'ancien Xerente du village Porteira, M. Severiano, de 93 ans, qu'il a accueilli lors de sa première visite que Morin faisait dans un village indigène brésilien. Il a écouté des histoires, a parlé des croyances Xerente, a connu les logements, a assisté à des chants et danses, a mangé de la paparuto (nourriture typique à base de manioc faite dans une feuille de bananier) et a été baptisé Wawekrurê, ce qui signifie l'ancien respecté, en langue Xerente.

Des situations comme celle-là, qui ont été très bien présentées par le travail de Rodolfo Ward, montrent la partie pratique d'une des principales leçons laissées par Morin lors du séminaire: la célébration et la promotion de la diversité culturelle. Dans sa pensée, Morin montre clairement que rassembler des cultures et combiner leurs meilleurs et distincts regards, en cher-

chant des modèles de vie durable, peut être la recette pour vaincre la crise civilisationnelle dans laquelle nous sommes.

ALAN BARBIERO  
Professeur Docteur de L'Université  
Fédérale du Tocantins  
Secrétaire De L'Environnement et  
du Développement  
Durable du Tocantins

## MARCO PARA UM ESTADO DA REGIÃO NORTE

O mais novo estado da Federação Brasileira recebeu em 2009 um dos mais importantes encontros científicos internacionais. O Tocantins sediou o “Seminário Internacional Crise Civilizacional: Distintos Olhares – transição de paradigma de desenvolvimento nos países do sul”. Além do evento por si só representar um marco para um estado da região norte, foi acoplado a ele a vinda do filósofo e pesquisador internacional Edgar Morin. Para comemorar este marco histórico, Rodolfo Ward está lançando uma obra trilingue: Português, Francês e Inglês, intitulada *Wawekrurê*, que significa o nome de batismo que a tribo Xerente deu a Edgar Morin.

Edgar, que nasceu na França, em 1921, é considerado um dos maiores intelectuais contemporâneos, doutor *honoris causa* por 17 universidades e autor de mais de 60 livros (sobre temas que vão do cinema à filosofia, da política à psicologia, da etnologia à educação). Entre seus livros destacam-se os seis volumes de “O método” e obras-primas da interpretação cultural, como: “As estrelas”, “O cinema e o homem imaginário” e “Cultura de massa no século XX”.

O livro que mistura cultura, história, arte e anseios dos povos locais vai mostrar traços da comunidade quilombola, das tribos indígenas e da repercussão do Seminário no Estado e no mundo. Como fio condutor da publicação pioneira, tem-se o avanço tecnológico que estas civilizações enfrentam em época de globalização.

Enfatizar temas centrais como: equilíbrio ambiental, sustentabilidade, aquecimento global, economia, governabilidade mundial e perspectivas para a região amazônica dão o tom desta obra que terá pesquisadores nacionais e internacionais. Em entrevista durante sua visita ao Tocantins, Morin enfatizou que o processo ao qual nos referimos como “globalização” é, na verdade, uma disseminação do modo de produção ocidental – que, segundo o filósofo, é calcado no crescimento geográfico e econômico e no progresso tecnológico. “Nos anos 90 se falava sobre a ‘globalização feliz’, que permitiu a proliferação de conceitos como democracia, liberdade e independência de pensamento – principalmente entre os jovens – e de uma certa prosperidade às classes médias de países menos desenvolvidos, que tiveram acesso ao turismo e ao conforto”.

Morin ressaltou o olhar de comunidades indígenas – que, na



cultura ocidental, parecem “atrasadas”, mas que, na verdade, têm conceitos mais avançados de vida comum e solidariedade – e as dos países do sul em relação aos países do norte. “No sul, existe menos preocupação com o crescimento, com o cálculo, e maior com as verdades humanas, com a contemplação, com a qualidade de vida. Por exemplo, no Rio de Janeiro, se chove, se espera a chuva passar; na França, pega-se um guarda chuva e o trabalho continua”, disse Edgar em entrevista a mídia local.

Para ele, esta é a saída: aproveitar as vantagens proporcionadas pelo modelo atual, lutar contra seus aspectos negativos e incorporar a ele o que de bom nos oferecem as demais culturas. “O futuro não está na generalização, mas sim na simbiose entre as civilizações, cada uma contribuindo com o seu melhor. O encontro do dar e do receber”.

Tratando-se do Tocantins, por ser um estado da região norte politicamente, mas que geograficamente está inserido no Centro-Oeste do país, até porque foi desmembrado em 1989 do estado do Goiás, esta obra coroa a inserção e a interiorização do saber no nosso país, haja vista que ainda perdura a centralização da difusão do conhecimento na região sudeste do Brasil,

mais precisamente em São Paulo e Rio de Janeiro.

Uma obra nessa magnitude internacional abre as portas para que o interior do país também possa sediar eventos assim, possibilitando uma melhor interação entre a academia e estas comunidades híbridas.

Rose Mara Vidal de Souza  
Jornalista. Pesquisadora da  
Cátedra da Unesco no Brasil,  
Diretora de Cultura do Sociedade  
Brasileira dos Pesquisadores  
e Profissionais de Comunicação  
e Marketing Político  
(Politicom), Pesquisadora do  
Observatório da Mídia (UFES)  
e doutoranda em Comunicação  
Social na Universidade Metodista  
de São Paulo.

## FRAMEWORK FOR A STATE OF THE NORTH

The newest State of the Brazilian Federation had in 2009, one of the most important international scientific meetings. Tocantins hosted the “International Seminar on Civilizational Crisis: Different views – transition of paradigm of development in the Southern countries “. In addition to the event by itself represents a milestone for a State of the North region, linked to it a visit of the philosopher and international researcher Edgar Morin. To celebrate this historical milestone Rodolfo Ward is launching a book in three languages: Portuguese, French and English entitled *wawekrurê*, which means the baptismal name that the Xerente gave to Edgar Morin.

Edgar who was born in France in 1921, is considered one of the greatest contemporary intellectuals, Doctor Honoris Causa by 17 universities and author of more than 60 books (on topics ranging from cinema to philosophy, from politics to psychology, from ethnology to education). Among his books, including the six volumes ‘Method’ and the masterpieces of cultural interpretation, such as: ‘The stars’, ‘The Cinema, or The Imagina-

ry Man’ and ‘Mass culture in the twentieth century ‘.

The book that mixes culture, history, art and aspirations of local people will show traces of the quilombola’s community, indigenous tribes and the impact of the seminar in the State and in the world. The common theme of the innovative publication has the technological advancement that these civilizations deal in times of globalization.

By emphasizing central themes as: environmental balance, sustainability, global warming, economics, global governance and prospects for the Amazon region set the tone of this work which it will have national and international researchers. In an interview during his visit to Tocantins, Morin emphasized that the process that we refer as “globalization” is, in fact, a dissemination of Western production – which, according to the philosopher, is based on the geographic and economic growth and on the technological progress.

“The 90s discussed about the ‘happy globalization’, which allowed the proliferation of concepts such as democracy, freedom and independence of thought – especially among young people – and a certain prosperity to the middle

classes of less developed countries, which had access to tourism and comfort”.

Morin showed the look of the indigenous communities, which, in the Western culture, seems to be “delayed”, but actually has more advanced concepts of common life and solidarity – comparing South and North countries. “In South, there is less concern with growth, with the calculation, and more with the human truths, with contemplation and quality of life. For instance, in Rio de Janeiro, if it rains, the rain is expected to pass; in France, people take an umbrella and the work goes on, said Edgar in an interview with local media.

To him, this is the output: enjoy the advantages offered by the current model, fight against its negative aspects and incorporate to it what other cultures offer to us. “The future is not in the generalization, but in symbiosis that is between the civilizations, each one contributing with its best. The joint of giving and receiving”.

In the case of Tocantins by being a politically State in the North region, but that geographically is located in the Center-West of the country, because it was created in 1989 in the State of Goiás , this book crown insertion and interna-

lization of knowledge in our country. Since, it still endures the centralization of knowledge diffusion in the Southeast region of Brazil, more precisely in São Paulo and Rio de Janeiro.

A work in such international magnitude opens the door to the countryside to host events like this as well, allowing a better interaction between the Academy and these hybrid communities.

Rose Mara Vidal de Souza  
Journalist. Researcher at the Chair of Unesco in Brazil, Director of Culture of Brazilian Society of Researchers and Media professionals and Political Marketing (Politicom), Researcher at the Observatory of Media (UFES) and doctoral student in Social Communication at Metodist University of São Paulo.

## ÉTAT DE LA RÉGION ORD

L'État le plus récent de la Fédération Brésilienne a reçu en 2009, une des rencontres scientifiques internationales les plus importantes. Le Tocantins a accueilli le "Séminaire International Crise Civilisationnelle : Regards Distincts – transition de paradigme de développement dans les pays du Sud". En plus du fait que l'événement représente une sensation pour un État de la région du Nord, il a été enrichi par la venue du philosophe et chercheur international Edgar Morin. Pour commémorer cette marque historique, Rodolfo Ward publie une oeuvre trilingue : portugaise, française et anglaise intitulée *wawekruré*, qui est le nom de baptême que la tribu Xerente a donné à Edgar Morin.

Edgar, qui est né en France en 1921, est considéré comme l'un des plus grands intellectuels contemporains, docteur de la honoris causa par 17 universités et auteur de plus de 60 livres (sur les thèmes qui vont du cinéma à la philosophie, de la politique à la psychologie, de l'ethnologie à l'éducation). Parmi ses livres, on remarque les six volumes de "La Méthode" et des chefs-d'oeuvre de l'interprétation culturelle comme : "Les Étoiles",

"Le Cinéma et L'homme Imaginaire" et "Culture de Masse au XXe Siècle".

Le livre qui mélange culture, histoire, art et aspirations des peuples locaux va montrer des traits de communauté quilombola, des tribus indigènes et de la répercussion du séminaire dans l'État et dans le monde. Le fil conducteur de la publication pionnière est l'avancée technologique que ces civilisations affrontent dans une époque de globalisation.

Enfin, attiser des thèmes centraux comme: l'équilibre environnemental, la durabilité, le réchauffement global, l'économie, la gouvernabilité mondiale et les perspectives pour la région amazonienne donnent le ton de cette oeuvre qui comprendra des chercheurs nationaux et internationaux. Dans une entrevue pendant sa visite au Tocantins, Morin a mis l'accent sur le fait que le processus auquel nous nous référons comme "globalisation" est, en réalité, une dissémination de mode de production occidentale – qui, selon le philosophe, est calqué sur la croissance géographique et économique dans le progrès technologique. "Dans les années 90, on parlait de la "globalisation heureuse", qui a permis la prolifération de concepts comme la démocratie, la liberté et

l'indépendance de la pensée – principalement entre les jeunes – et d'une certaine prospérité des classes moyennes de pays moins développés, qui ont eu un accès au tourisme et au confort”.

Morin a mis en évidence le regard de communautés indigènes – qui, dans la culture occidentale, sont vus comme “arriérés”, mais qui en réalité, ont des concepts de vie commune et de solidarité plus avancés – et celles des pays du Sud par rapport aux pays du Nord. “Dans le Sud, il y a moins de préoccupation avec le développement, avec le calcul, et plus avec les vérités humaines, avec la contemplation, avec la qualité de vie. Par exemple, à Rio de Janeiro, s'il pleut, on attend que la pluie passe; en France, on prend un parapluie et le travail continue”, dit Edgar dans une entrevue avec la presse locale.

Pour lui, voici la voie : profiter des avantages proportionnés par le modèle actuel, lutter contre ses aspects négatifs et lui incorporer ce que les autres cultures nous offrent de bon. “Le futur n'est pas dans la généralisation, mais bien dans la symbiose entre les civilisations, chacune contribuant avec le

meilleur d'elle-même. La rencontre entre le donner et le recevoir”.

On parle du Tocantins comme étant un Etat de la région nord, politiquement, mais qui géographiquement se situe dans le centre-ouest du pays, puisqu'il fut démembré en 1989 de l'Etat de Goiás, cette oeuvre couronne l'insertion et l'intériorisation du savoir dans notre pays. Vu là que subsiste encore la centralisation de la diffusion des connaissances dans le sud-est du Brésil, plus précisément à São Paulo et Rio de Janeiro.

Un travail de cette grandeur internationale ouvre la porte à l'intérieur du pays qui peut également accueillir des événements permettant ainsi une meilleure interaction entre les universités et les communautés hybrides.

Rose Mara Vidal de Souza  
Journaliste. Chercheuse de la Chaire  
de l'Unesco au Brésil,  
Directrice de la Culture de la Société  
Brésilienne des Chercheurs  
et Professionnels de Communication  
et Marketing Politique  
(Politicom), Chercheuse de  
l'Observatoire de la Presse (UFES)  
et future docteur en Communication  
Sociale à l'Universidade  
Metodista de São Paulo.

## UM ACONTECIMENTO EXTRAORINÁRIO; UM FOTÓGRAFO SENSÍVEL

Há muitas formas de dizer, de falar, de se comunicar. As crianças que o digam. Elas falam múltiplas linguagens. As que conhecemos e outras que mal norteamos. Uma delas é a imagem, que conversa com nossa imaginação, a estimula. Esta força extraordinária de criação do ser humano, no campo da imagem, encontramos a fotografia, que parece uma reprodução pura e simples do real. Lêdo engano. A fotografia vai muito além, pois ela tem sempre a forma particular do olhar daquele que a produz. Olhar distinto e diferenciado de outros. Olhar singular.

Rodolfo Ward de Oliveira utiliza sua máquina como instrumento para nos comunicar um acontecimento extraordinário, com fotos de beleza sublime. Na realidade, três eventos em um só, como alguns deuses. Evento em torno de Edgar Morin, provavelmente o filósofo vivo mais importante e reconhecido no mundo. Criador do pensamento complexo.

O primeiro evento foi um Seminário Internacional promovido pela Universidade Federal de Tocantins, sob a direção de Alan Barbiero, em Palmas, senão o primeiro, o mais importante seminá-

rio internacional realizado por esta jovem Universidade. Nele estiveram presentes, além do Morin, 15 convidados internacionais e 15 nacionais. Dentre estes, a maioria proveniente do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, um dos promotores do evento, juntamente com o Instituto International de Recherche Politique des Civilizations. Entre os palestrantes, provindos de outras partes estava, Michel Brunet, o paleontólogo descobridor em 2001 de Toumai, o hominídeo bípede mais antigo de que se tem notícia, que viveu há 7 milhões de anos. Seu fóssil foi encontrado no deserto do Tchad, que na época era coberto de vegetação, árvores e savanas. Mais também, Jean Marc Salmon, economista francês; Guido Girardi, médico, pesquisador e senador chileno. Entre os nacionais algumas figuras ilustres: Marina Silva, nossa ex-senadora defensora da sustentabilidade; Cristovam Buarque, o senador professor e pensador, o membro daquela Casa mais prestigiosa no mundo.

O segundo evento foi uma quebra de paradigma. O então reitor da UFT concedeu o título de doutor *honoris causa* ao quebrador de paradigmas, Edgar Morin. E, ao mesmo tempo, à quebradora de Coco, Dona Raimunda. Duas

peças portadoras de saberes reconhecidos, de áreas diferentes. Promovia-se a homenagem ao diálogo entre saberes. Homenageava-se o portador de saber acadêmico, construído, sobretudo, nas pesquisas e nos livros, e a portadora da sabedoria popular, do bom senso, nascida da experiência, da luta das comunidades de quebradeiras.

O terceiro evento foi a visita que Edgar Morin fez aos indígenas Xerente. Um grande sonho do filósofo, que queria prestar uma homenagem ao saber ancestral desses povos. Em troca, e para sua surpresa, recebeu uma homenagem de reconhecimento, pela sua forma diferenciada de conceber a ciência e de valorizar as formas diferenciadas de conhecimento.

Rodolfo, com uma sensibilidade (e finesse) incomum para sua idade, registrou vários dos momentos desses eventos, tendo Edgar Morin como centro das atenções. Mas ele o era, em todos os sentidos. Não apenas por sua fama que percorre o mundo, mas por sua presença física inebriante. Um simples exemplo pode transmitir o clima que girava ao seu redor. Lembro que, uma noite, ao sairmos do teatro onde se realizava o Seminário, já 20 horas, ele foi abordado por um secretário do governo estadual convidando-o para jantar. Declinou do convite,

preferindo juntar-se aos estudantes que faziam um show em frente ao teatro. E rapidamente entrou no samba com os jovens. Ao parar para descansar alguém chegou com um copo d'água para lhe oferecer e ele se virou para mim e disse: "Vocês bebem água em festa? Pensei que vocês tomavam caipirinha". Já noite avançada voltei para meu hotel e ele lá ficou, dançando, rindo, contando e escutando histórias da garotada. Como se o tempo para ele não existisse, ou fosse uma de suas vestes.

Elimar Pinheiro do Nascimento  
Sociólogo, professor da UnB,  
ex-diretor do CDS e membro  
do Conselho Científico do  
Institut International de  
Recherche Politique  
des Civilizations

## **AN EXTRAORDINARY EVENT; A SENSITIVE PHOTOGRAPHER**

There are many ways of say, speak and communicate. Children can tell about it. They speak multiple languages. Those who we know and others we don't know. One of them is the image, which chat with our imagination. Stimulate it. This extraordinary force of creation of human being. In the image fields we can find the photography. That looks a pure and simple reproduction of reality. It's a mistake. The photography goes beyond, since it has always a particular look of the one that produces it. Distinct and differentiate look from others. Singular look.

Rodolfo Ward de Oliveira uses his machine as an instrument to show us an extraordinary event, with pictures of sublime beauty. In fact three events in one, such as some Gods. Event towards Edgar Morin, probably the most important alive philosopher and recognized in the world. Creator of the complex thinking.

The first event was an international seminar housed by the Federal University of Tocantins, under the direction of Alan Barbiero in Palmas. The first and more important international seminar developed by

this young university. In the seminar were present, besides Morin, 15 international guests and 15 national guests. Most of them from Sustainable Development Centre of Brasília University, one of the promoters of the event in partnership with the International Institute of Policy Research of Civilizations. Among the speakers from other countries was Michel Brunet, the paleontologist that discovered in 2001 Toumai, the oldest bipedal hominid that was heard, that lived 7 millions years ago. The fossil was discovered in Tchad desert, in that time was overgrown. Trees and savanas. There were also Jean Marc Salmon, French economist; Guido Girardi a Chilean doctor, researcher and senador. Among the national guests some illustrious. Marina Silva, our former senator advocate for sustainability. Cristovam Buarque, the senator, professor and thinker, member of the most prestigious House in the world.

The second event was a paradigma rupture. The current rector of UFT granted the degree of PhD Honoris Causa to the paradigma breaker, Edgar Morin and to the coconut shaller, Dona Raimunda. Two people with recognized knowledge in different areas. It was promoted the homage to the dialogue among knowledge. Honored up the academic knowledge bearer built



through researches and books, and to the popular knowledge bearer, with a common sense, born from the experience, from the struggle of coconut shellers communities.

The third event it was the visit that Edgar Morin made to the Indigenous Xerente. A big dream of the philosopher, who wanted to pay a tribute to the ancestral knowledge of these people. In return, and for his surprise, he received a warm tribute, to his different way of envisaging science and of enriching the different ways of knowledge.

Rodolfo, with an unusual sensibility (and finesse) for his age, recorded various moments of these events, having Edgar Morin as the centre of all attention. And he was in all senses, not just because of his fame that runs the world, but for his mesmerizing physical presence. A simple example can transmit the climate that moved around him. I remembered, one night, when we left the theater where was happening the seminar, at 8:00 p.m., he was approached by a secretary of the state government inviting him for dinner. He declined, and preferred to join the students that were doing a show in front of the theater. He quickly started dancing samba with those youngs. When he stopped to rest someone offered him a glass of water and then he said to

me: “Do you drink water in a party? I thought you used to take caipirinha”. Late at night I went back to my hotel and he stayed there, dancing, laughing, telling and listening to the stories from the guys. As the time didn't exist for him, or was one of his clothes.

Elimar Pinheiro do Nascimento

Sociologist, professor at UnB, former director of CDS and a member of the Scientific Council of the Institut International de Recherche Politique des Civilizations.

## UN ÉVÉNEMENT EXTRAORDINAIRE; UN PHOTOGRAPHE SENSIBLE

Il y a beaucoup de formes pour dire, pour parler, pour se communiquer. Les enfants le savent bien. Ils parlent différents langages. Ceux que nous connaissons et les autres que nous comprenons à peine. L'un d'eux est l'image, qui converse avec notre imagination. La stimule. Cette force extraordinaire de création de l'être humain. Dans le champ de l'image, il y a la photographie. Qui paraît une reproduction pure et simple du réel. Belle illusion. La photographie va bien plus loin, car elle a toujours la particularité du regard de celui qui la fait. Un regard distinct et différencié des autres. Un regard singulier.

Rodolfo Ward de Oliveira utilise son appareil photo comme un instrument pour nous communiquer un événement extraordinaire, avec des photos d'une beauté sublime. En vérité, trois événements en un seul, comme certains dieux. Événement autour d'Edgar Morin, probablement le philosophe vivant le plus important et le plus reconnu au monde. Le créateur de la pensée complexe.

Le premier événement a été un séminaire international promu par L'Université Fédérale du To-

cantins, sous la direction d'Alan Barbiero à Palmas. Sinon le premier, le séminaire international le plus important réalisé par cette jeune Université. Lors de ce séminaire, en plus de Morin, étaient présents 15 invités internationaux et 15 nationaux. Parmi ceux-ci, la plupart venant du Centre De Développement Durable De L'Université de Brasilia, un des promoteurs de l'événement, conjointement avec l'Institut International De Recherche Politique Des Civilisations. Parmi les conférenciers venant des autres pays, il y avait Michel Brunet, le paléontologue qui a découvert en 2001 Toumaï, le bipède hominidé le plus vieux que l'on connaisse, qui a vécu il y a 7 millions d'années. Son fossile a été rencontré dans le désert du Tchad, qui était couvert de végétation à l'époque. Des arbres et la savane. Mais également Jean-Marc Salmon, économiste français; Guido Girardi, médecin, chercheur et sénateur chilien. Parmi les personnes nationales, quelques figures illustres. Marina Silva, notre ancienne sénatrice défenseur de la durabilité. Cristovam Buarque, le sénateur professeur et penseur, membre de cette Maison la plus prestigieuse du monde.

Le deuxième événement fut une rupture de paradigme. Le rec-

teur de l'époque de l'UFT a concédé le titre de docteur de la cause honorable au casseur de paradigmes, Edgar Morin. Et, en même temps, à la casseuse de noix de coco, Dona Raimunda. Deux personnes avec des connaissances reconnues, de domaines différents. On promouvait l'hommage au dialogue entre les connaissances. On promouvait le porteur de connaissances académiques, construit, surtout, à partir des recherches et dans les livres, et la porteuse de savoir populaire, de bon sens, née de l'expérience, de la lutte des communautés des casseuses.

Le troisième événement fut la visite qu'Edgar Morin a faite aux indigènes Xerentes. Un grand rêve du philosophe, qui voulait rendre hommage au savoir ancestral de ces peuples. En échange, et pour sa plus grande surprise, il a reçu un hommage de reconnaissance, de par sa forme différente de concevoir la science et de valoriser les formes différenciées de connaissance.

Rodolfo, avec une certaine sensibilité (et finesse) qui n'a rien de commun pour son âge, a gravé plusieurs des moments de ces événements, avec Edgar Morin au centre des attentions. Mais il l'était, à tous les points de vue. Non seulement de par sa renommée autour du monde, mais aussi de par sa présence physique

impétueuse. Un simple exemple peut transmettre le climat qui régnait autour de lui. Je me souviens que, une nuit, en sortant du théâtre où se tenait le séminaire, après 20 heures, il fut abordé par un secrétaire du gouvernement de l'État qui voulait l'inviter à dîner. Il déclina l'invitation, préférant se joindre aux étudiants qui faisaient un concert devant le théâtre. Et rapidement, il entra dans la samba avec les jeunes. Lorsqu'il s'arrêta pour se reposer, quelqu'un est arrivé pour lui offrir un verre d'eau et il s'est retourné vers moi en disant : "vous buvez de l'eau dans les fêtes ? Je pensais que vous buviez de la caipirinha". Bien plus tard dans la nuit, je suis rentré à mon hôtel et il est resté pour danser et rire, en racontant et en écoutant les histoires avec les jeunes. Comme si le temps n'existait pas pour lui.

Elimar Pinheiro do Nascimento  
Sociologue, professeur à l'UnB, ancien  
directeur de la CDS et d'un  
membre du Conseil  
Scientifique de l'Institut  
International de  
Recherche Politique des civilisations.



QUILOMBO





*Paisagem no sertão quilombola*

*Rural Quilombola's Landscape*

*Paysagede l'arrière-pays Quilombola*



*Material utilizado no cotidiano das famílias Quilombolas*

*Everyday household items used by the Quilombolas community*

*Matériel utilisé dans le quotidien des familles Quilombolas*



*Material utilizado no cotidiano das famílias Quilombolas*

*Everyday household items used by the Quilombolas community*

*Matériel utilisé dans le quotidien des familles Quilombolas*





*Pot en terre, Artisanat*

*Clay pottery, Handcrafts*

*Pote de barro, Artesanato*



*Pote de barro, Artesanato*

*Clay pottery, Handcrafts*

*Pot en terre, Artisanat*

## **ECONOLOGIA: O PROGRESSO DO PROGRESSO**

A história do homem é a história do seu progresso. A história do progresso é a história da ideia de progresso. Por isso, a história do homem é a história da ideia de progresso.

Por longos séculos, a ideia de progresso não existia e os homens tinham um mundo que podia ser idílico, mas sem progresso. Os Maias e muitas culturas antigas do extremo oriente viam a história como um círculo que se repetia ao longo dos séculos. Mesmo a maior parte dos gregos, com toda genialidade, não conseguia ver a evolução do homem e os poucos que a viam consideravam que a marcha era em direção à degradação, não à evolução. É recente a ideia de marcha da história, ao invés de apenas lembranças dela. Quando ela surge no período do Renascimento e do Iluminismo, com o coroamento do Humanismo, fazendo o homem como o centro da evolução e não mais da criação, a marcha da história se concentra na ideia de que o progresso estava na evolução das ideias. Não necessariamente na evolução das condições de vida, o conforto, o bem-estar. Mesmo o conceito de ampliação do horizonte e de liberdade não esteve presente.

Foi, sobretudo, o avanço real nas invenções técnicas que fez o avanço radical da ideia, apresentando um novo paradigma para o conceito de progresso.

A partir do final do século XVIII e no século XIX, a ideia de progresso se consolida como uma certeza e o seu conceito se afirma como a sinergia de um tripé: avanço técnico, ampliação da liberdade e bem-estar social.

A partir de então, a história da humanidade entra em um tempo de conquistas que se identificam com a atual ideia de progresso. No século XX, sem perder os seus três pilares fundamentais, o progresso passa a ser identificado com o crescimento econômico. Não se tratava apenas do avanço técnico para dominar a natureza, como nos clássicos do progresso, mas no seu uso para aumentar a quantidade de bens e serviços para o consumo humano.

O progresso passa a ser medido sob o símbolo do Produto Interno Bruto. O progresso passa a ser chamado de desenvolvimento, e este usado como sinônimo de renda alta para permitir alto consumo. O casamento entre Avanço Técnico, Liberdade Democrática e Bem-Estar Social passa a ser visto como Crescimento Econômico, e a

Justiça Social na distribuição de seu produto.

Este casamento resistiu a verdadeiros escândalos históricos perpetrados pelo progresso, como as maldades do nazismo, do apartheid, do gulag soviético e das aberrações no uso da inteligência humana, como a bomba atômica e os bombardeios aéreos. Tudo isso sem a percepção de seu impacto ambiental ameaçando a própria vida humana no planeta. Era a ideia de progresso obscurecendo a tragédia da realidade do progresso. O progresso matando o progresso.

Somente no final do século XX e começo do século XXI que o casamento sinérgico dos pilares do progresso moderno começa a se desfazer por causa do surgimento da percepção da crise ambiental, mostrando os limites do crescimento; da globalização do processo produtivo e de consumo, especialmente do sistema financeiro, eliminando a possibilidade de controle das forças produtivas por um sistema político nacional, incompetente para enfrentar e mesmo entender a crise planetária; da superconcentração da renda, criando um distanciamento tão grande entre o acesso ao avanço técnico, especialmente na biotecnologia e técnicas médicas, que começam a dar sinais de uma ruptura na semelhança da espécie.

É neste quadro que o progresso precisa progredir. A humanidade necessita de um novo conceito para a ideia de progresso e a definição de um novo paradigma para a marcha desejada ao seu futuro.

Na encruzilhada em que nos encontramos, ainda é cedo para apresentar certezas que definam esse novo tempo. Mas já é possível definir alguns dos rumos desejados:

– O progresso necessariamente deverá levar em conta os limites do crescimento econômico e incluir entre seus objetivos a necessidade da sustentabilidade ecológica;

– Diferente da medição de avanço conforme o aumento da produção, o progresso deverá buscar ampliar o horizonte de liberdade, o que implica aumentar o tempo livre disponível para cada um deles, além de controle da natureza para aumentar a esperança de vida de cada um para poderem usufruir seus gostos estéticos e seus prazeres lúdicos;

– O progresso deverá ser pacífico, não podendo continuar a considerar a produção e o uso de arma como um avanço civilizatório;

– O futuro do progresso vai exigir a busca da eliminação das necessidades básicas, com um piso social para todos os habitantes do

planeta; a definição de um teto ecológico, que limite o consumo de bens de predadores; o acesso igualitário a pelo menos três de seus produtos – educação, saúde e justiça – e a aceitação da desigualdade entre o piso social e o teto ecológico conquistado por cada pessoa em função do seu uso da escada social da educação, conforme seu talento, persistência e vocação.

– Mesmo que o progresso sempre seja um conceito do homem e para o homem, ele deve perder a arrogância e a estupidez por desprezar os demais componentes de vida do planeta, respeitando a biodiversidade como um compromisso ético, uma necessidade do sistema de vida e um valor cultural, uma conquista central do progresso.

Se não caminhar para sua reformulação e se não fizer o progresso da ideia de progresso, o progresso como é definido e aceito hoje será interrompido por seu esgotamento. Para continuar, duas novas ideias de progresso se apresentam: uma por meio do neoprogresso, que limite o número de seres humanos que dele participam, por intermédio da exclusão de parte da humanidade, seja por guerras ou por uma mutação genética, produzidas pelo progresso técnico, vitimando o avanço ético; e a outra por intermédio da ruptura que se espera em direção a

um novo paradigma que seja sustentável ecologicamente, incluindo socialmente e libertário individual e coletivamente.

A esperança deste novo paradigma está na combinação entre técnica e ética, liberdade e justiça, produção e ecologia. Sua base lógica seria uma econologia – combinação de ética, ecologia e economia, servindo de base teórica para a consolidação de uma nova ideia de progresso e prática do progresso, na definição de seu propósito (ética) seu alicerce (ecologia) e sua lógica (economia).

Cristovam Buarque  
Professor, ex-reitor da  
Universidade de Brasília  
Senador pelo Distrito Federal.

## ECNOLOGIE : LE PROGRÈS DU PROGRÈS

L'histoire de l'homme est l'histoire de son progrès. L'histoire du progrès est l'histoire de l'idée du progrès. C'est pourquoi l'histoire de l'homme est l'histoire de l'idée du progrès.

Pendant de nombreux siècles, l'idée du progrès n'existait pas et les hommes avaient un monde qui pouvait être idyllique, mais sans progrès. Les Mayas et beaucoup de cultures anciennes de l'extrême Orient voyaient l'histoire comme un cercle qui se répétait durant les siècles. Même la plupart des grecs, avec tout leur génie, n'arrivait pas à voir l'évolution de l'homme et le peu de personnes qui la voyaient considérait que la marche était en direction de la dégradation, et non de l'évolution.

L'idée de la marche de l'histoire est récente, au lieu de simplement un souvenir. Quand elle surgit pendant la Renaissance et l'Illusionnisme, comme le couronnement de l'Humanisme, faisant l'homme comme le centre de l'évolution et non plus de la création, la marche de l'histoire se concentre dans l'idée que le progrès était dans l'évolution des idées. Pas nécessairement dans l'évolution des conditions de vie, le confort,

le bien-être. Même le concept d'amplification de l'horizon et de liberté n'était pas présent.

Avant tout, ce fut l'avancée réelle dans les inventions techniques qui a permis l'avancée radicale de l'idée, présentant un nouveau paradigme pour le concept de progrès.

A partir de la fin du XVIIIème siècle et au XIXème siècle, l'idée de progrès se consolide avec une certitude et son concept s'affirme comme la synergie d'un trépied : avancée technique, amplification de la liberté et bien-être social. A partir d'alors, l'histoire de l'humanité entre dans un temps de conquêtes qui s'identifient comme l'idée actuelle du progrès. Au XXème siècle, sans perdre ses trois piliers fondamentaux, le progrès s'identifie avec la croissance économique. Il ne s'agissait pas seulement d'une avancée technique pour dominer la nature, comme dans les classiques du progrès, mais de son utilisation pour augmenter la quantité de biens et services pour la consommation humaine.

Le progrès se mesure désormais au symbole du Produit Interne Brut. Le progrès s'appelle dès lors développement, et utilisé comme synonyme de rente élevée pour permettre la grande consommation. Le mariage entre Avancée

Technique, Liberté Démocratique et Bien-Être Social devient connu comme Croissance Economique, la Justice Sociale dans sa distribution de son produit.

Ce mariage a résisté à plusieurs scandales historiques perpétrés par le progrès, comme les méchancetés du nazisme, de l'apartheid, au goulag soviétique et aux aberrations dans l'utilisation de l'intelligence humaine, comme la bombe atomique et les bombardements aériens ; et sans la perception de son impact environnemental menaçant la propre vie humaine sur la planète. L'idée du progrès noircit la tragédie de la réalité du progrès. Le progrès tuant le progrès.

C'est seulement à la fin du XXème siècle et au début du XXIème siècle que le mariage synergique des piliers du progrès moderne commence à se défaire à cause de l'apparition de la perception de la crise environnementale, montrant les limites de la croissance; de la globalisation du processus productif et de consommation, spécialement du système financier, éliminant la possibilité de contrôle des forces productives par un système politique national, incompetent pour affronter et même comprendre la crise planétaire; de la superconcentration de la rente créant une séparation tellement grande entre l'accès

à l'avancée technique, spécialement dans la biotechnologie et les techniques médicales, qui commencent à donner des signes d'une rupture dans la ressemblance de l'espèce.

C'est dans ce cadre que le progrès doit progresser. L'humanité a besoin d'un nouveau concept pour l'idée de progrès et la définition d'un nouveau paradigme pour la marche désirée à son futur.

Au carrefour dans lequel nous nous trouvons, il est encore tôt pour présenter des certitudes qui définissent ce nouveau temps. Mais il est déjà possible de définir quelques-unes des positions désirées:

– Le progrès devra nécessairement prendre en compte les limites de la croissance économique et inclure dans ses objectifs la possibilité de la durabilité écologique;

– Contrairement à la mesure de l'avancée selon l'augmentation de la production, le progrès devra chercher à amplifier l'horizon de la liberté, ce qui implique augmenter le temps libre pour chacun d'eux, en plus du contrôle de la nature pour augmenter l'espérance de vie de chaque individu;

– Le progrès devra être pacifique, ne pouvant pas continuer dans la logique de considérer l'avancée

de la production et l'utilisation des armes, que ce soit de destruction massive ou pour utilisation personnelle;

– L'avenir du progrès va exiger la recherche de l'élimination des nécessités basiques, avec un seuil social pour tous les habitants de la planète; et la définition de toit écologique, qui limite la consommation de biens de prédateurs ; l'accès égalitaire à au moins trois de ses produits – éducation, santé et justice - ; et l'acceptation de la différence conquise par chaque personne qui utilise l'échelle sociale de l'éducation, selon son talent, sa persévérance et vocation entre le seuil social et le toit écologique.

– Même si le progrès est toujours un concept de l'homme et pour l'homme, il doit perdre l'arrogance et la stupidité de mépriser les autres composants de la vie de la planète, respectant la biodiversité comme une valeur et une conquête centrale du progrès.

S'il ne chemine pas vers sa reformulation et s'il ne fait pas le progrès de l'idée du progrès, le progrès comme il est défini et accepté aujourd'hui, sera interrompu par son épuisement. Pour continuer, deux nouvelles idées de progrès se présentent: une via le néo-progrès excluant qui limite le nombre

d'êtres humains qui consomment, que ce soit par des guerres ou par une mutation génétique, produites par le progrès technique qui rend victime le progrès éthique ; l'autre, par l'intermédiaire de la rupture que l'on attend en direction d'un nouveau paradigme.

Ce nouveau paradigme est l'espérance pour la combinaison entre technique et éthique, liberté et justice, réduction et écologie. Sa base logique serait une ecnologie – combinaison entre éthique, écologie et économie.

Cristovam Buarque  
Professeur de l'UnB  
Sénateur du DF.



## **ECNOLOGY : THE PROGRESS OF PROGRESS**

The history of man is the history of his progress. The history of the progress is the history of the idea of progress. So, the history of man is the history of the idea of progress.

For long centuries, there isn't the idea of progress and the men had a world that could be idyllic, but without progress. The Maya and many ancient cultures of the Far East saw the history as a circle repeating itself over the centuries. Even the most part of the Greeks, with all geniality, couldn't see the evolution of man and the few that could see it considered that the regular progress was toward degradation, not to evolution.

It is recent the idea of regular progress of history, instead of its memories. When it arises in the period of the Renaissance and the Enlightenment, as the crowning achievement of Humanism, putting the human being as the center of evolution and not of the creation, the regular progress of history focuses on the idea that the progress was in the evolution of ideas. Not necessarily in the evolution of living conditions, the comfort, the well-being. Even the concept of

broadening of the horizon and freedom was not present.

It was, above all, the real breakthrough in technical inventions that made the radical idea advance, presenting a new paradigm for the concept of progress. From the late of 18th century and 19th century, the idea of progress is consolidated as a certainty and its concept is stated as the synergy of a tripod: technical advancement, expansion of freedom and social welfare.

From then on the history of mankind move into a time of achievements that identify themselves with the current idea of progress. In the 20th century without losing its three fundamental pillars, the progress becomes identified with the economic growth. It was not just about technical advancement to dominate nature, as in classics of progress, but in its use to increase the amount of goods and services for human consumption.

The progress shall be measured under the symbol of the Gross Domestic Product. Progress shall be called development, and this used as synonym for high income to allow high consumption. The marriage between technical advancement, Democratic Freedom and Social Welfare should be seen as

Economic Growth, a Social Justice in distribution of its product.

This marriage survived to real historical scandals perpetrated by progress, such as the evils of Nazism, from Apartheid to Soviet gulag and the aberrations in the use of human intelligence, as the atomic bomb and the aerial bombardment; and without the perception of its environmental impact threatening human life on the planet. The progress' idea obscuring the tragedy of progress' reality. The progress killing progress.

Only in the late 20th century and early 21st century that the synergistic marriage of the pillars of modern progress begins to undo because of the emergence of the perception of the environmental crisis, showing the limits of growth; the globalization of production and consumption process, especially of the financial system, eliminating the possibility of productive forces by a national political system, incompetent to face and even understand the planetary crisis; of incoming super concentration creating a big distance between the technical advancement access, especially in biotechnology and medical techniques, that begin to show signs of a break in the likeness of species. It is in this context that progress needs to advance. Humanity needs a new

concept for the idea of progress and a setting of a new paradigm for the desired development to its future.

At the moments we are, it is too early to present certainties that could define this new era. But it is possible to define some of the desired directions:

- The progress should necessarily take into account the limits of economic growth and include among their objectives the possibility of ecological sustainability;

- Different of advance measurement according to the increase in production, progress should seek to expand the horizon of freedom which implies increasing the free time available for each one of them, in addition to control of nature to increase the life span of each individual;

- The progress should be pacific, it cannot continue in the logic to consider the advance of production and use of weapons whether for mass destruction or personal use;

- The future of progress will require the pursuit of elimination of basic needs, with a social floor for all inhabitants of the planet; and the definition of eco-ceiling that limits consumption of goods from predators; the equal access to at least three of its products-education, health

and justice; and acceptance of inequality conquered by each person using the social development of education, according to his talent, persistence and vocation between the social floor and eco-ceiling

– Even though the progress is always a concept of man and to the man, it must lose the arrogance and stupidity by despise the other components of life on the planet, respecting the biodiversity as a value and a central achievement of progress.

If it does not walk to its reformulation and if not makes the progress of the progress' idea, progress as is defined and accepted today will be interrupted by its exhaustion. To continue, two new ideas of progress emerge: by means of excluding neoprogess that limit the number of humans that consume, either by war or by genetic mutation, produced by technical progress victimizing the ethical progress; the other through the expected break toward a new paradigm.

This new paradigm is the hope for the combination of technique and ethics, freedom and justice, production and ecology. Its logical basis would be a ecnology – combination of ethics, ecology and economy.

Cristovam Buarque  
Professor, former Rector of UnB  
Senator of DF.



*Pastor José Rodrigues recepciona  
Edgar Morin na chegada ao  
Quilombo Malhadinha*

*Pastor José Rodrigues welcomes Edgar  
Morin upon his arrival at  
Quilombo Malhadinha*

*Pasteur José Rodrigues reçoit Edgar  
Morinà son arrivé au  
Quilombo Malhadinha*



*Quilombo Malhadinha*



*Bolo de fubá, paçoca, biscoitos de queijo, suco de goiaba – tradição culinária quilombola*

*Cornmeal cake, paçoca (candy made from ground peanuts), cheese biscuits, guava juice – quilombola culinary traditions*

*Gâteau de fubá, paçoca, biscuits de fromage, jus de goiabe – tradition culinaire quilombola*



*Edgar Morin participa de ritual místico tradicional da cultura quilombola, chamado: benzer*



*Edgar Morin participates in "benzer" – a Quilombola traditional mystical ritual*

*Edgar Morin participe au rituel mystique traditionnel de la culture quilombola, surnommé: bénédiction*



*Retratos*





## POUR UNE PENSÉE DU SUD

Qu'est ce le Sud ? C'est tout d'abord une notion faussement claire. S'il est évident que le sud se définit par rapport au nord, un sud, comme le Maghreb par rapport à l'Europe, est un nord pour l'Afrique. En Europe, l'Italie est un pays Sud Européen qui a son nord, avec Milan, la Lombardie. La France, pays du nord, a son sud: la Provence, le Languedoc. Et São Paulo, métropole du sud, est toute imprégnée de nord. La notion de sud est une notion relative. Donc nous devons éviter toute réification ou substantialisation du terme "sud". Le Nord de son côté ne peut être conçu comme entité géographique. Il est très hétérogène et nous ne parlons évidemment pas de la Russie plus proche culturellement du sud européen que du nord anglo-saxon, ni évidemment de la Sibérie. Il ne saurait non plus être conçu comme idéaltype à la façon de Max Weber. Ce n'est pas non plus une notion réductrice qui oublierait toutes les qualités qui viennent du Nord. En fait, ce que nous appelons aujourd'hui Nord était il y a quelques décennies appelé Occident quand on l'opposait à l'Orient; il est devenu Nord opposé au Sud quand le terme de Tiers-Monde est tombé en désuétude. Effectivement, pour le sud, il y a une hégé-

monie du nord, qui est l'hégémonie de la technique, de l'économie, du calcul, de la rationalisation, de la rentabilité, de l'efficacité.

Notions qui ne sont pas à rejeter, mais à l'égard desquelles, sans doute, une pensée du sud doit s'exprimer de façon consciente et critique, d'autant plus que cette hégémonie insuffle son dynamisme sur toute la planète. D'autant plus qu'actuellement le Nord est en train de dévorer – ou d'essayer de dévorer – le Sud.

Il y a évidemment des sud, très différents les uns des autres, mais qui sont soumis à la conception unique, venue du nord, de l'arriération, du sousdéveloppement, de l'impératif du développement et de la modernisation. Cette vision rend incapable de concevoir qu'il y ait dans les sud des qualités, des vertus, des arts de vivre, des modes de connaissance qu'il s'agirait non seulement de sauvegarder, mais aussi de propager dans les nord.

Pour arriver à la pleine conscience des qualités et des vertus du sud, il faudrait une pensée du sud. Une telle pensée est à élaborer, à partir des expériences des divers suds.

Une telle pensée doit tout d'abord développer la conscience du pillage et du saccage du Sud par

le Nord. Il n'y a pas que les séquelles du colonialisme dans les pays colonisés. Le nord a imposé l'ouverture des frontières à ses produits, la privatisation des services publics, l'orientation de la production vers l'exportation (FMI et autres) Il y a la mainmise sur les richesses minières et pétrolières par les grandes compagnies du nord. Il y a la prise de possession des terres fertiles vouées à l'agriculture industrialisée, qui chasse les paysans dans les bidonvilles, dégrade les sols et les produits alimentaires par pesticides, désertifie les immenses champs d'où disparaît toute vie. Il y a le fait que la production céréalière de la paysannerie locale, ne peut être compétitive aux blés d'importation subventionnés venus du nord, et que par la faute de ressources vivrières locales suffisantes, ainsi que sous l'effet de la spéculation et de la corruption, les famines réapparaissent. Il y a l'industrie pharmaceutique du Nord qui s'empare des ressources médicinales des végétaux du sud et les brevète à son profit. Il y a la mise en vente des produits périmés du nord, l'injonction apparemment hygiéniste en fit mercantile de rem-

placer le lait maternel par le lait condensé. La pensée du Sud.

Une précision préliminaire est nécessaire. J'ai dit que nord et sud étaient des notions relatives. Il faut ajouter qu'il ne faut idéaliser ni dévaloriser l'une et l'autre. Toute culture, ou toute civilisation (ici la distinction entre ces termes importe peu) a ses qualités, ses vertus, ses illusions, ses infirmités. La culture du nord issue de l'Occident européen, développée dans le monde anglo-saxon, a apporté la démocratie représentative, les droits humains, le droit de la femme, les autonomies individuelles. Mais elle a aussi ses carences profondes en se concentrant sur la puissance et sur les développements matériels, elle a ses aveuglements, ses illusions comme fut jusqu'à une époque récente l'occultation de la relation vitale entre l'humain et le monde naturel ou comme le mythe d'un progrès conçu comme loi inéluctable de l'histoire humaine. Du côté des suds, de trop nombreuses cultures entretiennent l'autorité inconditionnelle des pouvoirs politiques et religieux, la domination de l'homme sur la femme, des interdits de toutes sortes.





*Mulher Anciã Quilombola acendendo forno de barro. Cotidiano*  
*Elderly Quilombola woman, lighting a fire in the clay oven. Routine*  
*Vieille femme Quilombola allumant le four en terre. Quotidien*



*Chapéu e ralador*

*Hat and grater*

*Chapeau et râpe*



*Abóbora, carambola,  
banana e cana - frutos da  
culinária Quilombola*

*Pumpkin, starfruit, banana  
and sugarcane - typical  
fruits from the  
Quilombola's cuisine*

*Citrouille, carambole,  
banane et canne à  
sucre - fruits de la  
cuisine Quilombola*



*Pilão para fazer Paçoca.  
Comida Típica*

*Mortar and Pestle to make  
Paçoca. Typical Food*

*Pilon pour faire de la Paço-  
ca. Nourriture Typique*



*Ancião Quilombola apre-  
senta produção artesanal  
do Licor de Murici*

*Ancião Quilombola presents  
handmade production of mu-  
rici liqueur*

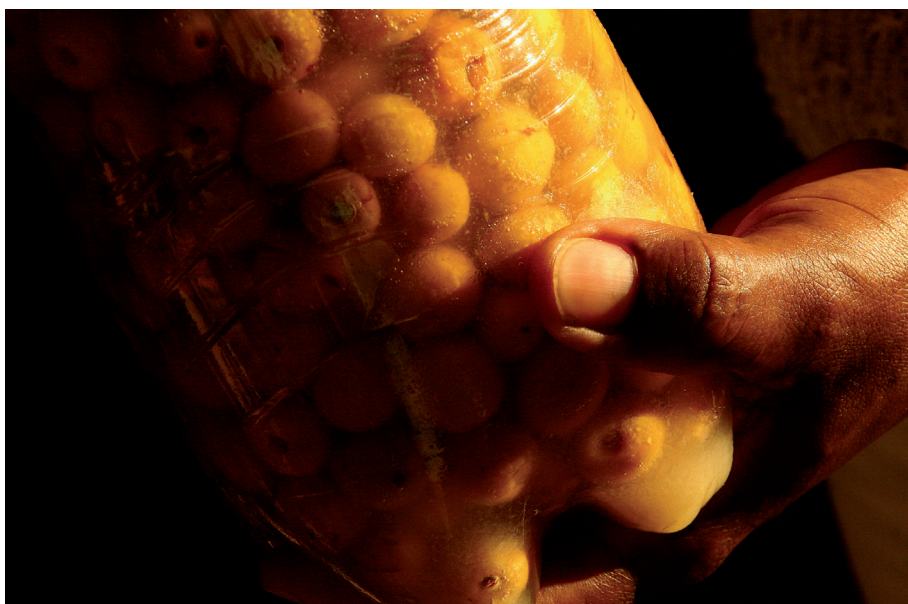
*Ancien Quilombola présente  
une production artisanale  
de Liqueur de Murici*



*Licor de Murici. Saberes dos antepassados materializados na culinária*

*Murici Liqueur. Ancestry cooking knowledge*

*Liqueur de Murici. Savoirs des ancêtres matérialisés dans la cuisine*



*Licor de Murici. Saberes dos antepassados materializados na culinária*

*Murici Liqueur. Ancestry cooking knowledge*

*Liqueur de Murici. Savoirs des ancêtres matérialisés dans la cuisine*





*Material utilizado no cotidiano das famílias Quilombolas*

*Everyday household items used by the Quilombolas community*

*Matériel utilisé dans le quotidien des familles Quilombolas*



*Produção da garapa a partir da cana de açúcar*

*Production of garapa (juice) made from sugar cane*

*Production de la garape à partir de la canne à sucre*

# SEMINÁRIO







*Edgar Morin*

L'univers de pensée ici proposé est celui du refus de la réduction (d'un complexe à l'un de ses éléments) de la disjonction (qui sépare des idées apparemment antagonistes mais pourtant complémentaires).

Quelle pourrait être l'apport de la Méditerranée à l'élaboration d'une telle pensée ?

Il y a l'héritage le plus ancien, sans doute, qui est celui d'une divinité universelle, que déjà Akhnaton, pharaon, a voulu reconnaître et adorer à travers le soleil. Le dieu universel a réapparu dans la Bible, et dans les Évangiles. Il repousse les dieux multiples des religions polythéistes. Mais pour ma part je concilierais, dans une pensée du Sud, le sens de la diversité concrète de la nature, qu'expriment les dieux des polythéismes antiques, notamment grec et latin, et le sens de l'unité de l'univers qu'exprime le Dieu Unique.

À partir de Paul de Tarse s'est manifesté une religion s'adressant à tous les êtres humains "il n'y a plus de juifs ni de gentils" portant en elle une source d'universalité concrète, s'adressant à la multiplicité humaine dans ses différentes ethnies, et qui se retrouvera dans l'Islam, puis laïcisée, dans l'humanisme européen.

Nous trouvons une autre source d'universalité dans l'héritage hellénique: toute être humain est doté de raison, ce qui lui permet d'avoir compétence sur la politique de la Cité. La déesse Athéna ne dirige pas la cité d'Athènes, elle protège. Ce qui dirige, c'est l'Assemblée des citoyens. Et dans la démocratie comme dans la philosophie athénienne le débat joue un rôle central : c'est le chemin vers la vérité. De plus la philosophie se définit, non seulement comme une recherche de sagesse, mais plus encore comme une volonté de réflexion sur toutes choses.

Il nous faut également assumer l'héritage universaliste de l'empire romain qu'a manifesté l'édit de Caracalla qui reconnaît à tout habitant de l'Empire, quelle que soit son origine ethnique, les droits du citoyen romain.

De même, il nous faut assumer le message de la Renaissance – autre message du sud – et ce message qu'il nous faut assumer et reprendre c'est : "problématiser". La Renaissance est un mouvement de l'esprit où l'on problématise le monde : "Qu'est-ce que le monde ?" On problématise l'homme: "Qu'est-ce que l'homme ?" On problématise la nature: "Qu'est-ce que la nature ?" On problématise Dieu : "Dieu, qui est-il? Existe-t-il ?"

Un humanisme est né à partir de cette problématisation. Le mot "humanisme" a deux faces. Il a une face qu'il nous faut abandonner. C'est celle de l'homme dominateur, voué à devenir maître et possesseur de la nature, selon la formule de Descartes. Nous devons rejeter cet humanisme arrogant, parce que nous savons désormais que toute volonté de maîtriser la nature dégrade non seulement cette nature, mais aussi notre humanité qui lui est inséparablement liée, dépendante d'elle encore plus qu'elle dépend de nous. L'autre face de l'humanisme est celle de la valeur et de la dignité de tout être humain, quel qu'il soit, d'où qu'il soit. C'est cet humanisme que nous devons non seulement assumer, mais aussi propager en l'ère planétaire où toute l'humanité vit une communauté de destin.

Nous devons aussi assumer l'héritage de la Renaissance parce que aujourd'hui, à nouveau, nous devons problématiser le monde. Notre univers n'est plus celui de Copernic et de Galilée, où le soleil était devenu central. C'est un univers absolument gigantesque où il n'y a pas de centre, où la Terre est la minuscule planète d'un minuscule soleil, astre mineur d'une petite galaxie périphérique.

Nous devons problématiser le réel: où est la "vraie" réalité, Dans les particules et les atomes ? Dans les objets de notre perception? Dans notre esprit? Que signifie la réalité aujourd'hui?

Nous devons reproblématiser notre relation avec la nature, que nous avons considérée comme faite d'objets à manipuler, domestiquer ou détruire alors que nous lui sommes inséparablement et vitalement liés.

Nous devons reproblématiser nos croyances et nos crédos, à commencer par notre croyance en un progrès irréversible de l'humanité.

Enfin, nous devons problématiser l'instrument même de la problématisation, qui est la raison. Car nous devons commencer à comprendre que la raison n'est pas une, monolithique, simple. Il y a une rationalité ouverte qui reconnaît les limites de ses capacités d'appréhension, et ne peut que reconnaître le mystère de l'univers. Il y a la rationalité théorique qui élabore des systèmes d'idées. Il y a la rationalité critique qui s'en prend aux croyances infondées. Il y a la rationalité autocritique, qui examine rationnellement sa propre culture et sa propre personne. Il y a la raison close, incapable d'accueillir les arguments et les faits qui la con-

trierent. Il y a la rationalité chaude, animée par une passion. Et il y a la rationalité glacée du calcul. Il y a une rationalité dégénérée qui est larationalisation, fondée sur une logique implacable et bornée. Il y a la rationalité instrumentale au service des délires et cruautés humaine. Nous avons, bien entendu, à régénérer ce qui fait la vertu de la rationalité, la capacité théorique, la capacité critique, la dénonciation des dogmes, la résistance à l'anathème, et surtout, aussi, la capacité autocritique encore très sous-développée.

Aux héritages méditerranéens, nous devons combiner les héritages africains et sud-américains. Si divers soient-ils, ils comportent tous des modes mythiques ou religieux d'intégration dans le cosmos et dans la nature dont nous devons extraire la vérité profonde et la lier à notre nouvelle conscience écologique qui reconnaît notre intégration dans une biosphère que le devenir de la mondialisation, sous l'impulsion du nord, continue à dégrader. Il y a l'héritage des traditions de solidarité qu'il s'agit non de détruire, mais d'intégrer. Il y a de multiples connaissances, savoirs, sur le monde minéral, végétal, animal que nous avons à incorporer. Il y a de très divers et riches arts de vie, y compris dans les petites socié-

tés indigènes d'Amérique du sud et d'Afrique.

Aussi, réunissant et conjuguant tous ses héritages, une pensée du Sud est capable d'opérer une nouvelle et grande problématisation.

Commençons par problématiser la mondialisation, ce processus qui a commencé à la fin du XV<sup>ème</sup> siècle avec la conquête des Amériques et la navigation autour du globe, s'est développé dans et par la colonisation et l'esclavage, et qui, à partir des années 1990 s'est déployé sous forme de globalisation. Celle-ci se poursuit de façon effrénée. La science, la technique, l'économie, le profit sont les moteurs de ce dynamisme qui propulse le vaisseau spatial Terre. Ce dynamisme scientifique-technique-économique a produit des périls nouveaux pour toute l'humanité, avec la prolifération des armes nucléaires, avec la dégradation de la biosphère, avec les poly crises planétaires. Avec aussi les nouveaux conflits ethno-religieux qui déchirent notre planète et peuvent produire l'utilisation des armes d'anéantissement.

Nous sommes témoins et victimes aujourd'hui d'une crise économique venant de l'absence de régulation d'une économie mondiale corrompue par la finance spé-

culative. Cette crise s'inscrit dans un ensemble de crises. Crise de la relation entre les humains et la nature, dont témoignent les multiples dégradations de la biosphère. Crise des sociétés traditionnelles que tendent à désintégrer sous le dynamisme de cette mondialisation qui est en fait une occidentalisation. Crise de la modernité, elle même, puisque non seulement la modernité accomplie dans les pays d'Europe occidentale et les États Unis, n'a pas réalisé les promesses d'une vie meilleure, d'une vie libérée, d'une vie harmonieuse, mais au contraire, a créé un nouveau mal-être de civilisation. Crise de la modernité aussi dans le sens où ce qui justifiait son devenir était l'idée devenue un dogme universel au XXème siècle, que le progrès était une Loi irrésistible de l'histoire humaine. Or, nous avons progressivement découvert que les moteurs du progrès étaient profondément ambivalents, comme la science, la technique, le développement. Nous avons découvert aussi que la promesse est morte, que le futur est incertain, que le lendemain est inconnu. L'autodestruction de l'idée de progrès nous a conduit à une crise du futur. Et dans la crise du futur, dans l'angoisse du présent, que reste-t-il sinon le retour aux racines, c'est-à-dire, au passé. C'est le philosophe

tchèque Patocka qui a formulé la vision la plus claire : "Le devenir est problématisé et il le sera à jamais". C'est dire que l'aventure humaine est une aventure inconnue.

Ainsi, nous avons toutes ces crises qui se rejoignent dans la crise du développement. Certes le développement a apporté du bien être, des autonomies individuelles, des émancipations dans la création de nouvelles classes moyennes. Mais le développement a apporté aussi la destruction des solidarités traditionnelles, des corruptions nouvelles, l'accroissement des inégalités partout dans le globe, d'énormes misères. Et nous avons le spectacle en Asie, en Amérique Latine, en Afrique, des mégapoles avec d'immenses suburbies ou banlieues de dénuement. Comme l'ont dit très justement la sociologue Sabah ABOUESSALAM et le penseur iranien Majid Rahnema, la misère a chassé la pauvreté. Certes une partie de la pauvreté a été chassée par la prospérité des nouvelles classes moyennes, mais la pauvreté qui permettait un minimum de vie digne, a été chassée en grande partie par la misère, qui est dépendance et humiliation.

Donc, nous vivons la crise du développement qui est en même temps la crise de l'occidentalisation



et la crise de la mondialisation, trois faces de la même crise.

La crise de la mondialisation est aussi la crise de l'unification technoéconomique du globe. Celle-ci s'était effectuée après l'effondrement des économies dites socialistes, en Union Soviétique, Chine, Vietnam, dans et par la mondialisation du capitalisme et des télécommunications qui permettent à tous points de la planète d'être en relation immédiate, (téléphone, fax, internet) donc une unification extraordinaire de la planète. Et pourtant, cette unification coïncide avec des décompositions de tous ordres : l'Union Soviétique se disloque en nations nouvelles et parfois antagonistes, comme l'Azerbaïdjan et l'Arménie, et comme récemment la Géorgie et la Russie elle-même ; aussitôt après 1990, la poussée des nationalismes croate et serbe désintègre une nation apparemment accomplie, la Yougoslavie, et produit une guerre atroce contre laquelle l'Europe s'est montrée impuissante. Puis la Tchécoslovaquie s'est coupée en deux. Un peu partout des forces centrifuges sont en action au sein des nations et des ethnies revendiquent à devenir nations.

Cette coïncidence se comprend parce que l'unification techno-économique a produit la dislocation socio-culturelle: cette

unification apporte en elle une homogénéisation civilisationnelle qui, dans de nombreux cas, menace les originalités et les singularités culturelles, ethniques, nationales. D'où une réaction de repli sur la nation, l'ethnie, voire sur la religion. Le processus d'unification provoque d'autant plus la dislocation, qu'en même temps l'incertitude historique a apporté la perte de la foi dans le progrès, la perte d'espérance en un monde nouveau, l'angoisse du présent, ce qui a contribué au recroquevillement des nations et des esprits, au retour vers le passé religieux, ethnique et/ou national.

Et nous assistons au déchaînement combiné de deux fléaux pour l'humanité. Le premier fléau c'est l'unification abstraite et homogénéisante qui détruit les diversités. Le deuxième fléau c'est le recroquevillement sur soi des singularités, qui elles-mêmes deviennent abstraites, puisqu'elles s'abstraient du reste de l'humanité. Nous subissons le cours de deux abstractions de nature différente.

Ici il faut comprendre le lien entre l'unité humaine et la diversité humaine. Il est évident qu'il y a une unité anatomique, génétique, physiologique, cérébrale, affective, de tous les être humains, mais cette unité s'exprime d'une façon extrêmement différenciée. Il n'y a pas

deux individus qui se ressemblent – même des jumeaux homozygotes se différencient l'un de l'autre. Et puis, la culture, (c'est-à-dire, tout ce qui est appris savoirs, savoir-faire, croyances, mythes etc) universelle dans l'humanité, n'existe qu'à travers les cultures singulières – la musique n'existe qu'à travers les musiques, etc. – ce qui fait que le trésor de l'unité humaine est la diversité et que le trésor de la diversité humaine est l'unité.

Leibnitz disait: "L'un conserve et sauve le multiple". Cette orientation fondamentale pourrait nous indiquer une voie pour sortir de l'antagonisme entre la diversité renfermée et l'unité abstraite, une voie qu'une pensée du sud devrait concevoir.

Nous sommes confrontés à la crise de l'humanité qui n'arrive pas à accéder à l'humanité. Nous sommes confrontés à une planète qui, tout en poursuivant le dynamisme triomphant de la technique, de la science, et de l'économie, est une planète en détresse. Heidegger disait, avec une grande lucidité, alors qu'on croyait être dans une nouvelle ère des Lumières, que nous sommes entré dans la nuit et l'obscurité.

Or, ce qui est hégémonique dans le Nord produit l'aveuglement

sur<sup>1</sup> la mondialisation et sur la crise de l'humanité. C'est l'aveuglement de la pensée fondée essentiellement sur le calcul, aveugle à l'existence, à la joie, à la souffrance, au malheur, à la conscience, aveugle à l'humain de l'humanité.

La vision productiviste/quantitativiste du nord ignore les qualités dont la qualité de la vie. C'est pourquoi un des messages du sud devrait être : "mieux plutôt que plus", et parfois "moins, mais mieux !" Bien entendu, quand il s'agit de ceux qui sont démunis, le plus doit aller avec le mieux. Mais quand on voit le processus mondial de production et consommation d'objets les uns aux qualités illusoires, les autres très rapidement obsolètes, beaucoup jetables et non réparables, des modes superficielles, des dilapidation d'énergies, de temps, de biens, on prend conscience que notre civilisation suscite et subit d'innombrables intoxications consommatrices.

La pensée dominante du Nord est fondée sur la réduction du complexe au simple et sur la

---

1 – De Régis Debray: "défaire le lien pour faire du chiffre sacrifier la sociabilité à la rentabilité et transformer le critère *quantitative* en juge suprême conduit à des désastres. *L'arithmétique* devient folle quand elle tient lieu de politique. Le chiffre n'est plus un mot de passé, il devient un mot d'ordre"

disjonction, c'est-à-dire, la séparation de ce qui est en fait inséparable. L'esprit de réduction a permis d'isoler la cellule, la molécule, l'atome, la particule. L'esprit de disjonction a permis les développements, des disciplines productrices des connaissances qui nous ont amenés à revoir entièrement notre vision du monde et de la vie. Mais la spécialisation des disciplines closes, étrangères les unes aux autres, donne le primat à une pensée qui devient myope en isolant les objets hors de leurs contextes et de leurs liens naturels. Cette pensée est aveugle à ce qui est global et fondamental, parce que les connaissances séparées ne permettent pas de saisir la complexité des phénomènes globaux et le caractère fondamental de nos problèmes vitaux.

La pensée fondée sur la notion de homo economicus, déterminé uniquement par l'intérêt personnel – est aveugle à tout ce qui échappe à cet intérêt, l'amour, le don, la communion, le jeu. On peut même dire que les conquêtes du Nord, si importantes sur le plan de l'individualisme, qui permettent une autonomie de vie, ont aussi produit les développements égoïstes et égocentriques liés à la dégradation des solidarités traditionnelles et du sentiment de responsabilités à l'égard du tout dont on fait partie.

Or, il y a deux sources dans l'éthique qui sont vitales pour les individus et les sociétés humaines, ce sont la solidarité et la responsabilité.

Dans la vision hégémonique du nord, l'expertise d'un spécialiste compétent dans un domaine remplace la pensée qui, elle, relie des domaines différents. L'expertise est parcellaire, la pensée relie. Qu'est-ce qui triomphe dans la perte de ce qui est fondamental et de ce qui est global ? Ce qui triomphe ce sont les idées parcellaires closes. Ce qui triomphe en même temps, ce sont les idées globales creuses qui ignorent notamment le lien entre l'unité et la diversité. Ce qui domine c'est la causalité mécanique, la causalité déterministe qui est celle des machines artificielles que nous produisons dans les usines. Et cette causalité déterministe, chronométrée, linéaire, nous l'appliquons de plus en plus aux individus et aux sociétés.

Or il faut penser que ni l'individu humain ni la société humaine ne sont des machines triviales. Une machine triviale est une machine totalement déterministe dont on connaît les outputs quand on connaît les inputs : si nous connaissons les informations et les programmes qui entrent en elle, nous connaissons les comportements et les résultats qui vont en sortir. Or tout ce qui est advenu à l'humanité est venu

du fait que nous ne sommes pas des machines triviales. On peut penser aussi bien que les grands prophètes – Jésus, Mahomet – que les grands philosophes, les grands scientifiques, les grands musiciens – Mozart, Beethoven – les grands hommes d'État n'étaient pas des machines triviales, puisqu'ils ont apporté l'inattendu et le créateur. Mais aussi chacun de nous, même asservis à des logiques triviales, échappons à la trivialité par nos aspirations, nos rêves, nos coups de foudre amoureux ou esthétiques, nos transgressions.

La logique d'efficacité, de prédictibilité, de calculabilité, chronométrée et hyperspécialisée s'est répandue dans de très nombreux secteurs de nos vies. À commencer dans les administrations où la bureaucratie gangrène l'activité gestionnaire. Elle prend les commandes du monde urbain et même du monde rural, avec l'agriculture industrialisée, et l'élevage industrialisé. Elle envahit même l'éducation pour la vouer à faire des professionnels efficaces et rentables. Elle envahit la vie quotidienne. Elle envahit la consommation, les règles, les loisirs, les services. Il y a ce que Ritzler a appelé "la macdonaldisation de la société". Autrement dit, une forme close de rationalisation se répand sur la planète et cette rationalisation produit une irrationalité totale.

On parle de la pensée unique en politique. Mais la pensée unique dans la politique n'est qu'un des rameaux d'une pensée à la fois réductrice et disjonctive qui règne dans tous les domaines et qui commande également les pourfendeurs de la pensée unique, lesquels font des justes dénonciations mais sont incapables de faire la moindre énonciation qui puisse nous ouvrir une voie nouvelle.

La logique du Nord, enfin, est aveugle aux réalités du Sud qu'elle considère comme arriération, archaïsme, paresse. La pensée du Nord est faite pour traiter les problèmes d'organisation techniques, pratiques et quantifiables, c'est-à-dire, la prose de la vie. Or la vie humaine ne comporte pas que de la prose. La prose c'est ce que nous faisons par obligation, par contrainte, pour gagner nos vies – et nous la gagnons, souvent, en la perdant. La prose nous fait survivre. Mais vivre, c'est vivre poétiquement, c'est-à-dire dans l'amour, dans la communion, dans la réalisation de soi, dans la joie – à la limite dans l'extase. Je reprends ici la parole de Hölderlin : "Poétiquement l'homme habite la terre". En fait, nous habitons la terre prosaïquement et poétiquement. Mais comme la prose tend à envahir nos vies, n'est-il pas la mission de la pensée du Sud que de rappeler le carac-

tère essentiel de la poésie du vivre ? D'autant plus qu'il y a des arts de vivre au Sud, art de vivre sur la place publique, art de vivre extroverti, art de vivre dans la communication, art de vivre qui comporte l'hospitalité, art de vivre qui maintient les qualités poétiques de la vie.

Je ne dis pas cela pour rejeter la logique du Nord en bloc. Je pense qu'il nous faut acclimater ce qui vient du Nord. Il nous faut bénéficier des apports du Nord. Il nous le faut notamment – en ce qui concerne les droits des droits de la femme, souvent très sous-estimés dans le sud, l'émancipation des adolescents et de la jeunesse qui est un apport positif, les idées d'autonomie individuelle à condition d'être combinées avec le sens des solidarités qui existe encore souvent dans le sud. Je crois qu'il faut intégrer les apports bénéfiques du nord, en refusant les apports pervers et nocifs, et surtout de récuser son hégémonie. Dès lors, il faut être capable de montrer un chemin.

La pensée du Sud devrait effectivement, être prête à affronter les complexités de nos vies, de la complexité des réalités humaines, et de « l'insoutenable complexité » du monde. La pensée du Sud ne peut être que complexe, parce que, selon le sens originel latin du mot *complexus*, "ce qui est tissé ensemble", la pensée complexe est celle

qui relie l'artificiallement séparé. Elle se donne pour mission l'adage latin "sparsa colligo" - j'essaye de réunir ce qui est dispersé. Et dans ce sens, la pensée du Sud serait une pensée qui relie et par là même apte à ressusciter les problèmes globaux et fondamentaux. C'est une pensée qui reconnaîtrait, défendrait et promouvoir les qualités et le poésie de la vie, d'autant plus que le sud reste encore dépositaire de cette poésie que souvent le nord considère comme arriération ou bien simplement, pendant les périodes de vacances, folklore qu'il peut s'offrir en jouissant du soleil et de la mer.

D'ailleurs, vous savez que c'est du nord – dès avant l'ère industrielle – que sont venues les grandes nostalgies sud. C'est Goethe qui fait dire dans *Mignon* : "Connais-tu le pays où fleurit le citronnier ?" C'est Hölderlin qui parle émerveillé, ébloui, de la Grèce, de Patmos. C'est Durrel jouissant d'Alexandrie. Le nord a aussi besoin du sud. Ce qu'il va chercher dans les vacances signifie quelque chose de plus profond qu'un besoin superficiel de détente. Mais Et bien entendu, la vision quantitative ignore le problème essentiel : la qualité de la vie. Mais une fois réchauffé de sud, on retourne aux occupations, au business, à la technique, au pouvoir.



*Edgar Morin*



*Elimar Nascimento*



*Personalidades internacionais do mundo acadêmico*





*Michel Brunet*



*Jaime Preciado*



*Dale Jamieson*



*Lina Polhl*

La pensée du sud est appelée à re-problématiser la sagesse. Vous savez qu'un des grands héritages d'Antiquité, grecque et romaine, est la recherche de la sagesse. Or, l'idée d'une sagesse identifiée à la vie raisonnable, ratiomelle, opposée à une vie de passion, n'est pas satisfaisante dans la mesure où nous avons compris – notamment depuis les travaux de Damasio et de Jean-Didier Vincent – que la raison pure n'existe pas. Même le mathématicien voué au calcul le plus rationnel, a la passion des mathématiques. Il n'y a pas de raison sans passion. Par contre la passion sans cette veilleuse qu'est la raison se pervertit en délire. Alors la nouvelle sagesse doit chercher la "dialogique" – dialogue permanent, complémentarité dans l'antagonisme – entre la raison et la passion. Pas de passion sans raison, pas de raison sans passion. Ce n'est pas une sagesse qui peut-être programmée, c'est une sorte de memento qui doit, sans arrêt, se régénérer pour nous guider dans la vie. Dès lors, la nouvelle sagesse reconnaît les vertus de la poésie, c'est-à-dire de l'amour et de la communauté.

Alors la mission de la pensée du sud serait de restaurer le concret, l'existence, ce qu'il y a d'affectif dans nos vies. De restaurer le singulier, non de le dissoudre

dans un universel abstrait, mais de l'intégrer dans l'universel concret qui lie l'unité à la diversité. De restaurer le contexte et le global. C'est une pensée qui devrait appeler à restaurer les solidarités concrètes et pas seulement les solidarités qui se sont dégradées dans nos civilisations occidentalisées ou nordifiées, mais aussi la nouvelle solidarité planétaire dont nous avons vitalement besoin. Nous voulons une mondialisation de solidarité et de compréhension, une religion de la fraternité humaine dans ce que j'ai appelé Terre-patrie.

La pensée du Sud devrait restaurer des valeurs qui y sont restées fortes, dont le sens de l'honneur et le sens de l'hospitalité. Elle devrait promouvoir la régénération éthique afin de régénérer les solidarités et les responsabilités tout en défendant l'autonomie morale et intellectuelle. Cette autonomie, double et une, comporte la recherche de la vérité et l'ouverture esthétique qui nous fait ressentir profondément les émotions que nous donnent les arts, la littérature ou le spectacle de la nature.

Sachons que quand cette autonomie individuelle se dégrade, arrivent un nihilisme et un esthétisme frivole, dont le caractère intenable appelle le retour des croyances absolues et étroite qu'on avait cru

dépasser, le retour aux fanatismes et aux intolérances.

Enfin sachons que pour dominer les angoisses de toutes sortes qu'attise la crise de l'humanité, les seules réponses aux angoisses, y compris les angoisses de mort, sont dans la communauté, dans l'amour, dans le don de soi. Alors, voilà les problèmes de l'humanité en ce troisième millénaire. Voici les Voies salutaires. Puisque le Nord ne peut s'en charger, c'est le Sud qui va devoir assumer la condition humaine.

Le vaisseau spatial Terre est dans nuit et brouillard. Il va probablement vers des catastrophes, vers l'abîme...

Mais dans l'histoire humaine, fort heureusement, l'improbable est parfois arrivé. Et peut-être un des improbables les plus admirables de l'histoire se situe dans le sud, dans le sud de l'Europe, en Grèce, cinq siècles avant notre ère. Car un gigantesque empire, l'empire perse qui avait déjà absorbé toutes les cités grecques d'Asie Mineure, s'était lancé, pour faire son ultime absorption, à la conquête de la petite citée d'Athènes. Or, contre toutes probabilités, la petite armée athénienne, avec l'aide des spartiates, a pu résister à Marathon et refouler l'énorme armée perse. L'empire perse une seconde fois a attaqué

Athènes et cette fois il a conquis Athènes, il a incendié Athènes, il a saccagé Athènes, tout semblait perdu. Mais la flotte grecque dans le golf de Salamine a tendu un piège à l'énorme flotte perse qui, passant par le goulot, s'est fait détruire ses vaisseaux, l'un après l'autre. Après Salamine, Athènes n'a plus subi le danger perse et quelques dizaines d'années plus tard naissait la démocratie, et naissait la philosophie. Donc ce triomphe de l'improbable a donné source à notre culture.

On peut aujourd'hui restaurer une espérance dans l'improbable. Cette espérance n'a aucune certitude scientifique, parce que la certitude soi-disant scientifique du progrès est désormais abolie. C'est une espérance qui n'obéit à aucune promesse historique, après l'effondrement de toutes les promesses d'avenir meilleur dont l'avenir radieux soviétique. C'est une espérance qui n'est que de l'espérance mais qui est quand même de l'espérance. Peut-on la fonder ?

On peut la fonder d'abord sur l'idée de crise, parce que le propre d'une crise, qui comporte des dangers énormes de régression et de destruction, comporte aussi des chances d'imagination créatrice, de diagnostic pertinent, de conception d'une voie de sortie. Pourquoi il y

aurait-il éveil créateur ? Parce que dans toutes sociétés, comme dans toutes personnes humaines, il y a des capacités créatrices qui dorment. Pour expliciter mon propos, je prends l'exemple de ces cellules souches qui dorment, chez l'adulte, dans notre colonne vertébrale, dans notre cerveau et qui, polyvalentes, ont des capacités régénératrices inouïes permettant de fabriquer du foie, de la rate, du cerveau, de la peau. La biologie et la médecine pourront, tôt ou tard, les réveiller.

Je prends les cellules souches comme métaphore pour dire que des capacités génératrices dorment dans les sociétés et se réveillent en cas de crise. D'autant plus que dans toute société rigidifiée, normalisée, où les esprits sont presque domestiqués, elles existent et s'éveillent chez des individus déviants : poètes, écrivains, musiciens, découvreurs, bricoleurs... Donc ces capacités créatrices peuvent se réveiller avec la crise et avec le péril.

Il y a également l'aspiration à l'harmonie qui traverse toute l'histoire de l'humanité. Mais soumis à l'organisation sociale, aux compartimentations, aux hiérarchies, nous sauvons des bouts, des petits morceaux d'harmonie dans nos vies quotidiennes comme nous pouvons – dans des fêtes, dans des repas entre amis, dans des ma-

tchs de football, dans des amours. L'aspiration à l'harmonie s'est exprimée dans les paradis, chrétien et musulman. Elle s'est exprimée dans les idées libertaires socialistes, communistes, mais le sort historique a déçu ou trompé jusqu'alors cette aspiration. Elle s'est manifestée dans les révoltes juvéniles de mai 68, elle se retrouvera de façon nouvelle et, à mon avis, elle va encore susciter des régénérations.

Quand un système n'est pas capable de traiter ses problèmes vitaux et fondamentaux il se désintègre, ou bien il est capable de se métamorphoser, c'est-à-dire d'engendrer un méta système plus riche qui puisse traiter ces problèmes. Aujourd'hui le système-Terre ne peut traiter ses problèmes vitaux: la faim, qui est revenue; la mort de l'humanité, qu'incarnent les armes nucléaires; la dégradation de la nature; l'économie déchainée. Donc notre système est condamné à la mort ou à la métamorphose. Bien entendu la métamorphose ne se décrète pas. La métamorphose ne se programme pas. Et on ne peut même pas prévoir la forme qu'aurait la société nouvelle, peut-être à l'échelle du monde, qui certainement ne devrait pas nier les patries, mais créerait une véritable terre patrie. Alors, cherchons les voies, les voies improbables certes

100 Rodolfo Ward (organizador)

mais possibles qui nous permettront d'aller vers la métamorphose. Cela serait la plus grande mission et universelle de la pensée du Sud

Edgar Morin.



*Honoris causa*

## PARA UM PENSAMENTO DO SUL

O que é o Sul? É antes de tudo uma noção claramente falsa. Se é evidente que o Sul é definido em relação ao norte, um sul como o Maghreb em relação à Europa é um norte para a África. Na Europa, a Itália é um país do sul da Europa que tem o seu norte, com Milão, a Lombardia. A França, país do norte, tem o seu sul: A Provença, o Languedoc. E São Paulo, metrópole do sul, é inteiramente impregnada de norte. A noção de sul é uma noção relativa. Portanto, devemos evitar qualquer reificação ou substancialização do termo “sul”. O Norte, por sua vez, não pode ser concebido como uma entidade geográfica. Ele é muito diversificado e não falamos, obviamente, da Rússia mais perto culturalmente do sul europeu do que do norte anglo-saxão, nem evidentemente da Sibéria. Não poderia ser visto também não como o tipo ideal do jeito Max Weber. Também não é uma noção simplista que esqueceria todas as qualidades que vêm do Norte. Na verdade, o que hoje chamamos Norte era há algumas décadas atrás, chamado de Ocidente quando era comparado ao Oriente; tornou-se Norte oposto ao Sul, quando o termo de Terceiro Mundo caiu em desuso. De fato, para o sul, há uma predominância

do norte, que é a hegemonia da tecnologia, da economia, do cálculo da racionalização, da rentabilidade, da eficiência. Conceitos que não estão a ser rejeitados, mas para os quais, sem dúvida, um pensamento do sul deve ser expresso em uma dinâmica consciente e crítica, especialmente porque sua hegemonia infunde seu dinamismo em todo o mundo. Especialmente porque atualmente o Norte está devorando – ou tentando devorar – o sul.

Obviamente, há uns seus muito diferentes uns dos outros, mas que estão sujeitos à concepção única, vindo do norte, do atraso, do subdesenvolvimento, do imperativo de desenvolvimento e da modernização. Esta visão torna incapaz de conceber que há no sul qualidades, virtudes, artes de viver, formas de conhecimento que a gente deveria não só poupar, mas também espalhar para os Nortes.

Para alcançar a plena consciência das qualidades e virtudes do Sul, seria necessário um pensamento do sul. Tal pensamento está a ser elaborado, com base nas experiências dos vários seus.

Tal pensamento deve primeiro desenvolver a consciência da pilhagem e do saque do Sul pelo Norte. Não existe apenas o legado do colonialismo nos países coloniza-

dos. O Norte impôs a abertura das fronteiras para os seus produtos, a privatização dos serviços públicos, a orientação da produção para exportação (FMI e outros), há o controle sobre as riquezas de mineração e petróleo pelas grandes empresas do norte. Existe a posse de terras férteis dedicadas à agricultura industrial, que caça os agricultores para as favelas, deteriora os solos e os alimentos por agrotóxicos, despovoou os imensos campos a partir dos quais toda a vida desaparece.

Há o fato que a produção de cereais do campesinato local não pode ser competitiva com os trigos de importação subsidiados vindos do norte, e que pela falta de recursos alimentares locais suficientes, assim como resultado da especulação e corrupção, a fome reaparece. Existe a indústria farmacêutica do Norte que se apodera dos recursos vegetais medicinais do sul e os patenteia para o próprio lucro. Existe a venda de produtos expirados do norte, a injunção aparentemente higienista em fato mercantil de substituir o leite materno pelo leite condensado. O pensamento do Sul.

Uma precisão preliminar é necessária. Eu disse que o norte e o sul são noções relativas. É preciso acrescentar que não devemos idealizar nem desvalorizar um ou

o outro. Qualquer cultura ou civilização (aqui, a distinção entre estes termos importa pouco) tem suas qualidades, suas virtudes, suas ilusões, suas fraquezas. A cultura do norte da Europa Ocidental, desenvolvida no mundo anglo-saxão, trouxe a democracia representativa, os direitos humanos, os direitos das mulheres, as autonomias individuais. Mas também tem as suas profundas deficiências, concentrando-se sobre a potência e os desenvolvimentos materiais, tem seus auto-enganos, suas ilusões como era, até recentemente, a ocultação da relação vital entre os seres humanos e o mundo natural ou como o mito de um progresso concebido como lei inevitável da história da humanidade. Do lado dos suís, muitas culturas mantêm a autoridade incondicional dos poderes políticos e religiosos, a dominação dos homens sobre as mulheres, das proibições de todos os tipos.

O universo do pensamento proposto aqui é a recusa da redução (de um complexo com um de seus componentes) da disjunção (que separa as ideias aparentemente opostas, no entanto, complementares).

O que poderia ser a contribuição do Mediterrâneo para o desenvolvimento de tal pensamento?





*Marina Silva*



*Cristovam Buarque*

Existe a herança mais antiga, provavelmente, que é a de uma divindade universal, já Akenaton, o faraó queria reconhecer e adorar através do sol. O Deus universal reapareceu na Bíblia e nos Evangelhos. Ele recusa os múltiplos Deuses das religiões politeístas. Mas, de minha parte, eu conciliaria em um pensamento do Sul, o sentido da diversidade concreta da natureza, expresso pelos antigos deuses dos antigos politeísmos, incluindo o grego e o latim, e o sentido de unidade do universo que expressa o Deus Único.

De Paulo de Tarso se manifestou uma religião abordando todos os seres humanos “não existem mais judeus ou gentis,” que leva dentro de si uma fonte de universalidade concreta, dirigindo-se a multiplicidade humana em seus diferentes grupos étnicos, e que se encontrará no Islã e depois laicizada, no humanismo Europeu.

Nós encontramos outra fonte de universalidade na herança Helênica: todos os seres humanos são dotados de razão, que os capacita a ter competência sobre a política da cidade. A deusa Athena não dirige a cidade de Atenas, ela protege. Quem dirige é a Assembleia dos cidadãos. E na democracia, como na filosofia ateniense, o debate desempenha um papel central: é o ca-

minho para a verdade. Além disso, a filosofia é definida não só como uma busca de sabedoria, mas mais como uma vontade de refletir sobre tudo.

Também devemos assumir o legado universalista do Império Romano que manifestou o *Édito de Caracalla*, que reconhece para todos os habitantes do Império, independentemente da origem étnica, os direitos dos cidadãos romanos.

Da mesma forma, precisamos assumir a mensagem do Renascimento – outra mensagem do Sul – e esta mensagem que devemos assumir e continuar é: “problematizar”. O Renascimento é um movimento do espírito onde nós problematizamos o mundo: “O que é o mundo?” Nós problematizamos o homem: “O que é o homem?” Nós problematizamos a natureza: “O que é a natureza?” Nós problematizamos Deus: “Deus, o que é? Será que ele existe?” Um humanismo nasceu a partir desta problematização. A palavra “humanismo” tem dois lados. Ele tem um rosto que devemos abandonar. É aquele do homem dominante, destinado a se tornar mestre e possuidor da natureza, conforme as palavras de Descartes. Devemos rejeitar este humanismo arrogante, porque agora sabemos que qualquer tentativa de controlar a natureza degrada

não só a natureza, mas também a nossa humanidade que está inseparavelmente ligada, dependente ainda mais do que ela depende de nós. O outro lado do humanismo é aquele do valor e da dignidade de cada ser humano, seja ele qual for, seja de onde for. É esse humanismo que devemos não só assumir, mas também espalhar na era planetária, onde toda a humanidade vive uma comunidade de destino.

Também devemos assumir o legado do Renascimento porque hoje, novamente, nós devemos problematizar o mundo. Nosso universo não é mais o de Copérnico e Galileu, cujo o sol havia se tornado central. Este é um universo absolutamente gigantesco onde não há centro, onde a Terra é o minúsculo planeta de um pequeno sol, astro menor de uma pequena galáxia periférica.

Precisamos problematizar a realidade: onde está a “verdadeira” realidade, em partículas e nos átomos? Nos objetos de nossa percepção? Em nossas mentes? O que significa a realidade de hoje?

Temos que re-problematizar nossa relação com a natureza, que nós temos considerado como feita de objetos manipuláveis, domesticar ou destruir enquanto estamos

intimamente e vitalmente ligados a ela.

Temos que re-problematizar nossas crenças e credos, começando com a nossa crença em um progresso irreversível da humanidade.

Finalmente, é preciso problematizar o próprio instrumento da problematização, que é a razão, pois devemos começar a entender que o motivo não é único, monolítico, simples. Há uma racionalidade aberta que reconhece os limites de suas capacidades de apreensão, e só pode reconhecer o mistério do universo. Existe a racionalidade teórica que desenvolve sistemas de ideias.

Há a racionalidade crítica que ataca as crenças infundadas. Há a racionalidade autocrítica que examina racionalmente a sua própria cultura e sua própria pessoa. Há a razão fechada, incapaz de acolher os argumentos e fatos que a contradizem. Há a racionalidade quente animada por uma paixão. E há a racionalidade gelada do cálculo. Há uma racionalidade degenerada que é a racionalização fundada em uma lógica implacável e rígida. Há a racionalidade instrumental à serviço das loucuras em crueldades humanas. Nós, é claro, temos que regenerar o que faz a virtude da racionalidade, a capacidade teórica, a capacidade crítica, a denúncia do

dogma, a resistência à anátema e, acima de tudo, também a capacidade de autocrítica ainda muito subdesenvolvida.

Às heranças mediterrâneas, devemos combinar as heranças africanas e sul-americanas. Se forem diferentes, todas elas têm modos míticos religiosos de integração no cosmos e na natureza da qual devemos extrair a verdade profunda e ligá-la para a nossa nova consciência ecológica que reconhece a nossa integração em uma biosfera que o futuro da globalização, impulsionado pelo norte, continua a deteriorar. Há o legado das tradições de solidariedade que se trata de não destruir, mas de integrar. Há muitos conhecimentos, saberes sobre o mundo mineral, vegetal, animal, que temos que incorporar. Há muitas diversificadas e ricas artes de vida, inclusive nas pequenas sociedades indígenas da América do Sul e da África.

Além disso, reunindo e combinando todos os seus legados, um pensamento do Sul é capaz de operar uma nova e grande problematização.

Vamos começar por problematizar a globalização, este processo que começou no final do século XV, com a conquista das Américas e a navegação ao redor do mundo,

desenvolveu dentro e através da colonização e da escravidão e que, a partir dos anos 1990, se expandiu na forma de globalização. Esta continua de modo não reprimido. A ciência, a tecnologia, a economia, os lucros são os motores deste dinamismo que impulsiona o foguete do espaço Terra. Este dinamismo científico-técnico-econômico produziu novas ameaças para toda a humanidade, com a proliferação de armas nucleares, com a degradação da biosfera, com as numerosas crises planetárias. Também com os novos conflitos étnico-religiosos que rasgam o nosso planeta e podem produzir o uso de armas de aniquilação.

Somos agora as testemunhas e as vítimas de uma crise econômica a partir da falta de regulamentação de uma economia global corrompida pela finança especulativa. Esta crise é parte de um conjunto de crises. Crise da relação entre humanos e natureza, tal como evidenciado pelas múltiplas degradações da biosfera. Crise das sociedades tradicionais que tendem a desintegrar-se sob o dinamismo desta globalização que é na verdade uma ocidentalização. Crise da própria modernidade, uma vez que não só a modernidade realizada nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos, não cumpriu as promessas de uma vida

melhor, de uma vida liberada, de uma vida harmoniosa, mas em vez disso, criou um novo mal-estar da civilização. Crise da modernidade também pelo fato que o que justificava o seu futuro era a ideia transformada em um dogma universal no século XX, que o progresso era a lei irresistível da história humana. No entanto, aos poucos descobrimos que os motores do progresso estavam profundamente ambivalentes, como a ciência, a tecnologia, o desenvolvimento. Nós também descobrimos que a promessa está morta, que o futuro é incerto, que o dia de amanhã é desconhecido. A autodestruição da ideia de progresso nos levou a uma crise do futuro. E na crise do futuro, na angústia do presente, o que sobra a não ser a volta para as raízes, em outras palavras, o passado. É o filósofo tcheco Patocka que fez a visão mais clara: “O futuro é problematizado e será para sempre.” Isto significa que a aventura humana é uma aventura desconhecida.

Assim, temos todas essas crises que se reúnem na crise do desenvolvimento. Claro, o desenvolvimento trouxe o bem-estar, autônias individuais, emancipações na criação de novas classes médias. Mas o desenvolvimento trouxe também a destruição das solidariedades tradicionais, novas corrupções, o

crescimento das desigualdades em todo o mundo, enormes misérias. E nós temos o espetáculo na Ásia, na América Latina, na África, megacidades com vastos subúrbios ou bairros sem nada. Como disseram justamente a socióloga Sabah Abouessalam e o pensador iraniano Majid Rahnema, a miséria expulsou a pobreza. Certamente, parte da pobreza foi expulsa pela prosperidade das novas classes médias, mas a pobreza, que permitia um mínimo de vida digna, foi expulsa em grande parte pela miséria, que é dependência e humilhação.

Assim, vivemos a crise de desenvolvimento que é também a crise da ocidentalização e a crise da globalização, três lados da mesma crise.

A crise da globalização é também a crise da unificação tecno-econômica do mundo. Esta foi feita após o colapso das economias ditas socialistas na União Soviética, China, Vietnã, dentro e pela globalização do capitalismo e das telecomunicações que permitem que todas as partes do mundo de estar em relação direta (telefone, fax, internet) então uma unificação extraordinária do planeta. E, no entanto, essa unificação coincide com decomposições de todos os tipos: a União Soviética se desfaz em novas nações, e às vezes antagonistas, como o Azerbaijão

e a Arménia, e, mais recentemente, como a Geórgia e a própria Rússia, logo depois de 1990 o impulso dos nacionalismos croata e sérvio desintegra uma nação aparentemente realizada, a Iugoslávia, e produz uma terrível guerra contra a qual a Europa tem se mostrado impotente. Então a Tchecoslováquia foi dividida em duas. Em vários lugares forças centrífugas estão trabalhando no seio das nações e grupos étnicos reivindicam tornar-se nações.

Esta coincidência faz sentido, porque a unificação técnico-econômica produziu o deslocamento sócio-cultural. Esta unificação traz consigo uma homogeneização civilizacional que, em muitos casos, ameaçam as originalidades e as singularidades culturais, étnicas, nacionais. Daí uma reação de retirada para a nação, a etnia ou até para a religião. O processo de unificação provoca tanto o deslocamento, que ao mesmo tempo, a incerteza histórica trouxe a perda da fé no progresso, a perda da esperança para um mundo novo, a ansiedade, o que contribuiu para o encolhimento das nações e dos espíritos, para a volta ao passado religioso, étnico e/ou nacional.

E vemos a fúria combinada de dois males para a humanidade. A primeira praga é a unificação abstrata e homogeneizadora que des-

trói as diversidades. O segundo mal é o encolhimento sobre si mesmo das singularidades, que se tornaram abstratas, uma vez que se abstraem do resto da humanidade. Sofremos o curso de duas abstrações de natureza diferente.

Aqui devemos compreender a relação entre a unidade humana e a diversidade humana. É óbvio que existe uma unidade anatômica, genética, fisiológica, cerebral, emocional, de todos os seres humanos, mas esta unidade é expressa numa forma altamente diferenciada. Não existem duas pessoas iguais - mesmo gêmeos idênticos são diferentes uns dos outros. E depois, a cultura, (isto é, tudo o que é aprendido, conhecimentos, habilidades, crenças, mitos, etc) universal na humanidade só existe através das culturas originais - a música existe apenas através das músicas, etc. - . Assim, o tesouro da unidade humana é a diversidade e o tesouro da diversidade humana é a unidade.

Leibnitz dizia: “um conserva e salva o múltiplo.” Esta orientação fundamental poderia nos indicar um caminho para sair do antagonismo entre a diversidade fechada e a unidade abstrata, uma maneira que um pensamento do sul deveria conceber.

Estamos enfrentando a crise da humanidade que não pode acessar a humanidade. Estamos diante de um planeta que, continuando o dinamismo triunfante da tecnologia, da ciência e da economia, é um planeta em perigo. Heidegger disse, com grande lucidez, enquanto a gente acreditava estar em uma nova era das Luzes, nós entramos na noite e na escuridão.

Mas o que é hegemônico no Norte produz a cegueira sobre a globalização e sobre a crise da humanidade. É a cegueira do pensamento essencialmente com base no cálculo, cega para a existência, alegria, sofrimento, infelicidade, a consciência, cega para o homem da humanidade.<sup>1</sup>

---

1 De Régis Debray: “quebrar a conexão para fazer vendas sacrificar a sociabilidade para a rentabilidade e transformar o critério quantitativo em juiz supremo leva ao desastre. A aritmética fica louca quando ele toma o lugar da Dona Raimunda política. O número não é mais uma palavra do passado, torna-se um *slogan*”



*Mesa Honoris Causa – Reitoria da Universidade Estadual do Tocantins, Secretária de Educação do Estado de Tocantins, Professora Dorinha Seabra, Dona Raimunda Quebradeira de Coco, Reitor da Universidade Federal do Tocantins, Alan Barbiero, Edgar Morin e Prefeito de Palmas, Raul Filho.*





*Dona Raimunda*

A visão produtivista/quantitativista do Norte ignora as qualidades, dentre as quais a qualidade da vida. É por isso que uma das mensagens do Sul deve ser “melhor em vez de mais,” e às vezes “menos, mas melhor!”. Claro que, quando se trata de quem é pobre, a mais deve ir com o melhor. Mas quando vemos o processo mundial de produção e consumo de objetos uns com qualidades ilusórias, os outros muito rapidamente obsoletos, muitos descartáveis e não-reparáveis,

modos superficiais, desperdícios de energias, de tempo, de bens, tomamos consciência de que nossa civilização produz e sofre inúmeras intoxicações consumidoras.

O pensamento prevalente do Norte baseia-se na redução do complexo ao simples e na disjunção, isto é, a separação do que é na realidade inseparável. O espírito da redução permitiu isolar a célula, a molécula, o átomo, a partícula. O espírito de disjunção permitiu desenvolvimentos, disciplinas produ-

toras do conhecimentos que nos levaram a repensar completamente a nossa visão do mundo e da vida. Mas a especialização das disciplinas fechadas, estranhas umas às outras, dá primazia a um pensamento que se torna míope isolando os objetos fora de seus contextos de suas conexões naturais. Este pensamento é cego para o que é global e fundamental, pois o conhecimento separado não permite compreender a complexidade dos fenômenos globais e a natureza fundamental de nossos problemas vitais.

O pensamento com base no conceito de *homo economicus*, determinado unicamente pelo interesse próprio – é cego a tudo o que escapa desse interesse, o amor, a doação, a comunhão, o jogo. Podemos até dizer que as conquistas do Norte, tão importantes em termos de individualismo, que permitem uma vida independente, também produziram os desenvolvimentos egoístas e egocêntricos relacionados à degradação das solidariedades tradicionais e com o sentido de responsabilidade para o conjunto do qual fazemos parte.

No entanto, existem duas fontes na ética que são vitais para os indivíduos e as sociedades humanas: são a solidariedade e a responsabilidade.

Na visão hegemônica do Norte, a perícia de um profissional competente em um campo substitui o pensamento que ele conecta diferentes áreas. A perícia é parcelária, o pensamento conecta. O que será que triunfa na perda daquilo que é essencial e do que é global? O que triunfa são as ideias parcelárias fechadas. Isso que triunfa ao mesmo tempo são as ideias globais ocultas que ignoram notadamente a relação entre unidade e diversidade. O que domina é a causalidade mecânica, a causalidade determinista que é a das máquinas artificiais que produzimos nas fábricas. E essa causalidade determinista cronometrada, linear, aplicamos mais e mais às pessoas e às empresas.

Mas é preciso pensar que nem o indivíduo humano nem a sociedade humana são máquinas triviais. Uma máquina trivial é uma máquina totalmente determinística, no qual conhecemos os *outputs* quando são conhecidos os *inputs*: se conhecemos as informações e os programas que entram nela, conhecemos os comportamentos e resultados que saem dela. Mas tudo o que aconteceu para a humanidade veio do fato de que não somos máquinas triviais. Podemos pensar tão bem quanto os grandes profetas – Jesus, Maomé – quanto os grandes filósofos, os grandes cientistas, os

grandes músicos, – Mozart, Beethoven – os grandes estadistas não eram máquinas triviais, uma vez que eles trouxeram o inesperado e o criador. Mas também cada um de nós, mesmo escravizado para lógicas triviais, escapa à trivialidade pelas nossas aspirações, nossos sonhos, nossas paixões amorosas ou estéticas, às nossas transgressões.

A lógica da eficiência, da previsibilidade, da calculabilidade, cronometrada e hiperespecializadas e espalhou em muitas áreas de nossas vidas. A começar nas administrações, na qual a burocracia gangrena a atividade gestonária. Ela assume o controle do mundo urbano e até mesmo rural, com a agricultura industrializada e a criação industrializada. Ela ainda invade a educação para a promessa de tornar profissionais eficazes e eficientes. Ela invade a vida cotidiana. Ela invade o consumo, as regras, os lazeres, os serviços. Há o que Ritzler chamou de “McDonaldização da sociedade.” Em outras palavras, uma forma fechada de racionalização se espalha no planeta e esta racionalização produz uma irracionalidade total.

Falamos sobre o pensamento único na política. Mas o pensamento único na política é apenas um dos ramos de um pensamento tanto reducionista e disjuntiva predominante em todas as áreas e

que também controla os críticos do pensamento único, os quais fazem denúncias justas, mas são incapazes para fazer qualquer expressão que possa abrir um novo caminho.

A lógica do Norte, enfim, é cega para as realidades do Sul que ela considera atraso, arcaísmo, preguiça. O pensamento do Norte é feito para resolver os problemas de organização técnicos, práticos e mensuráveis, ou seja, a prosa de vida. Mas a vida humana não tem só prosa. A prosa é o que fazemos por obrigação, por força, para ganhar as nossas vidas - e nós ganhamos, muitas vezes, perdendo-a. A prosa nos faz sobreviver. Mas viver é viver poeticamente, isto é, no amor, na comunhão, na autorrealização, na alegria – quase no êxtase. Eu lembro aqui a palavra de Hölderlin: “Poeticamente o homem habita a terra.” Na verdade, moramos na terra prosaicamente e poeticamente. Mas, como a prosa tende a invadir nossas vidas, não é a missão do pensamento do Sul de lembrar-se do caráter essencial da poesia do viver? Ainda mais que há artes de viver no Sul, arte de viver na praça pública, arte de viver extrovertido, arte de viver na comunicação, arte de viver que inclui a hospitalidade, arte de viver que mantém as qualidades poéticas da vida.



*Furró, dança regional típica do nordeste brasileiro Furró, popular regional dance of northeastern Brazil Furró, danse régionale typique du nordeste brésilien*

Eu não digo isso para rejeitar completamente a lógica do Norte. Eu acho que nós precisamos aclimatar o que vem do Norte. Precisamos nos beneficiar das contribuições do Norte. Precisamos dele em particular – em relação aos direitos da mulher, muitas vezes muito subestimados no Sul, a emancipação dos adolescentes e da juventude, que é uma contribuição positiva, as ideias de autonomia somente se

forem combinadas com o sentido das solidariedades que ainda muitas vezes existem no Sul. Acho que devemos incorporar as contribuições benéficas do norte, recusar as entradas perversas e prejudiciais, e especialmente sua hegemonia. Assim, é preciso ser capaz de mostrar um caminho.

O pensamento do Sul deveria realmente estar pronto para enfrentar a complexidade das nossas vidas,

a complexidade das relações humanas, e da “complexidade insustentável” do mundo. O pensamento do Sul só pode ser complexo, porque, de acordo com o significado original da palavra latina *complexus*, “que é entrelaçado junto”, o pensamento complexo é aquele que liga o separado artificialmente. Ele se dá por missão é o ditado latino “*sparsa colligo*” – Tento reunir o que está espalhado. E neste sentido, o pensamento do Sul seria um pensamento que liga e, portanto, capaz de levantar os problemas gerais e fundamentais. É um pensamento que iria reconhecer, defender e iria promover as qualidades e a poesia da vida, especialmente quando o Sul permanece guardião desta poesia que muitas vezes o Norte considera atrasado ou apenas durante os períodos de férias, folclore que ele pode se oferecer desfrutando do sol e do mar.

Além disso, você sabe que é do norte – desde a era industrial – que vieram as grandes nostalgias do Sul. É o Goethe quem faz dizer em Mignon: “Você conhece o país onde floresce o limoeiro?” É o Hölderlin quem fala espantado, deslumbrado, da Grécia, de Patmos. É o Durrell desfrutando de Alexandria. O Norte também precisa do sul. O que ele vai buscar nas férias significa algo mais profundo do que uma neces-

sidade superficial para relaxar. E, claro, a visão quantitativa ignora o problema fundamental: a qualidade de vida. Mas uma vez aquecido do sul, eles voltam para as suas ocupações, para os negócios, para a tecnologia, para o poder.

O pensamento do Sul deverá re-problematizar a sabedoria. Você sabe que um dos maiores legados da Grécia e Roma antigas é a busca da sabedoria. No entanto, a ideia de uma sabedoria identificada com a vida razoável, racional, em oposição a uma vida de paixão, não é satisfatório, na medida em que entendemos – especialmente desde os trabalhos de Damásio e Jean-Didier Vincent – que a razão pura não existe. Mesmo os matemáticos, dedicados ao cálculo mais racional, têm uma paixão por matemática. Não há razão sem paixão. Pelo contrário, a paixão, sem esta segurança que é a razão, é pervertida em um delírio. Assim, a nova sabedoria deve procurar a “dialógica” – diálogo permanente, complementaridade no antagonismo – entre a razão e a paixão. Sem paixão, sem razão, sem razão, sem paixão. Esta não é uma sabedoria que pode ser programada, ela é uma espécie de lembrança que deve, sem parar, se regenerar para nos guiar na vida. Portanto, a nova sabedoria reconhece as virtu-



des da poesia, isto é, do amor e da comunidade.

Então a missão do pensamento do Sul seria de restaurar o concreto, a existência, o que tem de afetivo em nossas vidas. De restaurar o singular, não de dissolvê-lo em um universal abstrato, mas de integrá-lo no universal concreto que liga a unidade à diversidade.

De restaurar o contexto e o global. Este é um pensamento que deve ser chamado para restaurar a solidariedade concreta e não apenas as solidariedades que se deterioraram em nossas civilizações ocidentais ou nortificadas, mas também a nova solidariedade mundial da qual nós precisamos vitalmente. Queremos uma globalização da solidariedade e compreensão, uma religião da fra-

ternidade humana, em que chamei Terra-pátria.

O pensamento do Sul deve restaurar os valores que se mantiveram fortes, o senso de honra e sentido de hospitalidade. Deve promover a regeneração ética para regenerar solidariedade e responsabilidade, defendendo a autonomia moral e intelectual. Esta autonomia, dupla e única, compreende a busca da verdade e abertura de beleza que nos faz sentir emoções profundamente que nos dão as artes, a literatura, ou o espetáculo da natureza.

Deixe-nos saber que, quando essa autonomia individual se degrada, chegam a um niilismo e um estético frívolo, cujo caráter insustentável chama a volta das crenças absolutas e estreitas que tínhamos achado ultrapassar, a volta ao fanatismo e à intolerância.

Por fim, deixe-nos saber que, para dominar a ansiedade de todos os tipos que atíça a crise da humanidade, as únicas respostas às ansiedades, incluindo medos da morte, estão na comunidade, no amor, no dom de si.

Então, esses são os problemas da humanidade no terceiro milênio. Aqui estão as Rotas salutárias. Uma vez que o Norte não pode fazê-lo, é

o Sul que terá que assumir a condição humana.

A nave espacial Terra está na noite e na neblina. Provavelmente vai para o desastre, para o abismo...

Mas, na história da humanidade, felizmente, por vezes, o improvável aconteceu. E, talvez, um dos melhores improváveis na história se situa no sul, no sul da Europa, na Grécia, cinco séculos antes de nossa era. Pois um gigantesco império, o Império Persa que já havia absorvido todas as cidades gregas da Ásia Menor, se lançou, para a sua absorção final, para conquistar a pequena cidade de Atenas. Mas, contra todas as probabilidades, o pequeno exército ateniense, com a ajuda de Sparta, foi capaz de resistir à Marathón e reprimir o enorme exército persa. O Império Persa novamente atacou Atenas e desta vez ele conquistou Atenas, queimou Atenas, saqueou Atenas, tudo parecia perdido. Mas a frota grega, no Golfo de Salamina, fez uma armadilha para a frota persa enorme que, através de uma parte estreita, viu os seus navios sendo destruídos, um após o outro. Depois de Salamina, Atenas não foi mais ameaçada pela Persa e algumas décadas mais tarde nasceram a democracia e a filosofia. Assim, o triunfo do improvável criou a nossa cultura. Hoje, podemos restaurar uma esperança

no improvável. Esta esperança não tem nenhuma certeza científica, porque a chamada certeza científica do progresso agora está abolida. É uma esperança que não obedece a nenhuma promessa histórica, após o colapso de todas as promessas de um futuro melhor, inclusive o futuro brilhante Soviético. É uma esperança que é só esperança, mas mesmo assim, é esperança. Ela pode ser baseada?

Ela pode ser baseada primeiramente na ideia de crise, porque a característica de uma crise, com enorme perigo de regressão e destruição, também tem chance de imaginação criativa, de diagnóstico relevante, de concepção de uma saída. Por que existiria um despertar criador? Porque em todas as sociedades, como em todos os seres humanos, existem habilidades criativas adormecidas.

Para explicar meu ponto de vista, eu tomo o exemplo dessas células-tronco que dormem em adultos, na nossa coluna vertebral, em nosso cérebro e que, polivalentes, têm habilidades regenerativas incríveis para fabricar fígado, baço, cérebro, pele. A biologia e a medicina, mais cedo ou mais tarde, poderão acordá-las. Eu tomo as células-tronco como uma metáfora para dizer que a capacidade de geração está dormindo nas sociedades e acorda

em caso de crise. Especialmente, como em qualquer sociedade rígida, normalizada, onde os espíritos são quase domesticados, elas existem e estão despertando de pessoas desviantes: poetas, escritores, músicos, exploradores, trabalhadores manuais... Então, essas habilidades criativas podem acordar com a crise e com o perigo.

Existe também o desejo para a harmonia que atravessa toda a história da humanidade. Mas sujeito à organização social, a compartimentalização, hierarquias, poupamos pedaços, pequenos pedaços de harmonia em nossas vidas diárias como podemos – em festas, em jantares com amigos, em jogos de futebol, nos amores. O desejo de harmonia se expressou no paraíso, cristão e muçulmano. Se expressou nas ideias libertárias socialistas, comunistas, mas o destino histórico enganou ou iludiu até então essa aspiração. Ela apareceu em revoltas juvenis de maio de 68, ela se encontrará de um novo jeito, na minha opinião, ainda vai estimular regenerações.

Quando um sistema não é capaz de lidar com seus problemas vitais e fundamentais, ele se deteriora, ou é capaz de se transformar,



isto é, de criar um meta-sistema mais rico que possa resolver estes problemas. Hoje, o sistema Terra pode lidar com questões vitais: a fome que voltou, a morte da humanidade, encarnada pelas armas nucleares, a degradação da natureza, a economia enfurecida. Assim, o nosso sistema é condenado à morte ou metamorfose. É claro que a transformação não pode ser decretada.

A metamorfose não se programa. E nós não podemos ainda prever a forma que teria a sociedade nova, talvez em todo o mundo, que certamente não deve negar as pátrias, mas criaria uma verdadeira terra natal. Então vamos procurar as pistas, as pistas certamente improváveis, mas possíveis, que nos permitiram ir para a metamorfose. Esta seria a grande e universal missão de pensamento 81 do Sul.



*Quadrilha, dança típica brasileira*

*Quadrilha, a local brazilian dance*

*Quadrilha, danse typique brésilienne*



*Quadrilha durante encerramento do Seminário*

*Presentation of quadrilha during the closing of the seminar*

*Quadrilha pendant la clôture du Séminaire*



○					○
○					○
○					○
○					○
○					○

**ALDEIAS**





*Pena de Gavião, ornamento tradicional Xerente*

*Hawk feather – traditional Xerente ornament*

*Plume d'épervier, ornement traditionnel Xerente*



*Comunidade Xerente*



*Edgar Morin e Alfredo Pena-Vega com líderes Xerentes*



*Assinatura de acordo Edu-  
cacional com os Xerentes*

*Signing of the Educa-  
tion Agreement with the  
Xerente*

*Signature de l' Accord  
Educationnel avec les  
Xerentes*







*Decano Severino explica  
significado de sua pintura  
corporal*

*Dean Severino explains  
the meaning of their  
body painting*

*Le Doyen Severino ex-  
plique la signification de  
sa peinture corporelle*



*Encontro histórico e troca  
de saberes*

*Historic meeting and  
exchange of cultural kno-  
wledge*

*Redez-vous historique et  
échange de connaissances  
culturelles*



*“Olá, das crianças que estudam na escola Sremtowe – Aldeia Porteira”. Na língua Xerente*

*“Hello from the children studying at Sremtowe school – Porteira village” in the Xerente language*

*“Salut, des enfants qui étudient à l'école Sremtowe – Aldeia Porteira”. Dans la langue Xerente*



*Tradicional corrida de Toras com tora de Buriti esculpida e ornamentada.*

*Traditional racing logs with carved and decorated buriti logs*

*Course traditionnelle de Tronc avec un tronc de Buriti sculpté et décoré.*



*Mulheres Xerentes em ritual para receber pessoas importantes.*

*Xerente women's ritual to welcome important people.*

*Femmes Xerentes dans un rituel pour recevoir les personnes importantes.*



*Mulheres Xerentes*

## THE 'OTHER' IS DE-NATIVIZED

In my opinion, the transition of paradigm focusing ethnographic research must change in every space and culture. It is an ubiquitous imperative. And ubiquity individuality is a challenge that digital communication is developing both in an "native" *aldeia*, in Rio de Janeiro and in every global metropolis. The same concept of civilization must be re-enacted in a different way. I totally agree with the perspective that is focusing "distintos olhares", i.e. how it is necessary to affirm different gazes in order to look different cultures. An astonished methodology may be applied inside the cultural (and nor natural) pattern to look at digital cultures or indigenous subjectivities.

Since the 1990s, I have worked to address the confrontation between contemporary anthropology and more traditional methods by examining polyphonic tension, syncretic dialogue and the communicational conflict between hetero- and self-representation. On occasion, I have approached my research using multiple decentered methods, rather than upholding unified ones. The methodological procedures by which anthropologists have traditionally represented the Other – through their writing, foreign photographs, external logic

and questionable authority – have since been attenuated, if not completely exhausted. This transition is occurring as part of the post-colonial drive that has created an enduring global political-cultural context, while at the same time impeding the social actualization of this 'post' state that was a long time coming. In addition, this transition is part of the tentative exploration of a new critical anthropology that goes beyond the established, prevailing monologism.

Therefore, it seems evident that the issue of 'who has the power to represent who' is becoming an integral knot in the net with which most of the West continues to ensnare the Other in a 'scientific' domain. To put it another way, this new criticism surrounding the power of representation stems largely from the issue of writer authority in the context of the post-colonial drive.

The question of 'Who represents who?', in all its implications of power, takes up Marx's criticism of the division of labour, even if his nineteenth-century writings – based on the structural centrality of social stratification and productive processes – are inadequate. The current post-industrial period and its acceleration of digital culture has further 'divided' subjects belonging

to different cultures and experiences. For example, a division exists between those who communicate and those who are 'communicated' and between those who historically have the power of narration and those who are in the lonely state of being narrated objects. Even the classic vocation of anthropology to 'grasp the native point of view' has been rendered inadequate, since its legitimacy partially relies on the same individualized, differentiated native to communicate a personal point of view.

This is precisely why that specific linguistic knot exists, binding 'those who represent' to 'those who are represented', according to what I call the communicational division of labour. It is a division that should be addressed in experimental methods and the pragmatics of research; the visual hierarchy of the dominant logic has separated those who have the power to represent the Other from those who should continue to be represented as part of an eternal human panorama. It is time to subject the presumed objectivity of this logic to criticism. It is politically and ethnographically intolerable that within digital communication a neo-colonialist media arises, hierarchically dividing those who film from those who are filmed, those who narrate from those

who are narrated, those who represent from those who are represented.

The new subjects asserting themselves as 'Others' have a key advantage: The digital technology they use facilitates a de-centred and groundbreaking effect incomparable to that produced with analogic technology. Digital technology is easier to use and more affordable; it accelerates communication and decentres ideation, editing and consumption. The communicational division of labour between those who narrate and those who are narrated – between self- and hetero-representation – permeates the emerging contradiction between the digital technology developed in the West and the subjects' use of this same technology in accordance with their own autonomous worldview. This division and this contradiction redefine the power play within which the anthropology of digital communication contends with, and survives, every persistent attempt to flatten and folklorize the Other.

Self-representation takes the place of hetero-representation, with increasingly expressive conceptual clarity, alongside and often against this discursive power. It can be seen in the plurality of ways by which those who were long considered

objects of research, presented only as part of the landscape, have become the subjects of research, interpreting first themselves and then even the culture of the anthropologist. These interpretive modalities are no longer relegated to the sphere Geertz had assigned them to, where they were institutionalized in hierarchical dichotomous procedures; they now push the frontiers of digital language, approaching an innovative web-ethnography: the method of using web research as fieldwork does not follow the same logical and compositional modalities of research performed within traditional contexts. The indigenous online production of photos, videos, numerous INDIAnet sites, musical CDs and CD-ROMS and my own Skype contact with Kleber Meritororeu (my Bororo friend) are all examples of a new modality: these digital technologies, together with 'native' subjectivity and critical positioning, have the power to disassemble the consolidated 'us' of the West. Hence, the notion of the academic/journalistic approach as the only legitimate framework for representing the Other is, indisputably, obsolescent.

In reality, Boe is the correct name to indicate Bororo, which means 'human being' or 'the thing'; while A'we or Auwe Uptabi, the

'authentic people', is the selfdenomination for 'Xavante'. In the area of expression, which often blurs the lines between videography, music, art and ethnography, some so-called Cherokees and Xavante (who are no longer 'native' nor 'tribal') challenge the ingrained prejudices that keep them as 'Others' – outside of history. Thus, it seems that singular-universal history belongs only to the Western 'us', but it is time to take a multi-perspective approach to plural histories, as the so-called 'native' histories cannot be condensed within the unified Western one.

The 'other' is de-nativized.

Meruri is the aldeia that Lévi-Strauss studies in *Mythologiques*; it is the same one that he monitored by plane ten years before my visit, mourning its supposed disappearance. Or so my Bororo friends told me with a smile, as if it were a brincadeira, somewhere between joke and legend. The great anthropologist was looking for confirmation of his 'ethnology', according to which the tropics cannot be anything if not waning, and the indigenous populations cannot do anything other than disappear, as he thought they had in Meruri; indeed, he assumed that anthropology was bound to change, with an 'e' replacing the 'a', on a trajectory

towards an extreme, dissolving disorder.

Yesterday, Kleber - my Bororo friend or better Imana (brother) - sent me this mail : Bom dia Imana, Atendendo o pedido de José Carlos, que eu estou te escrevendo, poi ele tem me pedido, para que eu te escrevesse pedindo para que tu venha visitar ele na aldeia dele. É o José Carlos que esta pedindo. Abraço Imana.

José Carlos is the mestre dos cantos and he knows every traditional Bororo song. Together with him and Kleber, I did a research on their complex funeral – Funeral Bororo – crossing and mixing the line of dust, that is also the title

of our book. My tension and aim was to elaborate a composition experimenting a different anthropological paradigm: not only for the South or for the West, geographical coordinates with an historical determination. I think that we need multiple, polyphonic and syncretic paradigms elaborated together with persons who are no more object of study but subject of research.

Massimo Canevacci  
Professor of Cultural Anthropology  
and Art and Digital  
Cultures in the Faculty of Communication Sciences,  
University of Rome “La Sapienza.  
Visiting Professor in the University of  
São Paulo (IEA-USP)







## O “OUTRO” É DESNATIVISADO

Na minha opinião, a transição de paradigma focando pesquisa etnográfica deve mudar em cada espaço e cultura. É um imperativo onipresente. E a individualidade onipresente é um desafio que a comunicação digital está se desenvolvendo, tanto em uma aldeia “nativa”, no Rio de Janeiro e em cada metrópole glocal. O mesmo conceito de civilização deve ser re-promulgado em uma maneira diferente. Eu concordo totalmente com a perspectiva de que estão se concentrando “olhares distintos”, ou seja, como é necessário afirmar diferentes olhares, a fim de olhar para as diferentes culturas. Uma metodologia espantosa pode ser aplicada dentro do padrão cultural (e não natural) de olhar para culturas digitais ou subjetividades indígenas.

Desde os anos 1990, tenho trabalhado para abordar o confronto entre a antropologia contemporânea e métodos mais tradicionais, examinando a tensão polifônica, o diálogo sincrético e o conflito comunicacional entre hetero e auto-representação. Na ocasião, eu me aproximei de minha pesquisa usando vários métodos descentralizados, ao invés de defender os unificados. Os procedimentos metodológicos pelos quais os

antropólogos têm tradicionalmente representado o Outro através da sua escrita, fotografias estrangeiras, lógica externa e autoridade questionável tem sido atenuado, se não completamente exausto. Esta transição está ocorrendo como parte da movimentação pós-colonial que criou um contexto político-cultural global duradouro, ao mesmo tempo impedindo a realização social deste “post” afirmar que foi um bom tempo. Além disso, esta transição é parte da exploração preliminar de uma nova antropologia crítica que ultrapassa o estabelecido, monologismo prevalecente.

Portanto, parece evidente que a questão de “quem tem o poder de representar quem” está se tornando um nó integrante da rede com a qual a maior parte do Ocidente continua a iludir o outro em um domínio “científico”. Dito de outra maneira, esta nova crítica em torno do poder de representação deriva em grande parte a questão da autoridade do escritor no contexto da movimentação pós-colonial.

A questão de “Quem representa quem”, em todas as suas implicações de poder, tem-se a crítica da divisão do trabalho de Marx, mesmo que seus escritos do século XIX – com base na centralidade estrutural da estratificação social e processos produtivos – são inade-

quados. O atual período pós-industrial e sua aceleração da cultura digital possuem mais temas “divididos” pertencentes a diferentes culturas e experiências. Por exemplo, existe uma divisão entre aqueles que se comunicam e aqueles que estão “comunicando”, e entre aqueles que, historicamente, têm o poder de narração e os que estão em estado solitário de serem objetos narrados. Mesmo a vocação clássica da antropologia para “compreender o ponto de vista nativo” foi renderizado inadequada, uma vez que a sua legitimidade se baseia parcialmente no mesmo individualizado e diferenciado nativo para comunicar um ponto de vista pessoal.

É precisamente por isso que o nó linguístico específico existe, ligando “aqueles que representam” a “aqueles que são representados”, de acordo com o que chamo de divisão comunicacional do trabalho. É uma divisão que deve ser abordada em métodos experimentais e a pragmática da pesquisa, e a hierarquia visual da lógica dominante separou aqueles que têm o poder de representar o Outro de quem deve continuar a ser representado como parte de um eterno panorama humano. É hora de submeter a suposta objetividade dessa lógica à crítica. É política e etnográfica intolerável que, dentro de comunicação digi-

tal surge uma mídia neocolonialistas, hierarquicamente dividindo aqueles que filmam daqueles que são filmados, aqueles que narram daqueles que são narrados, aqueles que representam daqueles que estão representados.

Os novos temas afirmam-se como se os “outros” tivessem uma vantagem importante: A tecnologia digital que eles usam facilita um efeito descentrado e inovador incomparável ao que é produzido com a tecnologia analógica. A tecnologia digital é mais fácil de usar e mais acessível, ela acelera a comunicação e descentraliza ideação, edição e consumo. A divisão comunicacional do trabalho entre aqueles que narram e aqueles que são narrados – entre auto e hetero-representação – permeia a contradição que emerge entre a tecnologia digital desenvolvida no Ocidente e uso desta mesma tecnologia dos sujeitos de acordo com a sua própria visão de mundo autônoma. Essa divisão e essa contradição redefinem o jogo de poder no qual a antropologia da comunicação digital contende com, e sobrevivem, todas as tentativas persistentes para achatar e folclorizar o Outro.

Auto-representação toma o lugar de hetero-representação, com cada vez mais clareza conceitual expressiva, ao lado e muitas vezes

contra este poder discursivo. Ele pode ser visto na pluralidade de maneiras pelas quais aqueles que foram por muito tempo considerados objetos de pesquisa, apresentados apenas como parte da paisagem, tornaram-se os sujeitos da pesquisa, interpretando a si mesmos em primeiro lugar e, em seguida, até mesmo a cultura do antropólogo. Estas modalidades de interpretação não são mais relegadas para a esfera que Geertz tinha atribuído a elas, onde elas foram institucionalizadas em procedimentos dicotômicos hierárquicos, que agora empurram as fronteiras da linguagem digital, aproximando uma inovadora *webnografia*: o método de usar a pesquisa na web como o trabalho de campo não segue as mesmas modalidades lógicas e composicional de pesquisa realizada dentro de contextos tradicionais. A produção em linha indígena de fotos, vídeos, inúmeros locais *INDIANet*, CDs musicais e CD-ROMs e meu próprio contato *Skype* com Kleber Meritororeu (meu amigo Bororo) são exemplos de uma nova modalidade: essas tecnologias digitais, em conjunto com a subjetividade “nativa” e posicionamento crítico, tem o poder de desmontar o “nós” consolidado do Ocidente. Assim, a noção de abordagem acadêmica/jornalística como o único quadro

legítimo para representar o Outro é, indiscutivelmente, obsoleta.

Na realidade, *Boe* é o nome correto para indicar Bororo, que significa “ser humano” ou “a coisa”, enquanto *A’we* ou *AuweUptabi*, “pessoas autênticas”, é a autodenominação de “Xavante”. Na área de expressão, o que muitas vezes confunde as fronteiras entre a videografia, música, arte e etnografia, alguns chamados *Cherokees* e *Xavante* (que já não são “nativos” nem “tribais”) desafiam os preconceitos enraizados que os mantêm como “Outros” – fora da história. Assim, parece que a história singular-universal pertence somente ao “nós” ocidental, mas é hora de dar uma abordagem multi-perspectiva de histórias plurais, como as chamadas histórias “nativas” não podem ser condensadas dentro do unificado ocidental.

O “outro” é desnativizado.

*Meruri* é a aldeia que *Lévi-Strauss* estuda em *Mitológicas*, é a mesma que ele monitorou por avião, dez anos antes da minha visita, lamentando seu suposto desaparecimento. Ou então meus amigos bororos me disseram com um sorriso, como se fosse uma brincadeira, algo entre brincadeira e lenda. O grande antropólogo estava procurando a confirmação de sua “entro-

pologia”, segundo a qual os trópicos não podem estar em qualquer coisa, se não minguando. E as populações indígenas não podem fazer outra coisa senão desaparecendo, como ele pensou que eles tinham em Meruri. Na verdade, ele assumiu que a antropologia estava destinada a mudar, com um ‘e’ substituindo ‘a’, em uma trajetória em direção a um extremo, dissolvendo desordem.

Ontem, Kleber – meu amigo Bororo ou melhor Imana (irmão) – me enviou este email: Bom dia Imana, Atendendo ao pedido de José Carlos, que eu estou te escrevendo, pois ele tem me pedido, para que eu te escrevesse pedindo para que tu venhas visitar ele na aldeia dele. É o José Carlos que está pedindo.

Abraço Imana.

José Carlos é o mestre dos cantos e ele sabe toda a música tradicional Bororo.

Juntamente com ele e Kleber, eu fiz uma pesquisa sobre seu funeral complexo – Bororo Funeral – cruzando e misturando a linha de poeira, que também é o título do nosso livro. Minha tensão e objetivo foi elaborar uma composição experimentando um paradigma antropológico diferente: não só para o Sul ou para Oeste, coordenadas geográficas com uma determinação histórica. Acho que precisamos de múltiplos, polifônico e sincréticos paradigmas elaborados em conjunto com pessoas que não são mais objeto de estudo, mas sujeitos de pesquisa.

Massimo Canevacc  
Professor de Antropologia Cultural e  
Arte e Cultura Digital  
da Faculdade de Ciências da  
Comunicação da Universidade de  
Roma “La Sapienza.  
Professor Visitante na Universidade de  
São Paulo (IEA-USP)



*Desenterrando o Paparuto, comida típica que é preparada envolta em pedras quentes embaixo de uma camada de terra para criar um forno.*

*Digging up paparuto, a local dish cooked on hot stones under a layer of soil to create an underground oven.*

*Désenterrement du Paparuto, nourriture typique qui est préparée autour de pierres chaudes sous une couche de terre afin de former un four.*



*Paparuto é feito de massa de mandioca, pedaços de carne envoltos em folha de bananeira.*

*Paparuto is made from cassava and pieces of meat wrapped in a banana leaf.*

*Le Paparuto est fait de pâte de manioc, de morceaux de viande entourés dans des feuilles de bananier.*



*Paparuto – Comida típica*



## L' "AUTRE" EST DÉNATALISÉ

À mon avis, la transition de paradigme qui se focalise sur la recherche ethnographique doit changer dans chaque endroit et chaque culture. C'est un impératif omniprésent. Et l'individualité omniprésente est un défi que la communication digitale se développe, autant dans un village « natif », qu'à Rio de Janeiro ou que dans une métropole globale. Le même concept de civilisation doit être reformulé d'une manière différente. Je suis totalement d'accord avec la perspective de "regards différents" qui se concentrent, autrement dit, comment il est nécessaire d'affirmer des regards différents afin de regarder les différentes cultures. Une méthodologie incroyable peut être appliquée dans le standard culturel (et non naturel) de regarder vers des cultures digitales ou des subjectivités indigènes.

Depuis les années 1990, j'ai travaillé pour aborder la confrontation entre l'anthropologie contemporaine et les méthodes plus traditionnelles, en examinant la tension polyphonique, le dialogue syncrétique et le conflit de communication entre hétéro et auto représentation. À l'occasion, je me suis approché de ma recherche en utilisant plusieurs méthodes décentralisées, au lieu de défendre les unifiés. Les procédures

methodologiques avec lesquelles les anthropologues ont représenté traditionnellement l'Autre à travers son écriture, des photographies étrangères, la logique externe et l'autorité discutable ont été atténuées depuis, sinon complètement éteintes. Cette transition se passe comme partie de la mobilisation post-coloniale qui a créé un contexte politique et culturel global durable, empêchant en même temps la réalisation sociale de cette affirmation « post » selon laquelle c'était une belle époque. En plus de ça, cette transition fait partie de l'exploration préliminaire d'une nouvelle anthropologie critique qui dépasse le monologisme répandu et établi.

De ce fait, il paraît évident que la question à savoir "qui a le pouvoir de représenter qui" devient un noeud intégrant du réseau avec laquelle la plupart de l'Occident continue à éluder l'autre dans un domaine "scientifique". En d'autres termes, cette nouvelle critique autour du pouvoir de représentation dérive en grande partie la question de l'autorité de l'écrivain dans le contexte du mouvement post-colonial.

La question à savoir "qui représente qui", avec toutes ses implications de pouvoir, contient la critique de la division du travail de

Marx, même si ses écrits du XIXe siècle - sur base de la centralité structurelle de la stratification sociale et des processus productifs - sont inadéquats. La période actuelle post-industrielle et son accélération de la culture digitale possèdent plus de thèmes “partagés” appartenant à différentes cultures et expériences. Par exemple, il y a une division entre ceux qui se communiquent et ceux qui sont “communiqués”, et entre ceux qui, historiquement, ont le pouvoir de narration et ceux qui sont en état solitaire d’être des objets racontés. Même la vocation classique de l’anthropologie pour « comprendre le point de vue natif » a été rendu inadéquat, puisque sa légitimité se base partiellement sur le même natif individualisé et différencié communiquer un point de vue personnel.

C’est précisément pour ça que dans le spécifique linguistique il y a, il y en “ceux qui représentent” à “ceux qui sont représentés”, selon ce que j’appelle la division communicationnelle du travail. C’est une division qui doit être abordée avec des méthodes expérimentales et la pragmatique de la recherche, la hiérarchie visuelle de la logique dominante a séparé ceux qui ont le pouvoir de représenter L’autre duquel doit continuer à être représenté comme partie d’un humain paranormal

éternel. C’est l’heure de soumettre l’objectivité supposée de cette logique et critique. C’est une politique et ethnographie intolérable qui, à l’intérieur de la communication digitale apparaisse une presse néocolonialiste, qui divise hiérarchiquement ceux qui filment de ceux qui sont filmés, ceux qui racontent de ceux qui sont racontés, ceux qui représentent de ceux qui sont représentés.

Les nouveaux thèmes s’affirment comme si les « autres » ont un avantage important : la technologie digitale qu’ils utilisent facilitent en effet décentré et innovant incomparable à ce qui est produit avec la technologie analogique. La technologie digitale est plus facile d’utiliser et plus accessible, elle accélère la communication et décentralise l’idéation, l’édition et la consommation. La division communicationnelle du travail entre ceux qui racontent et ceux qui sont racontés – entre auto et hétéro représentation - imprégné la contradiction qui émerge entre la technologie digitale développée dans l’Occident et l’utilisation de cette même technologie des sujets selon la propre vision du monde autonome. Cette division et cette contradiction redéfinissent le jeu du pouvoir avec lequel l’anthropologie de la communication digitale fait face, et survivent, toutes les tentatives ré-

sistantes pour diminuer et folkloriser et l'Autre.

L'auto représentation prend la place de l'hétéro représentation, avec chaque fois plus de clarté dans l'expression conceptuelle, à côté et souvent contre ce pouvoir du discours. Il peut être vu dans la pluralité des manières pour lesquelles ceux qui ont été considérés depuis longtemps des objets de recherche, à peine présenté comme une partie du paysage, sont devenus des sujets de recherche, s'interprétant eux-mêmes en premier lieu et, ensuite jusque la culture de l'anthropologue. Ces modalités d'interprétation ne sont plus reléguées à la sphère que Geertz leur avait attribuée, où elles ont été institutionnalisées en des procédés dichotomiques et hiérarchiques, qui repoussent maintenant les frontières du langage digital, se rapprochant d'une web-ethnographie innovatrice : la méthode d'utilisation de la recherche sur le Web comme le travail de terrain ne suit pas les mêmes modalités logiques et compositionnelles de recherche réalisée dans les contextes traditionnels. La production en ligne indigène de photos, de vidéos, de nombreux locaux INDIA-net, CDs musicaux et CD-ROMs et mon propre contact Skype avec Kléber Meritororeu (mon ami Bororo) sont des exemples d'une nou-

velle modalité : ces technologies digitales, en relation avec la subjectivité "native" et le positionnement critique, ont le pouvoir de démonter le "nous" consolidé de

l'Occident. Ainsi, la notion d'approche académique / journalistique comme unique cadre légitime pour représenter l'Autre est, indiscutablement, obsolète.

En vérité, Boe est le nom correct pour indiquer Bororo, ce qui signifie "être humain" ou "la chose", alors que A'wē ou AuweUp-tabi, "personnes authentiques", est l'autodénomination de 'Xavante'. Dans le domaine de l'expression, ce qui confond souvent les frontières entre la vidéographie, la musique, l'art et l'ethnographie, certains appelés Cherokees et Xavante (qui ne sont ni "natifs" ni "tribaux") défient les idées préconçues enracinées qui les maintiennent comme "les Autres" – hors de l'histoire. Ainsi, on dirait que l'histoire singulière – universelle appartient seulement au "nous" occidental, mais il est temps de donner une approche multiperspective d'histoires plurielles, comme les histoires appelées "natives" ne peuvent être condensées dans un occidental unifié.

L' "autre" et dénativisé.

Meruri est le village que Levi Strauss étudie à Mitológicas, c'est le

même qu'il a surveillé par avion, dix ans avant ma visite, se désolant de sa disparition supposée. Ou alors, mes amis bororos m'ont dit avec un sourire, comme s'il s'agissait d'une blague, quelque chose entre la blague et la légende. Le grand anthropologue cherchait la confirmation de son "entropologie", selon laquelle les tropiques ne peuvent être que sur le déclin. Et, les populations indigènes ne peuvent que disparaître, comme il pensait que cela fut le cas à Meruri. En réalité, il a avoué que l'anthropologie était destinée à changer, comme un "e" remplace un "a", dans une trajectoire vers un extrême, dissolvant le trouble.

Hier, Kleber, mon ami Bororo ou meilleur Imana (frère) – m'a envoyé cet e-mail: Bonjour Imana, répondant à la demande de José Carlos, que je t'écris, car il m'a demandé, pour que je t'écrive afin de t'inviter à venir le visiter dans son village. C'est José Carlos qui le demande. Salutations Imana.

José Carlos est le maître des chants et il connaît toutes les musiques traditionnelles Bororo. Avec lui et Kléber, j'ai fait une recherche sur ses funérailles complexes – Bororo Funeral - en croisant et en mélangeant la ligne de poussière, qui est également le titre de notre livre. Ma tension et objectif a été d'élaborer une composition en expérimentant un paradigme anthropologique différent: non seulement pour le Sud ou pour L'Ouest, des coordonnées géographiques avec une détermination historique. Je pense que nous avons besoin de paradigmes multiples, polyphoniques et synchrétiques élaborés en collaboration avec des personnes qui ne sont plus l'objet d'études, mais des sujets de recherche.

Massimo Canevacci  
 Professeur Visitant à l'Université de  
 São Paulo  
 (IEA-USP)

## MEMÓRIA, CULTURA E ARTE

Rodolfo Ward é um talentoso fotógrafo, artista das imagens, sensível nas incursões que faz no cam-



po da fotografia, seja para registrar a fauna, a flora, seja para denunciar as mazelas sociais ou, ainda, para documentar passagens importantes da história tocantinense, como foi a visita do consagrado filósofo francês Edgard Morin, às terras tocantinas, quando participou do “Seminário Internacional Crise Civilizacional: Distintos Olhares – transição de

paradigma de desenvolvimento nos países do sul”, em Palmas.

Naquela ocasião, Rodolfo Ward acompanhou os passos do filósofo em solo tocantinense, o que lhe permitiu documentar com muita sensibilidade a vasta cultura do Estado: aldeias, quilombos, povoados e cidades históricas. Cada um desses lugares, perpetuados nos contrastes, na luz, na sombra, nas culturas, nos olhares, na diversidade dos falares, na culinária, nas danças e rituais, enfim, na história de um povo que insiste em sobreviver de forma simples, resistindo às tentações e imposições de um mundo calcado em valores materialistas e consumistas, que caminha para estagnação da Natureza e perda da identidade cultural.

Passados alguns anos dessa visita, Ward, preocupado em difundir esse importante momento, pela memória fotográfica, nos permite conhecer um pouco de Edgard Morin, esse celebrado intelectual que, há muito, vem travando uma aguerrida luta em favor das minorias: homossexuais, ciganos, índios, como o fizera no passado, quando deu um grito de basta às formas de alijamento impostas por Israel ao povo palestino, mesmo sendo ele judeu. Foi também um dos que apoiaram a independência

da Argélia, sem falar na contribuição grandiosa para o Pensamento Universal.

Edgard Morin, na sua sensibilidade em lidar com os menos favorecidos, possibilitou ao fotógrafo Rodolfo Ward captar o cotidiano das comunidades indígenas e quilombolas, a diversidade de suas culturas, sua história, esperança e aflições por que passam ao manterem-se vivas em suas tradições.

Os registros fotográficos de Rodolfo Ward: rostos sofridos, instrumentos utilizados no cotidiano,

a labuta diária, os ritos, a religiosidade, possibilitam à população tocantinense refletir sobre a riqueza de sua cultura e a importância de defendê-la e preservá-la.

Mémória, Cultura e Arte  
Francisco Perna Filho é Mestre em Estudos Literários-UFG,  
Poeta e Crítico Literário.  
Professor da Faculdade Católica do Tocantins e Membro da Academia Palmense de Letras, cadeira 28. Editor da Revista Literária Banzeiro:  
[www.banzeirotextual.blogspot.com](http://www.banzeirotextual.blogspot.com).



## MÉMOIRE, CULTURE ET ART

Rodolfo Ward est un photographe de talent, artiste des images, sensible dans les percées qu'il fait dans le domaine de la photographie, soit pour enregistrer la faune, la flore, soit pour dénoncer les maux de la société, ou même pour documenter des passages importants de l'histoire du Tocantins, comme l'a été la visite du célèbre philosophe français Edgar Morin, les terres du Tocantins, quand il a participé au "Séminaire International Crise Civilisationnelle: Différents points de vue – changement de paradigme de développement dans les pays du Sud", à Palmas.

A cette occasion, Rodolfo Ward a suivi les traces du philosophe dans le territoire du Tocantins, ce qui lui a permis de documenter avec une grande sensibilité la grande culture de l'Etat: les villages indiens, les Quilombos, des peuplades et des villes historiques. Chacun de ces lieux, perpétués en contrastes, en lumière, en ombres, dans les cultures, dans les regards, dans la diversité des dialectes, la cuisine, les danses et les rituels, bref, dans l'histoire d'un peuple qui insiste pour simplement survivre, pour résister aux tentations et aux impositions d'un monde foulé aux pieds des valeurs matérialistes et consu-

méristes, qui entre dans la stagnation de la Nature et de la perte de l'identité culturelle.

Quelques années après cette visite, Ward, concerné dans la propagation de ce moment important pour la mémoire photographique, nous permet de connaître un peu Edgar Morin, cet intellectuel célèbre, qui depuis longtemps, mène une lutte acharnée pour les minorités: les homosexuels, les gitans, les Indiens, comme il l'avait fait dans le passé, quand il poussa un cri de mécontentement face aux formes de « dumping » imposées par Israël sur le peuple palestinien, même s'il est juif. Il fut aussi l'un de ceux qui ont soutenu l'indépendance de l'Algérie, pour ne pas mentionner sa grande contribution grandiose à la Pensée Universelle.

Edgar Morin, dans sa sensibilité dans le traitement avec les pauvres, a permis au photographe Rodolfo Ward de capturer la vie quotidienne des communautés indigènes et Quilombolas, la diversité de leurs cultures, de leur histoire, les espoirs et les peines pour qu'elles se maintiennent vivantes dans leurs traditions. Les documents photographiques de Rodolfo Ward: des visages souffrants, des instruments utilisés dans la vie quotidienne, le train-train quotidien, les rites, la religion, permettent à la popula-



tion du Tocantins de réfléchir sur la richesse de leur culture et de l'importance de la défendre et de la préserver.

Francisco Pena Filho est  
Maître en Etudes  
Littéraires-UFG, Poète et  
Critique Littéraire.  
Professeur à l'Université Catholique  
du Tocantins et  
Membre de l'Académie des  
Lettres de Palmas, chaise 28.  
Rédacteur en chef du Magazine  
Littéraire Banzeiro:  
[www.banzeirotextual.blogspot.com](http://www.banzeirotextual.blogspot.com).

## MEMORY, CULTURE AND ART

Rodolfo Ward is a talented photographer, an artist of images, sensitive in incursions which does in the field of photography, either to record the fauna, the flora, or to snitch the society sore spots, or, yet, to document important passages of the history of inhabitant of Tocantins, as he did during the visit of the acclaimed French philosopher Edgar Morin, to Tocantins ground, when he participated in the “International Seminar on Civilizational Crisis: Different views – transition of paradigm of development in the Southern countries”, in Palmas.

In that occasion, Rodolfo Ward followed the philosopher footsteps in Tocantins, which allowed him to document with great sensitivity the vast culture of the State: hamlets, quilombos communities, villages and historic towns. Each one of these places, perpetuated in contrasts, in the light, in the shade, in cultures, in looks, in the diversity of talks, cuisine, dances and rituals, at last, in the history of people who insist to survive in a simple way, resisting the temptations and impositions of a world based on materialistic and consumerist values that walks for Nature's stagnation and loss of cultural identity.

After some years from this visit, Ward, concerned about disseminate this important moment, by a photographic memory, allows us to know a little of Edgard Morin, this illustrious intellectual, that has been courageous fighting in favor of minorities: homosexuals, Gypsies, Indians, as he did in the past, when he gave a cry of stop to the forms enforced by Israel to Palestinian people, even being Jew. He was also one of those who supported the independence of Algeria, without talking about his great contribution to the Universal Thought.

Edgard Morin, in his sensitivity in dealing with the less fortunate, allowed the photographer to capture

everyday life of indigenous and Quilombola communities, the diversity of its cultures, history, hope and afflictions by passing to stay alive in their traditions. The photographic records of Rodolfo Ward: faces conceded, instruments used in daily life, the daily toil, the rites, the religiousness, make it possible to reflect on the Tocantins richness of their culture and the importance of defending it and preserve it.

Francisco Perna Filho is  
Mastering in Literary Studies  
– UFG, Poet and Literary Critic.  
Professor of Catholic  
Faculty of Tocantins and  
Member of Palmense Academy  
of Letters, seat 28. Editor of the Banzeiro Literary Magazine: [www.banzeirotextual.blogspot.com](http://www.banzeirotextual.blogspot.com)



*Família de batismo de  
Edgar Morin, junto ao  
Cacique Ribamar*

*Cacique Ribamar and  
his family receive Edgar  
Morin*

*Le Chef Indien Ribamar  
reçoit Edgar Morin dans  
sa famille*



*Edgar Morin, Alfredo Pena Vega e João Sôzê da Aldeia Porteira*



*Mãe indígena com sua criança*

*Indigenous Mother with her child*

## IMAGENS DE UM ENCONTRO

Todas as pessoas que participaram, em 2009, do Seminário Internacional “Crises Civilizacionais – Distintos Olhares”, na Universidade Federal do Tocantins, certamente guardam uma lembrança emocionada daquele evento, em que puderam refletir sobre um tema tão importante mantendo, ao mesmo tempo, a serenidade no pensamento e a alegria do encontro. O registro fotográfico sensível de Rodolfo Ward bem traduz a atmosfera inspirada naqueles dias.

A presença de Edgar Morin é catalisadora da comunidade de pensamento e propósitos da qual ele próprio é parte e sustentação. E seu encontro com índios e quilombolas no interior do Brasil realizou o sonho de integrar o que há de melhor no “Norte” com o que há de melhor no “Sul” (e as aspas nessas duas palavras remetem à problematização de seus significados, feita de maneira brilhante pelo próprio Morin, como se vê neste livro).

Passados alguns anos, já quase ninguém tem dúvidas sobre a globalidade da crise, que não é apenas econômica, social ou política, não envolve somente alguns países e povos, não atinge apenas uma geração, mas é da civilização humana

em todas as suas formas e no mundo inteiro.

Já é possível perceber que no centro do problema planetário está a crise dos valores. As sociedades parecem ter perdido o que os antigos gregos chamavam de *Paideia*, aquele ideal que lhes poderia dar orientação e ânimo para atravessar tempos difíceis. Turvou-se a percepção do que é bom, certo, justo, não apenas na condução do Estado, mas, particularmente, na complexidade das relações cotidianas entre milhões de seres humanos em cidades gigantescas e problemáticas. Perdeu-se a noção de responsabilidade na relação com a natureza, não só nas grandes e impactantes obras, mas, especificamente, em cada ato individual de consumo e uso dos “recursos naturais”. No trabalho, na comunicação, na política, na construção das casas, na aula, talvez até na arte, estamos apertando botões automaticamente, sem ver de onde vem e para onde vai a energia que colocamos em movimento.

As reflexões dos pensadores como Morin nos levam, primeiramente, a considerar insuficientes (não necessariamente erradas) todas as abordagens setoriais e especializadas da crise. Assim, sabemos que não é possível resolver o problema “econômico” com fórmulas especificamente econômicas, mesmo que

a crença geral seja de que todos os outros aspectos da vida social estejam subordinados à economia. Na verdade, até mesmo a idéia de desenvolvimento, que substituiu o uso antes frequente da palavra “progresso”, passou a ser insuficiente para manter viva e mobilizar a esperança que nos sustenta face à vertiginosa imprevisibilidade do futuro. Temos que usar expressões duplas, desenvolvimento humano ou desenvolvimento sustentável, para ampliar o horizonte de propostas para superar a crise e encontrar outros rumos para a humanidade. Assim, buscamos outras abordagens, outras fontes de conhecimento e, especialmente, uma ampliação do conceito de democracia para incluir a participação dos que sempre estiveram à margem das decisões embora fossem os primeiros a sofrer suas consequências.

Nessa busca, outro encontro tornou-se possível: o do pensamento filosófico e científico com os saberes comunitários das populações tradicionais, que fazem da terra que habitam e lhes habita o lócus laboral e laboratorial do sentido e do fazer de suas existências. A foto de Rodolfo Ward em que Morin e D. Raimunda recebem seus títulos de Doutor Honoris Causa nos faz pensar, com bom humor, quem afinal é filósofo e quem é quebrador-de-

-côco (no Norte do Brasil, “côco” pode significar cabeça). O que um deles diz só pode ser entendido num diálogo com o outro. O que ambos falam é: “o que sabemos sobre a Terra e como podemos viver nela”. Não é por acaso que as análises dos cientistas sobre as mudanças climáticas são tão semelhantes aos alertas também emitidos pelos índios, camponeses e extrativistas. Se reconhecemos a necessidade de uma mudança de paradigma para elaborarmos novas respostas à crise global, devemos saudar esse encontro e diálogo de saberes como um novo caminho cheio de possibilidades.

Por último, porém não menos importante: ainda estamos aprendendo a perceber a dimensão estética e sua importância. Sobrevivemos -e podemos superar a crise- na medida em que conseguirmos ser sensíveis e criativos. Precisamos limpar a poluição visual e sonora das metrópoles, superar a brutalidade da violência com uma cultura de paz e harmonia, mudar profundamente nossos hábitos de consumo substituindo o lixo descartável pelo que é simples e necessário, renovar nossos valores com outras noções de equilíbrio, beleza, em suma, abrir espaço para a poesia em nossas vidas. Isso terá impacto profundo em nossa idéia de realização e prospe-

ridade, possibilitando-nos transitar da atual visão estagnada dos limites extensivos para uma visão transitiva dos limites intensivos, na qual, mesmo tendo chegado ao limite da própria natureza, continuaremos nos sentindo, como gosta de dizer o psicanalista argentino Jorge Gonçalves da Cruz, cada vez mais “criativos, produtivos e livres”.

É importante perceber essa dimensão estética e seu impacto em nossa ideia de civilização aqui mesmo, no livro que agora se abre: a imagem não é coadjuvante do texto, ela é também narradora e parte importante da narrativa; sua linguagem é, ao mesmo tempo, racional e emocional, informativa e intuitiva. Seu registro é ao mesmo tempo antropológico e artístico, real e simbólico.

Pelos caminhos da sensibilidade estética, podemos chegar à ética, o coração da crise, onde a mudança é possível. Foi o que vi – e não pude deixar de expressar – quando estive diante da obra de Edvard Munch, no Museu Nacional da Noruega:

A arte, mesmo sem voz é profética,

Mesmo sem rima é poética,  
Mesmo sem forma é estética,  
Mesmo em segredo revela-se.  
Fala para além de seu tempo,  
E qual onda eleva-se aos ventos,  
A inundar litorais.

Desejo ao leitor-espectador-pensador uma boa viagem por esse “continente contido” na busca incessante de Edgar Morin pelo que nos ajuda fazer sentido.

Marina Silva  
Professora, Ex-Senadora e Ex-Ministra do Meio Ambiente



## IMAGES D'UNE RENCONTRE

Tous ceux qui ont participé, dans l'année 2009, du Séminaire International « Crises Civilizacionais – Distintos Olhares » – à l'Université Fédérale du Tocantins, ont gardé un doux souvenir de cette rencontre dans laquelle ils ont pu faire des réflexions sur le sujet des crises dans la civilisation, tout en jouissant, à la fois, de la sérénité de la pensée et de la joie de la rencontre. La sensibilité du registre photographique fait par Rodolfo Ward a bien traduit l'ambiance de ces jours-là.

La présence d'Edgar Morin a attiré et mobilisé une foule d'intellectuels. La rencontre de monsieur Morin avec les indiens et les quilombolas (communauté formée par des descendants des esclaves noirs), ayant lieu dans une ville de l'intérieur du Brésil, a rendu possible réaliser le rêve d'intégrer le meilleur du « Nord » avec le meilleur du « Sud » (les guillemets font appel à la signification, assez nuancée, de ces deux mots). Cette nuance n'a pas été négligée par Edgar Morin lui-même, ce qui ne se cache pas dans ce livre.

Presque dix ans plus tard, il n'y a plus de doutes que cette crise s'est mondialisée. En se mondialisant, la crise n'est plus seulement

économique, sociale, politique ou restreinte à des certains pays, leurs populations et une seule génération, mais c'est une crise qui atteint la civilisation humaine et la planète toute entière.

On s'est déjà rendu compte que le noyau des problèmes de la planète c'est la crise des valeurs. Les sociétés contemporaines semblent avoir perdu ce que les grecques anciens appelaient Paideia : un idéal qui aurait le pouvoir de guider et de donner du courage pour affronter les temps difficiles. D'un moment à l'autre, la perception du bon, du correct et du juste est devenue très floue, non seulement dans la gestion des affaires de l'État, mais aussi, et surtout, dans les complexes rapports établis entre les millions d'êtres humains vivant dans des mégalo-poles problématiques. On ne se sent plus responsable de la destruction de la nature, cela ne concernant pas seulement les grandes oeuvres qui ont un grand impact dans la nature, mais aussi dans chaque action individuelle des consommateurs et des utilisateurs des « ressources naturelles ». Au travail, dans la communication, en politique, dans la construction civile, dans les salles de classe, peut-être même dans l'art, on est devenus des automates à appuyer sur des boutons sans savoir quelle est l'origine

et la destination de l'énergie mise dans chaque mouvement.

Les réflexions des penseurs, tels que Morin, nous mènent, tout d'abord, à considérer insuffisantes (pas forcément erronées) tous les abordages isolés et spécialisés de la crise. Or, on sait qu'il n'est pas possible de résoudre le problème « économique » avec des formules spécifiquement économiques, malgré la croyance générale que toutes les nuances de la vie sociale soient subordonnées à l'économie. À vrai dire, l'idée même de développement, qui a remplacé celle du mot « progrès », est devenue insuffisante pour garder vivant l'espoir qui devrait nous soutenir face au vertige et à l'imprévisibilité du futur. Dans ce contexte, on doit se servir de deux termes à la fois – développement humanin ou développement durable – pour élargir l'éventail de propositions ayant pour but de surmonter la crise et proposer de nouvelles possibilités de développement à l'humanité. Pour ce faire, il est impératif de chercher de nouveaux abordages, de différentes sources de connaissance et, surtout, d'élargir la notion de démocratie pour qu'elle comprenne aussi la participation de ceux qui, traditionnellement, n'ont pas de voix au moment de la prise de décisions, pourtant, ce sont eux

à en subir le premier leurs conséquences.

La quête de ces nouvelles possibilités pour les êtres humains a rendu possible une autre rencontre : celle de la pensée philosophique et scientifique avec le savoir communautaire des populations traditionnelles. Ces populations habitent la terre et la terre les habite aussi, ainsi mélangés, l'espace de travail est aussi le laboratoire dans lequel se construisent les significations et le savoir-faire de leurs vies. La photo de Rodolfo Ward dans la quelle le titre de docteur honoris causa est délivré à M. Morin et Mme. Raimunda nous fait penser à des significations possibles pour l'image : finalement, qui serait le philosophe et qui serait la casseuse de noix de coco ? (au Nord du Brésil, « coco » peut, aussi, signifier « tête »). Ce qui est dit par l'un ne peut être compris que dans une perspective de dialogue avec l'autre. Ce qu'ils disent, tous les deux, c'est leur savoir sur la Planète Terre et la façon dont on peut vivre dans cette planète. Ce n'est pas par hasard que les analyses des scientifiques sur les changements climatiques se ressemblent aux alertes aux catastrophes faites par les indigènes, les paysans et par les populations traditionnelles. Si on reconnaît le besoin d'un changement de paradigme dans l'élaboration de nou-

velles réponses à la crise mondiale, on doit saluer cette rencontre et ce dialogue de savoirs comme étant un nouveau chemin plein de possibilités.

Finalement, mais pas moins important : on est encore dans le processus de perception de la dimension esthétique et de son importance, ce qui veut dire que l'on pourra survivre – et surmonter la crise – dans la proportion où l'on devient sensible et créatif. Il est impératif de nettoyer la pollution visuelle et sonore des métropoles ; de vaincre la brutalité de la violence avec une culture de paix et d'harmonie ; de changer très profondément nos habitudes de consommation ; de remplacer les produits jettables par des produits essentiels ; de renouveler nos valeurs avec d'autres conceptions d'équilibre et beauté. Enfin, il faut ouvrir de l'espace pour la poésie dans nos vies. Ces changements vont profondément impacter nos idées de succès et de prospérité, ce qui nous permettra d'aller de la perspective actuelle, qui est ancrée dans les limites extensifs, à une vision transitive des limites intensifs. On se sentira toujours, comme dirait le psychanalyste argentin Jorge Gonsalves da Cruz, de plus en plus « créatifs, productifs et libres ».

La perception de la dimension esthétique et de son pouvoir

de changement est très importante pour notre idée de civilisation et elle est comprise dans ce livre que vous lisez : l'image n'a pas un rôle secondaire, mais elle est, elle aussi, le narrateur et partie essentielle du récit ; son langage est, à la fois, rationnel et émotionnel ; informatif et intuitif. Ce sont des images anthropologiques, artistiques, réels et symboliques.

C'est par le biais de la sensibilité esthétique que l'on peut arriver à l'éthique, au cœur de la crise, là où le changement est possible. C'est cette possibilité-là que j'ai vue – et je n'ai pas pu me soustraire de dire – quand j'ai été devant l'oeuvre d'Edvard Munch, au Musée National de l'Art, de l'Architecture et du Design de Norvège :

L'art, même sans voix est prophétique,

Même sans rime est poétique,

Même sans forme est esthétique,

Même en secret, elle se dévoile.

Elle parle pour l'au-delà de son temps,

Et, telle qu'une vague, elle se laisse porter par les vents,

A inonder la côte.

Je souhaite au lecteur-spectateur-penseur un bon voyage dans ce « continent contenu », dans cette quête continue d'Edgar Morin de ce qui nous aidera à bâtir de nouvelles significations.

Marina Silva  
Professeure, ex-Senatrice,  
ex-Ministre de l'Environnement

## IMAGES OF A MEETING

All of the people that participated, in 2009, of the International Seminar “ Civilisational Crisis – Distinct Views”, at Federal University of Tocantins, certainly keep an emotional memory of that event, in which they could think over such an important theme keeping, at the same time, the serenity on the thought and the happiness in the meeting. The sensitive photographic register of Rodolfo Ward translates the inspired atmosphere in those days.

The presence of Edgar Morin is catalytic of the community of thought and purposes of which he is part and support. And his meeting with indigenous and quilombolas in Brazil's interior fulfilled the dream to integrate what's best in the “North” with what's best in the “South” (and the quotation marks in these two words refer to the problematization of its meanings, made brightly by Morin itself, as it can be seen in this book).

After a couple of years, almost nobody has doubts about the entirety of the crisis, which is not only economic, social or political, it doesn't involve only some countries and people, it doesn't hit only one generation, but it is of the human

civilization in all of its forms and in the whole world.

It is already possible to realize that in the center of the planetary problem is the value crisis. Societies seem to have lost what the ancient greeks called *Paideia*, that ideal that could give them guidance and encouragement to go through tough times. The perception of what is good, right and fair was cloudy, not only in the condition of the State but, particularly, in the complexity of the daily relations among millions of human beings in giant and problematic cities. The notion of responsibility in the relationship with nature is lost, not only in the big and impacting works but, specifically, in each individual act of consumption and the use of “natural resources”. At work, in the communication, in politics, in house buildings, in class, maybe even in arts, we are pressing buttons automatically, without seeing where the energy we put in movement comes from and goes to.

The reflections of thinkers as Morin take us, firstly to consider insufficient (not necessarily wrong) all the sectorial and specialized approaches of the crisis. Therefore we know that it is not possible to solve the “economic problem” with specifically economic formulas, even that the general belief is that all of

the other aspects of the social life are subordinated to the economy. In fact, even the idea of development, which replaced the frequent use of the word “progress”, became to be insufficient to keep alive and to mobilize the hope that support us in the face of the vertiginous unpredictability of the future. We have to use duo expressions, human development or sustainable development, to expand the horizon of proposals to overcome the crisis and find other ways to the humanity. So, we search other approaches, other sources of knowledge and, specially, an expansion of the concept of democracy to include the participation of the ones who have always been aside from the decisions although they were the firsts to suffer the consequences.

In this search, another meeting became possible: the meeting of the philosophic and the scientific thought with the communal knowledge of the traditional population, that make the earth they live and that inhabit them the employment and the laboratory locus of the meaning and the doing of their existences. The picture of Rodolfo Ward in which Morin and D. Raimunda receive their titles of Honorary Doctor makes us think, with good humor, who is, after all a philosopher and who is coconut-breaker

(In the North of Brazil, “coco” can mean head). What one of them says can only be understood in a dialogue with one another. What both say is: “what we know about the Earth and how we can live in it”. It is no coincidence that the analyses of the scientist about the climate change are very similar to the alerts also issued by the indigenous, peasants and extractives. If we recognize the necessity of a change of paradigm to elaborate new responses to the global crises, we shall salute this meeting and dialogue of knowledges as a new way full of possibilities.

At last but not least: we are still learning to realize the esthetic dimension and its importance. We survive and can overcome the crisis – as far as we can be sensitive and creative. We need to clean major cities’ visual and noise pollution, to overcome the brutality of the violence with a peace and harmony culture, to deeply change our consumption habits replacing the disposable garbage by what is simple and necessary, to renew our values with other notions of balance, beauty, in conclusion, to make way to poetry in our lives. This will have great impact in our idea of realization and prosperity, allowing us to transit from the actual stalled vision of the extensive limits to a transitional vision of the intensive limits,

in which, even having reached the limit of its own nature, we will keep feeling, such as the Argentine psychoanalyst Jorge Gonsalves da Cruz likes to say, each time more “creative, productive and free”.

It is important to realize this esthetic dimension and its impact in our idea of civilization right here, on the book that opens now: the image is not the text’s coadjutant, it is also the narrator and important part of the narrative; its language is, at the same time, rational and emotional, informative and intuitive. Its register is at the same time anthropologic and artistic, real and symbolic.

By the paths of the esthetical sensibility, we can reach the ethic, the heart of the crisis, where the change is possible. It was what I saw – and I could not help but express – when I was in front of Edvard Munch’s work, on Norway’s National Museum:

The art, even with no voice is prophetic,

Even with no rhyme is poetic,

Even with no form is esthetic,

Even in secret, reveals itself.

Speaks beyond its time

And which wave lifts to the wind,

Flooding coasts.

I wish to the reader-spectator-thinker a good trip for this “contained continent” in the incessant search of Edgar Morim for what helps us to make sense.

Marina Silva  
Teacher, Ex-Senator and  
Environment Ex- Minister



*Pintura corporal com tinta de jenipapo.*  
*Body painting with jenipapo ink.*  
*Peinture corporelle avec de l'encre de jenipapo.*



*Retratos*  
*Portraits*



*Retratos*  
*Portraits*





*Retratos*  
*Portraits*



*Retratos*  
*Portraits*



*Gerações*

*Des Générations*

*Generations*



*Crianças Xerentes*

*Xerente Children*

*Xerente Infant*

## OS DIREITOS DAS PRIMEIRAS NAÇÕES – JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

Um dos maiores exemplos de meia verdade de como seria a relação Povos Indígenas ou Primeiras Nações e o Colonizador representado pelos primeiros portugueses ou europeus aqui no Brasil, foi quando um deles prometeu colocar fogo em todos os rios caso os indígenas não mostrassem onde estavam as minas de ouro e diamantes. Naturalmente apavorados quando um dos chamados “bandeirantes” colocou fogo num vaso de aguardente que o Índio não conhecia, e principalmente pelo valor zero que ele dava as pedras preciosas, o invasor conseguiu atingir seus objetivos através da mentira numa relação nova que poderia ser de novos aliados em busca do bem comum.

Em todos os encontros entre as primeiras nações e os invasores a imposição da mentira como verdade foi primordial para as novas conquistas, inclusive como sinal de vitórias entre um e outro, afugentando nossos ancestrais diante do risco da dominação, constrangimento e escravidão que violava o direito sagrado do ser humano: a vida.

Assim foi ao longo dos mais de 500 anos. Mais de mil povos, línguas e culturas foram extintos como

holocausto de civilizações distintas que viviam felizes no seio das selvas, bosques, cachoeiras, rios e a natureza como fonte de bem viver.

Constrangidos pela explícita violação dos direitos humanos indígenas, a sociedade envolvente tratou de criar mecanismos para justificar essas atitudes que continuava avançando sobre povos distantes, e sem qualquer escrúpulo aplicavam a dominação violenta do ponto de vista físico, cultura e religioso para anular qualquer tipo de identidade em nome do desenvolvimento novo e da nova educação. Era preciso civilizar o Cidadão da Selva.

No entanto a sagacidade como conhecedores dos mecanismos que o ecossistema em que habitam lhes dá como fórmula de defesa, diversos povos souberam de alguma forma postergar esse encontro genocida e aprenderam a se defender.

Outros tantos povos que não foram alcançados pelas mãos “rendedoras” da nova civilização, conseguiram tempo para se organizarem ao novo contato, assimilação numa busca constante do direito a reciprocidade. O homem colonizador mais uma vez se manifestou e colocou a disposição dos Cidadãos da Selva, seus direitos humanos, indígenas e sociais para que pudessem

esses novos povos, viverem em “paz e dignidade”, porém, dentro das condições pré-oferecidas.

O Cidadão da Selva com a chegada do novo Milênio tornou-se mais visível aos olhos do mundo colonizador. Não por solidariedade simplesmente, mas porque esses cidadãos da modernidade perceberam de alguma forma, que o mundo em que pisam e vivem, apodrece a cada momento. Outros porém continuam sem sentir ou se sensibilizar para a Natureza, a Mãe Terra que tem dado para todos os seres humanos negros ou brancos, pleno poder para gerenciar o direito de viver ou de se matar.

No caso do Brasil quase 15% do território nacional está habitado ainda que não reconhecido oficialmente, por Povos Indígenas. São 300 sociedades ou Povos com costumes, culturas e línguas vivas. É nesse recôndito que estão concentrados as maiores reservas de água potável do mundo, biodiversidade e recursos minerais como nióbio e urânio. Muitos brasileiros não sabem disso.

Por isso, junto com Carlos Terena tratamos de organizar os irmãos indígenas dentro de seu mundo para um novo encontro com a sociedade envolvente. Cores, culturas, línguas, cantorias e espirituali-

dades como indumentárias do que parecia extinto ou abandonado, através dos esportes tradicionais na forma de Jogos dos Povos Indígenas.

Houve um despertar amplo vindo das Quatro Direções, sejam indígenas ou não. Era o espetáculo nativo, original com flechas, lanças, corridas, lutas e a participação de homens e mulheres, numa celebração onde todos são campeões cujo juiz é a consciência.

O Governo Federal através do Ministério do Esporte sempre participou como um apoio, uma janela capaz de transmitir a si mesmo a necessidade de responder as ansiedades de quase um milhão de pessoas como a dignidade a seus valores que começa com o respeito a demarcação territorial.

Trata-se de um evento desportivo que não é um campeonato, afinal como diz o lema: “o importante não é ganhar, sim celebrar...”.

Assim, além de 12 Jogos dos Povos Indígenas que atingiram 100 povos do Brasil, nasceu também os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas com a participação de 23 Países da Ásia, Américas, Europa, Pacífico e África.

Os Índio Brasileiros são protagonistas de um novo tempo com

eventos desse quilate, pensado, idealizado e organizado pelos próprios indígenas através do Comitê Intertribal (ITC), que se articula junto as comunidades, autoridades, sociedades e pensadores do melhor para as futuras gerações, agora também no cenário mundial.

“Se queremos ter um mundo melhor façamos da poesia e do holístico, alimentos para a força de realizar e materializar nossos sonhos, afinal há uma realidade que nos cerca – Marcos Terena.”

M. Marcos Terena  
Índio do Pantanal Sulmatogrossense,  
é escritor e comunicador indígena, e  
articulador  
internacional dos Jogos Mundiais dos  
Povos Indígenas.

## LES DROITS DES PREMIÈRES NATIONS – JEUX DES PEUPLES AUTOCHTONES

Un des plus grands exemples de demie vérité sur la nature de la relation entre les Peuples Indigènes ou Premières Nations et le Colonisateur représenté par les premiers portugais ou européens au Brésil a été quand un d’entre eux a promis de mettre le feu à toutes les rivières si les indigènes ne leur montraient pas où se trouvaient les mines d’or et de diamant. Le peuple indigène, naturellement apeuré lorsqu’un des alors appelés “Bandeirantes” (pionniers) a mis le feu à un récipient d’eau-de-vie, qu’il ne connaissait pas, et principalement à cause de la valeur nulle qu’il donnait à ces pierres précieuses, permit à l’envahisseur d’atteindre ses objectifs par le mensonge dans une nouvelle relation qui aurait pu représenter de nouveaux alliés à la recherche du bien commun.

Lors de toutes les rencontres entre les premières nations et les envahisseurs, l’imposition d’un mensonge comme vérité a été primordiale dans les nouvelles conquêtes, y compris comme signal de victoire entre les uns et les autres, éloignant nos ancêtres devant le risque de domination, d’embarras et d’esclavage qui violait le droit sacré de l’être humain : la vie.

Cela a duré pendant plus de 500 ans. Plus de mille peuples, langues et cultures ont été supprimés comme un holocauste de civilisations distinctes qui vivaient heureuses dans les jungles, bois, les chutes d'eau, les rivières et la nature, source du bien-vivre.

Gênés pas la violation explicite des droits des hommes indigènes, la société s'est chargée de créer des mécanismes pour justifier ces attitudes qui continuaient à prendre le pas sur les peuples distants, et a continué sans aucun scrupule à appliquer une domination violente du point de vue physique, culturel et religieux pour effacer toute forme d'identité au nom d'un développement récent et d'une éducation nouvelle. Il était nécessaire de civiliser le Citoyen de la Jungle.

Cependant, la sagacité de plusieurs peuples, en tant que fins connaisseurs des mécanismes de défense que peut leur procurer l'écosystème où ils habitent, leur ont permis de retarder cette rencontre fatale et ils ont appris à se défendre.

D'autres peuples que les mains "rédemptrices" de la nouvelle civilisation n'ont pas pu atteindre ont réussi à gagner du temps pour s'organiser à ce nouveau contact, et à l'assimilation avec toujours pour

objectif le droit à la réciprocité. L'homme colonisateur, encore une fois, s'est manifesté et a mis à disposition des Citoyens de la Jungle leurs droits humains, indigènes et sociaux afin que ces peuples puissent vivre en "paix et dignes", mais cependant selon les conditions pré-offertes.

Le Citoyen de la Jungle, à l'aube du nouveau millénaire, est devenu plus visible aux yeux du monde colonisateur. Pas seulement par solidarité, mais parce que des citoyens modernes se sont rendus compte, d'une certaine façon, que le monde sur lequel ils posent le pied et vivent pourrit à chaque heure qui passe. Mais d'autres continuent à ne rien sentir ou à ne pas se sensibiliser pour la Nature, la Terre Mère qui a donné à tous les êtres humains, blancs ou noirs, les pleins pouvoirs pour gérer le droit de vivre ou de s'entretuer.

Dans le cas du Brésil, près de 15 % du territoire national est habité, bien qu'encore non reconnu officiellement, par des Peuples Indigènes. Cela représente 300 sociétés ou Peuples avec leurs coutumes, leurs cultures et leurs langues vivantes. C'est dans ces lieux retranchés que l'on trouve les plus grandes réserves d'eau potables du monde, une biodiversité et des ressources minérales comme le niobium et

l'uranium. Beaucoup de brésiliens n'ont pas conscience de cela.

C'est pour cela qu'avec Carlos Terena nous avons décidé d'organiser pour les frères indigènes de nos mondes une nouvelle rencontre avec la société environnante. Couleurs, cultures, langues, chants et spiritualités comme les costumes qui paraissaient disparus ou abandonnés, se réveillent par les sports traditionnels sous la forme des Jeux des Peuples Autochtones.

Il y a eu un large réveil venu des quatre directions, d'indigènes ou non. Il s'agissait d'un spectacle natif, originel avec flèches, lances, courses, luttes et la participation d'hommes et de femmes à une célébration où tous sont champions, et où l'arbitre est la conscience.

Le Gouvernement Fédéral, au travers du Ministère du Sport, a agi comme partenaire, créant une entité capable de se transmettre à elle-même le besoin de répondre aux inquiétudes de près d'un millions de personnes par rapport à la dignité de leurs valeurs, qui commence par la démarcation territoriale.

Il s'agit d'un événement sportif qui n'est pas une compétition, après tout, comme le dit la devise : "l'important c'est de participer".

Ainsi, en plus des 12 Jeux des Peuples Indigènes qui ont touchés 100 peuples du Brésil, sont nés aussi les Jeux Mondiaux des Peuples Autochtones qui comptent avec la participation de 23 pays venus de l'Asie, des Amériques, de l'Europe, du Pacifique et de l'Afrique.

Les indiens du Brésil sont les protagonistes d'une nouvelle ère avec des événements de ce calibre, pensés, idéalisés et organisés par les indigènes eux-mêmes avec le Comité Intertribal (ITC), qui s'organisent avec les communautés, les autorités, les sociétés et les intellectuels voulant le meilleur pour les générations futures, désormais sur la scène mondiale.

"Si nous voulons un monde meilleur, nous devons faire de la poésie et le l'holistique les moteurs de la force de réaliser et de matérialiser nos rêves, il existe, après tout, une réalité qui nous entoure – Marcos Terena."

M. Marcos Terena  
Indien du Pantanal de  
l'État de Mato Grosso do Sul,  
est écrivain et porte-parole indigène,  
et organisateur des Jeux Mondiaux  
des Peuples Autochtones.



## INDIGEOUS GAME

Event created to welcome the Indian sporting values from 22 countries and Brazil. Creating a unique and historical setting of the original true Olympic spirit, with the representation of first nations, languages and customs. It had an atmosphere based on indigenous and modern technology ancestral values. In this place came the opening ceremonies, with the firing ritual of the Holy Fire, thank the indigenous spiritual leaders and traditional sports competitions and demonstrations prayers. It was in this context that was born the Olympic Indigenous Spirit Green, whose base lies in respect for human values and ethnic diversity.

M. Marcos Terena

## POSFÁCIO

Para mim é uma enorme satisfação e alegria escrever um posfácio em um fotolivro do jovem e talentoso fotógrafo Rodolfo Ward de Oliveira, que retrata a viagem do ilustre pensador, filósofo e pesquisador emérito do Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS) e presidente da Associação Internacional para o Pensamento Complexo, Dr. Edgar Morin, ao Estado do Tocantins, quando participou do “Seminário Internacional Crise Civilizacional: Distintos Olhares”, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), nos dias 22 a 24 de junho de 2009. Ocasão especial, por ser homenageado com a concessão de um Título Honoris Causa, pela UFT.

Durante a sua viagem ao Brasil e ao Estado do Tocantins visitou também comunidades quilombolas e povos indígenas, especificamente os Xerente, localizados em Tocantínea-TO. Me sinto à vontade para escrever essas linhas, pois participei ativamente do Seminário Internacional, ouvindo as palestras e intervenções do ilustre visitante, Dr. Edgar Morin, pois, vale ressaltar, suas obras são fontes bibliográficas das pesquisas que venho desenvolvendo nos últimos anos, especialmente com comunidades quilombolas.

Além disso, conheço o Rodolfo, talentoso amigo, há muitos anos, desde a sua infância e adolescência, tendo sido um grande amigo de seu falecido pai, Dr. Hertz Ward de Oliveira. Foi com alegria que acompanhei o trabalho desse jovem, agora um fotógrafo profissional, in loco, ao registrar os momentos que ficarão perenizados na história através desse fotolivro. As imagens captadas revelam o olhar e a percepção deste diante de um personagem que conseguiu e move pesquisadores no mundo todo a refletir sobre o pensamento complexo.

Ao fotografar Morin, Rodolfo não apenas retrata o ilustre personagem, mas o insere em todo um contexto, que representa a sua ideologia e trabalho em relação à diversidade cultural. Nesse caso específico, em sua viagem ao Estado do Tocantins, com foco especial nas comunidades quilombolas e indígenas. Morin, em suas obras, estabelece linhas de ação que devem ser norteadas pela criatividade na resolução de problemas, diante de tanta desigualdade que existe na humanidade atual. Mundo marcado pela exclusão e que necessita de inclusão, onde se lida

com a alegria, tristeza, frustração e sucesso. Acima de tudo, em um mundo marcado com avanços tecnológicos e de conhecimentos nunca antes experimentados, mas que, por sua vez, apesar da hiperespecialização que fragmenta os saberes é, muitas vezes, incapaz de propor soluções para questões essenciais.

Morin, nobre e ilustre pensador, ao ser fotografado durante o Seminário Internacional Crise Civilizacional: Distintos Olhares, na Universidade Federal do Tocantins, uma nova universidade de um Estado novo, localizada em uma região que há alguns anos estava marcada por abandono e conhecida como a parte pobre do então Estado de Goiás, demonstra uma sintonia, exatamente com essa região, com a necessidade, conforme foi assegurado no “Manifesto Tocantins” elaborado ao final do evento, de que: “Nossas decisões e ações trarão consequências às gerações futuras, exigindo, de imediato, uma solidariedade intergeracional”.

Na sequência de imagens deste fotolivro é possível observar o cuidado que Rodolfo teve em documentar o encontro de Morin com pessoas, grupos e

povos marginalizados, tais como, recebendo o título de *Honoris Causa* juntamente com a Dona Raimunda, uma simples senhora do interior, entretanto, líder das quebradeiras de coco e de influência internacional, ou, ao visitar uma comunidade quilombola, legítimos representantes dos negros escravizados, conhecidos pela sua luta em busca dos direitos humanos, bem como, ao se encontrar na aldeia com os índios Xerente. É o encontro de Morin e de suas ideias com a realidade local, em uma demonstração clara de que é necessário buscar outras vias, outro projeto de desenvolvimento, outro modelo de mundo, no qual os povos, pessoas e civilizações hoje excluídas e marginalizadas possam, efetivamente, estar incluídas.

Morin é um exemplo vivo de motivação para um olhar ao futuro da humanidade, que exige uma mudança de perspectiva, onde há a necessidade de um comprometimento com a mudança política, da ética e da estética. Não é possível mais persistir e dar continuidade a um modelo que garante privilégios a alguns e promove a miséria econômica, humana e ambiental da maioria, levando a todos a uma

catástrofe já delineada. Para modificar esse status quo há necessidade, como afirma o próprio Morin, de que: “A relação do ser humano com a natureza e o Planeta não pode ser concebida de um modo redutor nem separada, como se depreende da noção de globalização, porque a Terra não é a soma de elementos disjuntos: o planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade; a relação entre a Terra e a humanidade deve ser concebida como uma entidade planetária e biosférica”.

As belíssimas imagens captadas pelas lentes da máquina de Rodolfo Ward de Oliveira são um registro para a posteridade, em um mundo globalizado da comunicação, que transportam para a necessidade de se contrapor à denominada e tão propaganda homogeneização cultural. As fotografias revelam, sem dúvida nenhuma, as marcas identitárias da coletividade das comunidades visitadas, pois são lugares de resistência, de criatividade e de vivências desconhecidas da maior parte da sociedade.

Parabenizo o Rodolfo, pela publicação desta obra, que demonstra de forma inegável, a importância da fotografia como instrumento de memória e con-

servação de dados e fatos históricos. O registro da passagem de Morin aos 90 anos de idade em terras tocantinenses, neste foto-livro, torna-se uma das formas mais impactantes de preservar fragmentos desse acontecimento histórico. Como diz Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*: “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão”. A publicação desse belíssimo livro permitirá àqueles que vivenciaram o momento, recordar e a todos os demais tomar conhecimento desses memoráveis encontros de Edgar Morin em sua passagem pelo Tocantins.

Wolfgang Teske  
 Jornalista, Educador, Teólogo e  
 Mestre em Ciências do  
 Ambiente/Cultura e Meio Ambiente. Professor universitário.  
 Membro da Academia Palmense de Letras.  
 wolf\_teske@hotmail.com; professorsteskeuft@gmail.com

## POSTFACE

Pour moi, c’est une énorme satisfaction et joie d’écrire une postface dans un livre-photo du jeune et talentueux photographe Rodolfo Ward de Oliveira, qui retrace le voyage de l’illustre penseur, philosophe et chercheur émérite du Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) et président de l’Association Internationale pour la Pensée Complexe, le Dr Edgar Morin, dans l’Etat du Tocantins, quand il a participé au Séminaire International Crise Civilisationnelle: Regards Distincts à l’Université Fédérale du Tocantins (UFT), du 22 au 24 juin 2009. Une occasion spéciale, pour être honoré avec la concession d’un Titre “Honoris Causa”, par l’UFT.

Pendant son voyage au Brésil et dans l’Etat du Tocantins, il a visité aussi des communautés Quilombolas et des peuples indigènes, spécialement les Xerentes, localisés à Tocantina-TO. Je me sens à l’aise pour écrire ces lignes car j’ai participé activement au Séminaire International, écoutant les conférences et les interventions de l’illustre visiteur, le Dr. Edgar Morin, car il faut le préciser, ses oeuvres sont des sources bibliographiques des recherches que je développe depuis les dernières années, spécialement

dans les communautés quilombolas.

De plus, je connais Rodolfo, ami talentueux, depuis de nombreuses années, depuis son enfance et adolescence, ayant été un grand ami de déjà décédé son père, le Dr. Hertz Ward de Oliveira. Ce fut avec joie que j'ai accompagné le travail de ce jeune homme, maintenant photographe professionnel, in loco, gravant les moments qui resteront éternels dans l'histoire à travers de ce photolivres. Les images prises révèlent le regard et la perception de celui-ci, devant un personnage qui a réussi et qui fait réfléchir des chercheurs dans le monde entier à la pensée complexe.

En photographiant Morin, Rodolfo représente non seulement l'illustre personnage, mais aussi insère un contexte dans tout, que représente son idéologie et son travail en relation avec la diversité culturelle. Dans ce cas spécifique, lors de son voyage dans l'État du Tocantins, avec une attention particulière aux communautés quilombolas et indigènes. Morin, dans ses œuvres, établit des lignes d'action qui doivent être guidées par la créativité dans la résolution de problèmes, devant autant d'inégalité qui existe dans l'humanité actuelle. Monde marqué par l'exclusion et qui a besoin d'inclusion, où l'on traite avec

la joie, la tristesse, la frustration et le succès. Au-dessus de tout, dans un monde marqué par des avancées technologiques et des connaissances jamais expérimentées auparavant, mais qui, à leur tour, malgré l'hyperspécialisation qui fragmente les connaissances, est souvent incapable de proposer des solutions pour les questions essentielles.

Morin, noble et illustre penseur, photographié pendant le Séminaire International Crise Civilisationnelle : Regards Distincts, à l'Université Fédérale du Tocantins, une nouvelle université dans un État nouveau, localisée dans une région qui, il y a quelques années était abandonnée et connue comme la partie pauvre de l'État de Goiás, démontre une syntonie, exactement comme cette région, avec la nécessité, tout comme l'assure le "Manifesto Tocantin" élaboré à la fin de l'événement, que: "Nos décisions et actions apporteront des conséquences aux générations futures, exigeant, dans l'immédiat, une solidarité intergénérationnelle."

Dans la suite d'images de ce livre-photo, il est possible d'observer le soin que Rodolfo a pris pour documenter la rencontre de Morin avec les personnes, groupes et peuples marginalisés, tels que, en recevant le titre de Honoris Causa accompagné de Dona

Raimunda, une simple femme de la campagne, mais leader des “quebra-deiras de coco” (casseurs de noix de coco) et d’influence internationale, ou, en visitant une communauté quilombola, légitimes représentants des esclaves noirs, connus pour leur lutte pour les droits humains, tout comme lors de sa rencontre dans leur village avec les indiens Xerentes. C’est la rencontre de Morin et de ses idées avec la réalité locale, dans une démonstration claire qu’il est nécessaire de chercher de nouveaux chemins, d’autres projets de développement, un autre modèle de monde, dans lequel les peuples, les personnes et civilisations actuellement exclues et marginalisées, peuvent être incluses effectivement.

Morin est un exemple vivant de motivation pour un regard vers le futur de l’humanité, qui exige un changement de perspective, où il y a la nécessité d’un compromis avec le changement politique, l’éthique et l’esthétique. Il n’est plus possible de persister et de donner continuité à un modèle qui garantit des privilèges à quelques-uns et promeut la misère économique, humaine et environnementale de la majorité, entraînant tout le monde vers une catastrophe déjà définie. Pour modifier ce status quo il est nécessaire, comme l’affirme Morin lui-même, que : “La relation de l’être humain

avec la nature et la Planète ne peut être conçue d’un mode réducteur ni séparée, comme éloignée de la notion de globalisation, parce que la Terre n’est pas la somme d’éléments disjoints : la planète physique, plus la biosphère, plus l’humanité ; la relation entre la Terre et l’humanité doit être conçue comme une entité planétaire et biosphérique”.

Les superbes images captées par les lentilles de l’appareil photo de Rodolfo Ward de Oliveira sont un document pour la postérité dans un monde globalisé de la communication, qui mène à la nécessité de s’opposer à l’homogénéisation culturelle dénoncée et tellement propagée. Les photos révèlent sans aucun doute les marques identitaires de la collectivité des communautés visitées, car ce sont des lieux de résistance, de créativité et d’existences méconnues de la grande majorité de la société.

Je félicite Rodolfo, pour la publication de cette oeuvre, qui démontre de forme inégalée, l’importance de la photographie comme instrument de mémoire et de conservation de données et faits historiques. Le souvenir du passage de Morin à l’âge de 90 ans dans les territoires du Tocantins, dans ce livre-photo, devient une des formes les plus fortes de préserver des fragments de cet événement historique.

Comme le dit Ecléa Bosi dans son livre *Mémoire et Société : souvenir de vieux* : “Nous sommes, de notre souvenir, seulement un témoin qui, parfois, ne croit pas ses propres yeux et fait constamment appel à un autre pour confirmer notre vision”. La publication de ce superbe livre permettra à ceux qui ont vécu le moment, de se rappeler et à tous les autres de prendre connaissan-

ce de ces rencontres mémorables d’Edgar Morin lors de son passage dans le Tocantins.

Wolfgang Teske – Journaliste,  
Educateur, Théologien  
et Maître en Sciences de  
l’Environnement/Culture.  
Professeur universitaire.  
Membre de l’Académie de  
Palmas de Lettres.  
wolf\_teske@hotmail.com;  
professorteskeuft@gmail.com



*Urucum*





*Pintura corporal da  
nova família*

*Body painting with the  
new family*

*Peinture corporelle de la  
nouvelle famille*



*Ritual de Batismo*

*Baptism ritual*

*Rituel du Baptisme*



*Ritual de Batismo*

*Baptism ritual*

*Rituel du Baptisme*



*Apresentação da nova  
família*

*Présentation de la nouvelle  
famille*

*Presentation of the new  
family*

## POSTSCRIPT

It is a great satisfaction and joy to me to write the postscript of the photobook of young and talented photographer Rodolfo Ward de Oliveira, which portrays the journey of the famous thinker, philosopher and emeritus researcher of the National Centre of Scientific Research (CNRS) and President of the International Association for Complex Thought, PhD. Edgar Morin, to Tocantins, when he participated in the International Seminar on Civilizational Crisis: Different views, in the Federal University of Tocantins (UFT), from 22 to 24 of July of 2009. An special occasion, for being honored with the award of a degree of *Honoris Causa*, by UFT.

During his trip to Brazil and to Tocantins State, he also visited, Quilombola communities and indigenous peoples, specifically the Xerente, located in Tocantínia-TO. I feel very comfortable to write these lines, because I participated actively in the International Seminar, listening to the lectures and seeing interventions of the illustrious visitor, PhD. Edgar Morin, since it is worth pointing out that his works are bibliographic sources of research that I have been developing in recent years, especially with Quilombola communities.

Besides, I have known Rodolfo, a talented friend from many years ago, since his childhood and adolescence, once I was a close friend of his late father, Dr. Hertz Ward de Oliveira. It was with joy that I followed the work of this young, now a professional photographer, on the spot, to record the moments that will be immortalized in history through this photobook. The images show his look and perception, in the face of a character that get and moves researchers around to world to reflect on the complex thought.

By shooting Morin, Rodolfo not only portrays the illustrious character, but inserts him in a context that represents his ideology and work in relation to cultural diversity. In this particular case, during his visit to Tocantins State, with special focus on indigenous and Quilombola communities. Morin, on his works establishes lines of action which should be guided by the creativity in problemsolving, in the face of so many inequalities that exist in humanity today. A world marked by exclusion and that needs inclusion, where deal with joy, sadness, frustration and success. Above all, a world marked by technological advances and knowledge never experienced before, but that, in turn, despite of the hyperspecialization

that fragments the knowledge is, oftentimes, unable to propose solutions to key issues.

Morin, noble and illustrious thinker, to be photographed during the international seminar on Civilizational Crisis: Different Views, at the Federal University of Tocantins, a University of a new State located in a region that a few years ago was marked by abandonment and known as the poor part of the Goiás State, demonstrates a tune, exactly with this region, with the need, as was provided in the Manifest of Tocantins drawn up at the end of the event, that: “Our decisions and actions will bring consequences to future generations, requiring immediate intergenerational solidarity”.

As a result of this photobook images it's possible to see the care that Rodolfo was in documenting the meeting of Morin with people, groups and marginalised people, such as, getting the title of *Honoris Causa* along with Raimunda, an ordinary lady of countryside, however leader of coconut shellers and international influence, or, when visiting a legitimate representatives, Quilombola community of slaves, known by his fight for human rights, as well as, to meet in the village with the Indians Xerente. It's the encounter of Morin's ideas with the local reality, in a clear demonstra-

tion that it's necessary to seek other changing, other development project, another model of the world, in which people and civilizations, today excluded and marginalized, can effectively be included.

Morin is a living example of motivation for a look at the future of mankind, which requires a change of perspective, where there is a need for a commitment to political change, ethics and aesthetics. It is not possible anymore, persist and continue in a model that guarantees privileges to some and promotes economic, environmental and human misery of the majority, leading to an outlined disaster. To change this status quo It's necessary, as stated by Morin that: “The relationship of human beings with nature and the planet cannot be designed in such a way, as if separated or reducer, as we can see the notion of globalization, because the Earth is not the sum of disjoint elements: the physical planet, more biosphere, humanity; the relationship between Earth and humanity must be understood as an entity and planetary biosphere reserve”.

The beautiful images captured through the lens of Rodolfo Ward de Oliveira are a record for posterity, in a globalized world of communication, conveying the need of opposing the propagated

cultural homogenization. The photographs reveal, without a doubt, the identity of the collectivity of the communities visited, as they are places of resistance, creativity and unknown experiences of most of society.

I congratulate Rodolfo by this work, which demonstrates in an undeniable way, the importance of photography as an instrument of memory and data retention and historical facts. The record of the passage of Morin at the age of 90 years old in tocantinenses lands in this photobook, becomes one of the most impactful ways to preserve fragments of this historic event. As said by Ecléa Bosi, in her book *Memory and Society: remembrance of*

elderly: “We are, of our memories, only a witness, that sometimes does not believe in our own eyes and makes constant appeal to the other to confirm our vision”. The publication of this beautiful book will allow to those who have experienced the moment, remember and to the others be aware of these memorable meetings of Edgar Morin in his passage through Tocantins.

Wolfgang Teske  
Journalist, Educator, Theologian and  
Masters in Cultural  
and Environmental Science.  
University Professor.  
Member of the Palmense  
Letters Academy.

wolf\_teske@hotmail.com; professor-  
teskeuft@gmail.com



## MANIFESTO TOCANTINS, 24 DE JUNHO DE 2009

O Seminário Internacional “Crise Civilizacional: Distintos Olhares – Transição de Paradigma de desenvolvimento nos Países do Sul” debateu as diversas possibilidades de “mudança de via” de um modelo de desenvolvimento que, comprovadamente, encontra-se esgotado, pois continua provocando miséria e desigualdades, que colocam em risco as diferentes formas de vida no planeta. Nossas decisões e ações trarão consequências às gerações futuras, exigindo, de imediato uma solidariedade intergeracional.

Apesar de os problemas atingirem dimensões globais, os impactos já se fazem evidentes nas populações do Sul, afetando, principalmente, aqueles que se encontram à margem de qualquer forma de cidadania. As mudanças climáticas provocadas pelo desenvolvimento interferem no presente e no futuro da humanidade.

Os participantes do Seminário buscaram responder, dentre ou-

tras questões, à seguinte pergunta: **OUTRO MUNDO É POSSÍVEL?**

Podemos esperar um devir fraterno nas relações dos diferentes povos e a natureza. Com este espírito, o Seminário refletiu sobre vias possíveis para o nosso futuro.

Essa mudança de via exige um envolvimento comprometido com a política, a ética e a estética. É imperativo romper com o modelo que perpetua a miséria econômica, humana e ambiental, que nos leva a catástrofes previsíveis.

A crise representa uma oportunidade e um estímulo para a construção de outra visão de mundo e o desenho de cenários futuros. Precisamos estar abertos para identificar e dialogar com os distintos olhares que busquem uma definição de novas vias, pautadas na solidariedade e na fraternidade.

A consciência do pertencimento a uma cidadania planetária, baseada em conhecimentos e percepções distintas do problema, exige uma transformação nas relações humanas, como uma metamorfose que possibilita um novo destino da humanidade.



Os riscos mortais que ameçam o nosso planeta Terra são evidentes. O Seminário de Palmas – Tocantins manifesta a necessidade premente de um diálogo cria-

tivo que suporte a complexidade dos problemas abordados a partir da resignificação do mundo, que confere sentido e visibilidade à sua interdependência.

## MANIFESTE TOCANTINS, 24 JUN 2009

Le Séminaire International Crise Civilisationnelle: Regards Différents – Transition de Paradigme de développement dans les Pays du Sud a débattu les différentes possibilités de “changement de direction” d’un modèle de développement qui, comme prouvé, est épuisé, car il continue de provoquer la misère et des inégalités, qui mettent en péril les différentes formes de vie sur la planète. Nos décisions et actions donnerons des conséquences aux générations futures, exigeant, dans l’immédiat, une solidarité intergénérationnelle.

Malgré si les problèmes atteignent des dimensions globales, les impacts se font déjà évidents dans les populations du Sud, affectant, principalement, ceux qui se trouvent à la marge de n’importe quelle forme de citoyenneté. Les changements climatiques provoqués par le développement interfèrent dans le présent et dans le futur de l’humanité.

Les participants du Séminaire ont cherché à répondre, entre d’autres questions, à la question suivante : UN AUTRE MONDE EST-IL POSSIBLE?

Nous pouvons espérer un avenir fraternel dans les relations des différents peuples et la nature. Avec cet esprit, le Séminaire a ré-

fléchi aux chemins possibles pour notre futur.

Ce changement de vie exige une implication compromise avec la politique, l’éthique et l’esthétique. Il est impératif de rompre avec le modèle qui perpétue la misère économique, humaine et environnementale, qui nous mène à des catastrophes prévisibles.

La crise représente une opportunité et un stimulus pour la construction d’une autre vision du monde et le dessin de cadres futurs. Nous devons rester ouverts pour identifier et dialoguer avec les regards différents qui cherchent une définition de nouvelles voies, guidés dans la solidarité et la fraternité.

La conscience de l’appartenance à une citoyenneté planétaire, basée sur les connaissances et les perceptions distinctes du problème, exige une transformation dans les relations humaines, comme une métamorphose qui rend possible un nouveau destin de l’humanité.

Les risques mortels qui menacent notre planète Terre sont évidents. Le Séminaire de Palmas/Tocantins manifeste la nécessité urgente d’un dialogue créatif qui supporte la complexité des problèmes abordés à partir de la resignification du monde, qui apporte un sens et une visibilité à son interdépendance.

## **TOCANTINS MANIFESTO, JUNE 24, 2009**

The International Seminar on “The Crisis of Civilization: Different Viewpoints – Transition in the Development Paradigm for Countries in the Global South” discussed various possibilities of finding a new way forward for a development model that is demonstrably exhausted, causing misery and inequality that threaten the all forms of life on the planet. Since our decisions and actions now will have consequences for future generations, intergenerational solidarity is urgent.

The problems have global dimensions and their impacts are already evident among the people of the South, affecting, principally, those who are denied various forms of citizenship. Climate change caused by development jeopardizes the present and future of humanity.

Participants at the seminar sought to respond to the following overarching question: IS ANOTHER WORLD POSSIBLE?

We can hope for renewed fraternal relations of different peoples and nature.

In this spirit, the seminar participants discussed possible pathways to the future.



This change in course requires commitment to politics, ethics and aesthetics.

It is imperative to break with the model which perpetuates economic, human and environmental misery and generates predictable disasters.

The crisis offers us an opportunity and incentive to construct a different view of the world and re-design future scenarios. We must be prepared to identify and engage in dialog with the different viewpoints that seek new pathways, based on solidarity and fraternity.

The consciousness of being part of planetary citizenship, based

on different knowledge about and perceptions of the problem, requires transformations in human relations, a metamorphosis that makes possible a new destiny of humanity.

The deadly risks that threaten our planet Earth are obvious.

The seminar in Palmas, Tocantins, calls for creative dialogue consistent with the complexity of the issues raised about the new meaning of the world, so as to make better sense of and grant visibility to global interdependence.



*Crianças Xerentes*

**Traduções:** Diretoria de Assuntos Internacionais da Universidade Federal do Tocantins e Centro de Idiomas da Universidade Federal do Tocantins.

**Por:** Marcia Sueli Pereira da Silva Schneider - Diretora de Assuntos Internacionais da UFT.

Thelma Lage - Diretora do Centro de Idiomas da UFT.

Nathália Almeida Marcelo - Acadêmica.

**Revisão de Português:** Greize Alves da Silva Poreli.

**Revisão de Francês:** Rosangela Costa Pereira.

**Tradução de Francês (Marina Silva):** Ivan Cupertino Dutra - Professor do Instituto Federal da Paraíba - IFPB.

**Tradução de Francês (Donald Sawyer):** Florence Dravet - Coordenadora do Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília - UCB.

#### **Autores:**

**Alfredo Pena-Vega:** Professor-pesquisador - Centro Edgar Morin - IIAC-EHESS/CNRS (França).

**Alan Barbiero:** Professor Dr. da Universidade Federal do Tocantins - Secretário do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Tocantins.

**Cristovam Buarque:** Professor, ex-reitor da Universidade de Brasília, Senador pelo Distrito Federal.

**Donald Sawyer:** Professor aposentado do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB) e Assessor Sênior do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). A coleta e análise do material em que este texto está baseado receberam apoio da Cordaid e da União Européia, mas os pontos de vista expressos são de responsabilidade exclusiva do autor.

**Edgar Morin:** Sociólogo, Economista, Filósofo. Licenciado em História e Geografia e Bacharel em Direito (França).

**Elimar Pinheiro do Nascimento:** Sociólogo, professor da UNB, ex-diretor do CDS e membro do conselho científico do Institut International de Recherche Politique des Civilizations.

**Francisco Perna Filho:** Mestre em Estudos Literários - UFG, Poeta e Crítico Literário. Professor da Faculdade Católica do Tocantins e Membro da Academia Palmense de Letras, cadeira 28. Editor da Revista Literária *Banzeiro*: [www.banzeirotextual.blogspot.com](http://www.banzeirotextual.blogspot.com).

**Marcos Terena:** Índio do Pantanal Sulmatogrossense, é escritor e comunicador indígena, e articulador internacional dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

**Marina Silva:** Professora, Ex-Senadora e Ex-Ministra do Meio Ambiente.

**Massimo Canevacci:** Professor de Antropologia Cultural e Arte e Cultura Digital da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Roma *La Sapienza*. Professor Visitante na Universidade de São Paulo (IEA-USP) (Itália)

**Rose Mara Vidal de Souza:** Jornalista. Pesquisadora da Cátedra da Unesco no Brasil, Diretora de Cultura do Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político (Politicom), Pesquisadora do Observatório da Mídia (UFES) e doutora em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo.

**Wolfgang Teske:** Jornalista, Educador, Teólogo e Doutor em Ciências do Ambiente/Cultura e Meio Ambiente. Professor universitário. Membro da Academia Palmense de Letras.

**Rodolfo Ward:** Rodolfo Ward: Programador Visual da Universidade de Brasília - UnB. Doutorando em Arte Contemporânea e Mestre em Artes Visuais pela Universidade de Brasília – UnB, Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo IPOL/UnB, Pós-graduado em Relações Internacionais pelo IREL/UnB, Graduado em Comunicação Social, Tecnólogo em Fotografia, Autor do livro *Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na Comunicação*, editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT. e-mail: [ramwo@hotmail.com](mailto:ramwo@hotmail.com) / [rodolfoward.unb@unb.br](mailto:rodolfoward.unb@unb.br).



## RODOLFO WARD

Pioneiro na cidade de Palmas - TO, chegou em 1989 com sua família quando iniciou-se a construção da Cidade. Filho do primeiro Médico e da primeira Enfermeira de Palmas, cresceu em meio aos canteiros de obras da mais nova capital do Brasil e presenciou a formação da comunidade que em pouco tempo se tornou a sociedade Palmense. Hoje, Doutorando e Mestre em Arte Contemporânea, na linha de pesquisa Arte e Tecnologia pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília – IDA/UnB, Pós-graduando em Relações Internacionais pelo IREL/UnB, Pós-graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo IPOL/UnB e graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, o artista e pesquisador Rodolfo Ward já participou de diversas atividades na área acadêmica, de artes visuais e produção audiovisual com destaque para 21st International Conference on Human-Computer Interaction-HCI International, no Walt Disney WorldSwan and Dolphin Resort, Orlando, Florida, em 2019 e as exposições coletiva do 16º, 17º e 18º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (ART), no Museu Nacional da República, 2017/2018 e em Lisboa em 2019. Produziu o vídeo documentário de 30 anos do



*Pioneiros em frente a Sede do Governo do Estado - Palacinho (1989).*



Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - Ceam/UnB. Participou da exposição coletiva do Brasília Photo Show no Brasília Shopping, Terraço Shopping, JK Shopping e Taguatinga Shopping, todas em 2017. Autor do livro *Narrativas e Representatividades: a interdisciplinaridade na comunicação*, editado pela Editora da Universidade Federal do Tocantins – EDUFT, lançado em 2017, na cidade de Porto Nacional - TO. Finalista e expositor no concurso Looking Beyond realizado pela Yellow House, no Elephant Castle, em Londres-UK, 2016/2017. Selecionado para o Festival Mês da Fotografia, no Museu Nacional da República (2016). Vencedor do concurso fotográfico – Minha Foto um Postal – realizado pela Prefeitura de Palmas - TO, 2016. Em 2013 foi contemplado no Edital Corredor Cultural da Universidade Federal do Tocantins - UFT, com o projeto Flores Tropicais de Palmas. Teve 2 obras selecionadas no concurso Fotográ-

ficoPalmas minha cidade (2012). Realizou a primeira Exposição de Fotografias exclusivamente feitas e tratadas por celular do estado do Tocantins, no Sesc, Palmas. No ano de 2011 foi selecionado para participar da exposição coletiva de artes visuais em comemoração ao aniversário de Palmas e para expor na Feira Literária Internacional do Tocantins – Flit – sendo o único representante da fotografia. Realizou exposição Flores Tropicais de Palmas: a Poesia da Imagem, as Cores e Formas da Vida, na galeria de arte Magenta, e no Festival Internacional de Cinema Ambiental – FICA, na cidade de Goiás Velho em 2009. Neste mesmo ano participou de várias produções artísticas contemporâneas com destaque para a Peça: “Na Palma dos Olhos”, Prêmio Funarte de dança 2009 e “Sol nos Olhos”, Prêmio Funartede Teatro 2009. Foi primeiro secretário da Associação de Artistas Visuais do Tocantins – Avisto e integrante do Conselho Municipal de Cultura de Palmas - TO.



*Rodolfo Ward, Hertz Ward de Oliveira, primeiro médico de Palmas e José Wagner Praxedes, conselheiro do TCE na sede do Governo (1989).*

A pioneer in the city of Palmas-TO, he arrived in 1989 with his family when construction began on the city. Son of the first doctor and the first nurse of Palmas, grew up among the construction sites of the newest capital of Brazil and witnessed the formation of the community that soon became the society Palmense. Today, PhD Student and Master in Contemporary Art, in the research line Art and Technology at the Institute of Arts of the University of Brasilia-IDA / UnB, Postgraduate in International Relations at IREL / UnB, Postgraduate in Political Analysis and Public Policy at IPOL / UnB and graduated in Social Communication - Advertising and Advertising, the research artist Rodolfo Ward has participated in several activities in the academic, visual arts and audiovisual production areas, especially the 21st International Conference



*Primeiro Posto de Saúde de Palmas-TO*

on Human-Computer Interaction-HCI International, at Walt Disney World Swan and Dolphin Resort, Orlando, Florida, 2019 and the 16th, 17th and 18th International Art and Technology (ART) Collective Exhibitions at the National Museum of the Republic, 2017/2018 and Lisbon in 2019. Produced the video 30-year-old documentary from the Center for Advanced Multidisciplinary Studies - Ceam / UnB. Participated in the collective exhibition of Brasilia Photo Show at Brasilia Shopping, Terraço Shopping, JK Shopping and Taguatinga Shopping, all in 2017. Author of the book *Narratives and Representativities: interdisciplinarity in communication*, published by the Publisher of the Federal University of Tocantins - EDUFT, launched in 2017 in the city of Porto Nacional-TO. Finalist and exhibitor at the Looking Beyond competition held

by Yellow House at Elephant Castle, Londres-UK, 2016/2017. Selected for the Month of Photography Festival at the National Museum of the Republic (2016). Winner of the photographic contest - Minha Foto a Postcard - held by Palmas-TO City Hall, 2016. In 2013 he was awarded the Cultural Corridor Notice of the Federal University of Tocantins - UFT, with the project Tropical Flowers of Palmas. There were 2 works selected in the Photographic Palms My City contest (2012). Held the first Exhibition of Photos exclusively made and treated by cell phone from the state of Tocantins, at Sesc, Palmas. In 2011 he was selected to participate in the collective exhibition of visual arts in celebration of Palmas' birthday and

to exhibit at the Tocantins International Literary Fair - Flit - being the sole representative of photography. Held an exhibition Tropical Flowers of Palmas: Poetry of Image, Colors and Forms of Life, at the Magenta art gallery, and at the International Environmental Film Festival - FICA, in the city of Goiás Velho, in 2009. In the same year she participated in several productions. Contemporary artists with emphasis on the piece: " Na Palma dos Olhos ", Funarte Dance Award 2009 and " Sol nos Olhos ", Funarte Theater Award 2009. He was first secretary of the Tocantins Visual Artists Association - Avisto and member of the Municipal Council of Culture of Palmas-TO.

*Wawekrurê: Distintos olhares*, de Rodolfo Ward (organizador),  
foi composto em Garamond, corpo 13/15 e impresso em papel Polen Soft 80g/m<sup>2</sup>,  
nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF  
em Brasília. Acabou-se de imprimir em setembro de 2019,  
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico  
do Conselho Editorial do Senado Federal.



*Este fotolivro é uma obra contemporânea, interdisciplinar, diferente de padrões de publicações com caráter unicamente disciplinar e/ou científico. É uma obra autoral, cultural, histórica que pretende ter uma estética potencializada e produzida a partir da opinião pessoal dos diversos autores convidados. Uma obra trilingue, português, inglês e francês, fruto do Seminário Internacional Crises Civilizacionais - Distintos olhares, que ocorreu em 2009, realizado na Universidade Federal do Tocantins. Na ocasião, o filósofo e pensador Edgar Morin realizou um sonho que ainda não havia conseguido concretizar em suas várias passagens pelo Brasil: visitou duas aldeias indígenas e um quilombo e foi acompanhado de perto pelas lentes do artista contemporâneo Rodolfo Ward.*

*As fotografias apresentadas retratam este fragmento histórico sobre personagens visíveis e IN-visíveis que compuseram e compõem a história do Tocantins. São, além da figura de Morin, e dos outros pesquisadores de renome internacional, moradores das Aldeias Xerentes, Porteira e Salto, localizadas no município de Tocantínia e moradores do Quilombo Malhadinha, localizado em Brejinho do Nazaré. Personagens que fazem parte da cultura local e, no entanto, ficam IN-visíveis por não estarem inseridos no contexto social das grandes cidades ou do ciberespaço. As fotografias tematizam RASTROS DE MEMÓRIA FUTURA, visto que os registros foram feitos no passado, criando uma discussão no presente e servirão de referência, no futuro, aos interessados no assunto.*

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: [livraria.senado.leg.br](http://livraria.senado.leg.br)

SENADO FEDERAL

